

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

MARCO AURÉLIO DE SOUSA MENDES

**A PERSONAGEM EM FERNANDO CESÁRIO, LUIZ RUFFATO E RONALDO
CAGIANO:
ALTERIDADE E DESENRAIZAMENTO EM TRÊS UNIVERSOS**

Rio de Janeiro

Dezembro2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**A PERSONAGEM EM FERNANDO CESÁRIO, LUIZ RUFFATO E RONALDO
CAGIANO:
ALTERIDADE E DESENRAIZAMENTO EM TRÊS UNIVERSOS**

MARCO AURÉLIO DE SOUSA MENDES

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Literatura Brasileira da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro como quesito para a obtenção de título de Doutor em Letras Vernáculas (Literatura Brasileira)

Orientadora: Professora Doutora Rosa Maria de Carvalho Gens

**Universidade Federal do Rio de Janeiro
Dezembro de 2009**

A PERSONAGEM EM FERNANDO CESÁRIO, LUIZ RUFFATO E RONALDO
CAGIANO:
ALTERIDADE E DESENRAIZAMENTO EM TRÊS UNIVERSOS

Marco Aurélio de Sousa Mendes

Orientadora: Profa. Doutora Rosa Maria de Carvalho Gens

Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro — UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Letras Vernáculas (Literatura Brasileira).

Examinada por:

Presidente: Professora Doutora Rosa Gens

Professor Doutor Antônio Carlos Secchin

Professora Doutora Nícea Helena de Almeida Nogueira

Professora Doutora Terezinha Maria Scher Pereira

Professor Doutor Godofredo de Oliveira Neto

Rio de Janeiro
Dezembro de 2009

FICHA CATALOGRÁFICA

Mendes, Marco Aurélio de Sousa.

A personagem em Fernando Cesário, Luiz Ruffato e Ronaldo Cagiano: Alteridade e desenraizamento em três universos/ Marco Aurélio de Sousa Mendes. – Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2009.

xi,178 f; 30cm

Orientadora: Rosa de Carvalho Gens

Tese (doutorado) — UFRJ/Faculdade de Letras/ Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Área: Literatura Brasileira, 2008.

Referências Bibliográficas: f. 162-166

1- Alguns aspectos teóricos 2- Mundos distintos com histórias em comum 3- Narrativas de desenraizamento 4- Mulher, estranha minoria 5- Outros tantos marginalizados 6- Espaço urbano: cenário e personagem I. Gens, Rosa de Carvalho. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Área: Literatura Brasileira. III. Título

DEDICATÓRIAS

A Márcia, amiga insubstituível.

A Ivan, presença indispensável.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Rosa Gens por ter acreditado em mim e ser uma força a me conduzir suavemente.

Agradeço a meus pais pelo apoio e pelo fato de estarem sempre disponíveis, não importando qual seja a situação.

Também não poderia esquecer minha amiga Adriana Assis Rosa Ronzani, que divide comigo as alegrias e labutas do magistério.

Um gueto não é um viveiro de sentimentos comunitários. É, ao contrário, um laboratório de desintegração social, de atomização e de anomia.

(Zygmunt Bauman. *Comunidade*, p.111)

RESUMO

A PERSONAGEM EM FERNANDO CESÁRIO, LUIZ RUFFATO E RONALDO CAGIANO: ALTERIDADE E DESENRAIZAMENTO EM TRÊS UNIVERSOS

Marco Aurélio de Sousa Mendes

Resumo da Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro — UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Letras Vernáculas (Literatura Brasileira).

Este trabalho tem como objetivo demonstrar que a temática do desenraizamento e a questão da alteridade são características definidoras das obras *Alma de violino*, de Fernando Cesário, *Dezembro indigesto*, de Ronaldo Cagiano e *eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato. A abordagem é feita através de um estudo das personagens. O estudo se exime da tarefa de estabelecer comparações entre as obras, mas opta por analisar a forma como os autores inserem os aspectos temáticos na estruturação das criaturas engendradas por eles. Há um esforço para se confirmar a prevalência de personagens marginalizados, que provocam estranhamento, ou sofrem por não conseguirem uma inclusão no meio em que vivem. Procura-se evidenciar como as minorias — negros, homossexuais, ciganos, loucos e mulheres — são retratadas. Um enfoque especial é concedido à observação da maneira como se estruturam as figuras femininas. Existe também a intenção de investigar o papel que o espaço ficcional desempenha nas narrativas e a tentativa de comprovar que as cidades retratadas nas obras ultrapassam a dimensão de cenário, tomando parte ativa na condução dos eventos.

Palavras-chave: alteridade, personagens, estranhamento, desenraizamento.

ABSTRACT

A PERSONAGEM EM FERNANDO CESÁRIO, LUIZ RUFFATO E RONALDO
CAGIANO:
ALTERIDADE E DESENRAIZAMENTO EM TRÊS UNIVERSOS

Marco Aurélio de Sousa Mendes

Abstract da Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro — UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Letras Vernáculas (Literatura Brasileira).

This paper aims to demonstrate that topics such as unrootment and alterity are determining features in the books *Alma de violino* by Fernando Cesário, *Dezembro indigesto* by Ronaldo Cagiano and *eles eram muitos cavalos* by Luiz Ruffato. The approach on the works is carried out through a study of the characters. There is no interest in making comparisons among the texts. We try to analyze how the authors insert such topics when they structure their fictional beings. An effort is made in order to prove that the prevalence of outsiders, people who cannot fit in or are considered to be uncanny is a fact. It is shown how the minorities — blacks, homosexuals, gypsies, mentally insane people and women — are depicted. A special regard is given to feminine characters. There is also the purpose to investigate the role of the setting in the narratives. The cities are presented as something that goes beyond their traditional role. They take part in the action and interfere in the facts.

Keywords: alterity, characters, unrootment, uncanny.

Rio de Janeiro
Dezembro de 2009

SINOPSE

Alteridade e suas facetas em textos de Luiz Ruffato, Ronaldo Cagiano e Fernando Cesário. A ficção como espelho do real. O estranho: a presença de desconfiança e intimidade na elaboração de personagens femininos, condição desconcertante. Desenraizamento: aculturação, transculturação e sentimento de exílio como características de conflito. A representação dos excluídos. Brasil urbano, universo ficcional conflagrado: personagem-cenário.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO — p. 11

1. ALGUNS ASPECTOS TEÓRICOS — p. 17

2. MUNDOS DISTINTOS COM HISTÓRIAS EM COMUM — p. 27

2.1- *eles eram muitos cavalos*, um romance? — p. 27

2.2- *Alma de violino*: memórias de um auto-exílio — p. 38

2.3- Engajamento e desilusão num *Dezembro indigesto* — p. 46

3. NARRATIVAS DE DESENRAIZAMENTO — p. 57

3.1- Desculturados e desprovidos, sem passado nem futuro — p. 59

3.2- O autoexílio de um desenraizado — p. 66

3.3- Outros matizes do desenraizamento — p. 73

4. MULHER, ESTRANHA MINORIA — p.85

4.1- Um trono cada vez menos almejado — p. 88

4.2- Novas batalhas no lar e fora dele — p. 92

4.3- O estranho: medo e repúdio — p. 98

5. OUTROS TANTOS MARGINALIZADOS — p. 108

5.1- As representações do negro — p. 109

5.2- A marginalização da homossexualidade — p. 116

5.3- A ameaça cigana — p. 119

5.4- Loucos, perturbadores e mal compreendidos — p. 121

5.5- Convertidos, mas não necessariamente fundamentalistas — p. 125

5.6- Profissão antiga — p. 128

6. ESPAÇO URBANO: CENÁRIO E PERSONAGEM — p. 132

6.1- Um violinista que não ouve a música das ruas — p. 135

6.2- A arquitetura da cidade do príncipe e a alma de uma outra — p. 138

6.3- São Paulo: última parada — p. 148

CONSIDERAÇÕES FINAIS — p. 157

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS — p. 162

ANEXOS — p. 167

Anexo 1 — p. 168

Anexo 2 — p. 171

Anexo 3 — p. 174

INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho é examinar obras em prosa de três autores brasileiros contemporâneos abordando as temáticas da identidade, da alteridade e do desenraizamento. Escolheu-se um *corpus* formado por narrativas ficcionais de escritores que compartilham uma história: Luiz Ruffato, Fernando Cesário e Ronaldo Cagiano. Oriundos de Cataguases, Minas Gerais, pertencem à mesma geração, sofreram influências semelhantes e limitações impostas por questões geográficas. Apesar de até o momento não haver estudos a indicar que esses escritores formem um grupo cujas obras apresentem características em comum ou que tenham conscientemente estabelecido uma trajetória literária com ideais similares, sabe-se que mantêm próxima relação de amizade, além de comprovadas colaborações profissionais. Foram realizadas entrevistas (ver anexos) nas quais os escritores discorrem sobre o fazer literário, herança cultural e influências recíprocas

Fernando Cesário é o único do trio a não ser natural de Cataguases. É carioca, nascido em 17 de abril de 1955. No entanto, muda-se para a cidade mineira nos primeiros meses de vida, ausentando-se somente durante o período em que esteve cursando Medicina. Terminados os estudos, retorna à cidade adotiva, lá fixando residência e dedicando-se à área médica e à literatura. Seu primeiro romance — *Algozes do sono* —, é lançado em 2000. A estreia do médico conta com o apoio de Ronaldo Cagiano e Luiz Ruffato, responsáveis por textos de apresentação de autor e obra. Impressa por uma casa editorial de Juiz de Fora, a edições d’lira, a obra não obtém grande repercussão fora do circuito literário mineiro. Em 2004, o segundo romance de Cesário chega às livrarias. Dessa vez o talento do autor é reconhecido pela comissão julgadora do concurso “Romance do Servidor Público” da Fundação Escola de Serviço Público do Rio de Janeiro. A obra *Alma de violino* sai vencedora do Prêmio Lima Barreto, ganhando o direito de ser publicada pela editora da fundação.

Luiz Ruffato é natural de Cataguases, tendo nascido em 4 de fevereiro de 1961. Sai do

lugar antes de completar vinte anos, dirigindo-se inicialmente a Juiz de Fora, onde gradua-se em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora. A seguir, muda-se para São Paulo, cidade que escolhe como moradia definitiva. Lá exerce durante anos a profissão de jornalista até abraçar em tempo integral a literatura. À primeira obra publicada — *História de remorsos e rancores* —, de 1998, segue-se *Os sobreviventes* em 2000, laureada com o prêmio Casa de Las Américas. Trata-se de coletâneas de contos e ambas são publicadas pela Boitempo Editorial. Em 2001, pela mesma editora, lança *eles eram muitos cavalos*. Com esse romance o autor ganha os prêmios APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte) e Machado de Assis da Fundação Biblioteca Nacional. Traduzida em diversos idiomas, a obra é editada em países como Itália (Milão, Bevino Editore, 2003), França (Paris, Métailié, 2005) e também conta com uma edição portuguesa (Espinho, Quadrante, 2006). Em 2005, dessa vez pela Editora Record, Luiz Ruffato inicia a série *Inferno provisório*, composta de cinco volumes. Os primeiros são *Mamma, son tanto felice* e *O mundo inimigo*. Depois destes vêm *Vista parcial da noite* e *O livro das impossibilidades*. Em setembro de 2009, chega às livrarias *estive em Lisboa e lembrei de você*. Publicado pela Companhia das Letras, o romance conta as aventuras de um brasileiro em terras portuguesas. O autor também aventura-se fora da ficção. Em 2002 escreve um livro de poemas, *As máscaras singulares* (Boitempo) e o ensaio *Os Ases de Cataguases* (Instituto Francisca de Souza Peixoto) no qual resgata histórias e personagens do movimento modernista.

Ronaldo Cagiano Barbosa é cataguasense, nascido em 15 de abril de 1961. Viveu em Minas Gerais até 1979, quando se mudou para a capital do país, lá permanecendo até a recente transferência para São Paulo. Formado em Direito, é funcionário da Caixa Econômica Federal desde 1982. O escritor colabora em diversos jornais e revistas das mais diferentes partes do Brasil e do exterior. Dentre os periódicos em que publica os trabalhos, destacam-se: *Jornal do Brasil*, *Correio Braziliense* e *Jornal de Brasília*. Além de poeta e ficcionista, Cagiano dedica-se à produção de ensaios e textos críticos. As obras poéticas publicadas são:

Palavra engajada (Ed. Scortecci, 1989), *Colheita amarga & outras angústias* (Ed. Scortecci, 1990), *Exílio* (Ed. Scortecci, 1990), *Palavracesa* (Ed. Cataguases, 1994) e *Canção dentro da noite* (Ed. Thesaurus, 1997). No terreno da crítica literária, contribuiu com a obra *Prismas – literatura e outros temas* (Ed. Thesaurus, 1997) e dedicou-se também à literatura infanto-juvenil com *O prazer da leitura* (Ed. Thesaurus, 1997) e *Espelho, espelho meu* (Ed. Thesaurus, 2000), ambos em parceria; o primeiro com Jacinto Guerra e o segundo com Joilson Portocalvo. Entretanto, é através dos contos que Cagiano consegue maior projeção. Agraciado com o primeiro lugar no concurso bolsa Brasília de Produção Literária 2001, com a coletânea *Dezembro indigesto*, tem a obra publicada em 2002 pela Secretaria do Estado de Cultura. Os dois livros de contos mais recentes são *Concertos para arranha-céus* (LGE, 2004) e *Dicionário de pequenas solidões* (Língua Geral, 2006).

A opção tanto pelo assunto quanto pelos autores se origina em interesses de ordem pessoal, já que desde a graduação e também na dissertação de mestrado pesquiso autores cataguasenses que, de alguma maneira, estão ligados a aspectos da alteridade. A preocupação com o outro, a postura crítica em relação à maneira como as minorias de toda espécie são tratadas pela sociedade e representadas na literatura são questões causadoras de profundo incômodo, e vêm acirrando-me a curiosidade investigativa. A insistência em estudar autores provenientes de outros círculos que não os do eixo Rio-São Paulo se coaduna com o tema, porquanto eles tiveram de vencer barreiras ainda mais complicadas que as normalmente enfrentadas por escritores iniciantes no Brasil das grandes metrópoles. Acrescente-se a isso uma profunda admiração pela tradição literária de Cataguases, que, ao desafiar todos os obstáculos obviamente advindos do isolamento, continua sólida e profícua. Inexpressiva econômica e culturalmente até o princípio do século XX, a cidadezinha industrializou-se graças a recursos da cafeeira, destacando-se quando comparada a outros pequenos centros que mantiveram intacta a dependência em relação ao café. O ambiente urbano economicamente auspicioso fomentou uma classe média opulenta e capital suficiente para que

a produção cultural pudesse florescer. Surgiu a revista *Verde*, de inegável expressividade no cenário literário da fase inaugural do modernismo brasileiro e, paralelamente à revista, um passo importante para a cinematografia nacional firmou-se ali com a produção dos filmes de Humberto Mauro. Sem dúvida esse foi um período produtivamente superior a todos os outros que a cidade viveria a partir de então, no entanto, não foi, de forma alguma, um momento isolado. O culto à arte continuou e perdura até hoje. Ali o cidadão comum dispõe, para deleitar-se, de uma grande quantidade de obras de arte: jardins de Burle Marx, construções projetadas por Oscar Niemeyer e painéis de pintores de renome. No campo literário não é diferente, tanto que agora três dentre tantos autores cataguasenses são objetos do estudo em questão. De Luiz Ruffato analisar-se-á o romance *eles eram muitos cavalos*; de Fernando Cesário, *Alma de violino* e de Ronaldo Cagiano, os contos apresentados em *Dezembro indigesto*. A opção pelos títulos deve-se ao fato de serem eles os trabalhos mais representativos de cada autor respectivamente em termos de repercussão na mídia e reconhecimento da crítica especializada. Todos foram objeto de premiação quer em âmbito nacional quer internacionalmente. Merece destaque o fato de as produções terem um dado que as une: foram publicadas em um período cronológico bastante próximo — os primeiros anos do novo milênio. Consegue-se assim fazer um recorte temporal facilitador da concretização de aferições mais precisas acerca do tema proposto.

Busca-se levar a cabo o estudo das temáticas mencionadas por meio da observação das personagens. Não há o objetivo de estabelecer comparações entre as produções, mas sim de demonstrar que alteridade, estranhamento e predileção por personagens marginais são traços definidores nas obras. Um painel que possa acrescentar dados e favorecer a compreensão da sociedade brasileira tendo como ponto de partida a produção literária é também apresentado.

Os universos narrativos nos quais as personagens abordadas se inserem são circunscritos a espaços geográfico e temporal restritos: o Brasil urbano das últimas décadas do século XX até o início do novo milênio. As personagens compartilham dimensões físicas

assemelhadas, no entanto são caracterizadas de forma a evidenciar a pluralidade e a multifacetação do país e as tensões oriundas dessas circunstâncias.

O primeiro capítulo tem como eixo uma sucinta, porém, espera-se, elucidativa apresentação das principais fontes teóricas que forneceram bases para a elaboração desta pesquisa. O capítulo seguinte faz uma apresentação das obras analisadas. São descritas as tramas que proporcionam ao leitor o conhecimento das personagens. Cada livro encontra-se descrito separadamente, com o propósito de explicitar os diferentes trabalhos.

O fenômeno do desenraizamento é discutido com especial atenção no capítulo 3. Por todo o Brasil, um acontecimento de impacto determinante na estrutura social ocorreu em meados do século XX: o êxodo rural. Expulsa de pequenas comunidades de origem devido a pressões pela sobrevivência, uma imensa parcela da população se deslocou para os centros urbanos em busca de dias melhores. No entanto não houve uma acomodação satisfatória para esses grupos. Muitos se encontram alienados do processo de ascensão econômica. Além disso, ressentem-se do abandono de identidades culturais e da não incorporação de valores que as substituam. As personagens de Ruffato, Cagiano e Cesário são perpassadas por essa condição, daí a pertinência de abordá-las sob o enfoque da teoria do desenraizamento. Quem são, como aparecem construídas e suas respostas às tramas constituem questões a se analisar.

Um trabalho que busque o entendimento da alteridade estaria incompleto caso não contasse com um aprofundamento da questão da mulher. O quarto capítulo é uma tentativa de compreender parte dessa problemática. Pretende-se mostrar como as personagens femininas refletem na literatura aquilo que se percebe das mulheres fora da ficção. Não são simplesmente vítimas, mas personagens complexas que desempenham os mais variados papéis. O feminino como elemento desencadeador de conflitos e medos é temática recorrente na literatura brasileira: os olhos de cigana oblíqua e dissimulada não se fecharam com a morte de Capitu. Ao contrário, continuam a povoar mentes e obras, como poderá ser observado.

Outras figuras estranhas ou indesejáveis povoam os universos ficcionais das três obras.

O capítulo 5 tem o objetivo de apontá-las. São minorias que, colocadas lado a lado, formam o quadro descontínuo da sociedade brasileira. Aparecem negros, ciganos, homossexuais, loucos, enfim, um leque de grupos minoritários que, em conjunto, assumem dimensão muito maior.

Análises de estrutura interna tanto de contos quanto de romances sempre levam em consideração aspectos como ação, trama, tempo, personagens e espaço. Esse último item merece uma atenção diferenciada no sexto capítulo. Três cidades se destacam nas narrativas investigadas: São Paulo, Cataguases e Brasília. Não são somente cenários onde se desenrolam tramas, pois atuam de forma determinante na condução dos eventos descritos. Têm, em vários momentos, vida própria: oprimem, estimulam, expulsam, condenam e deprimem. O tempo em que se vive agora, e, nesse caso, não se trata de elemento da narrativa, encontra a humanidade pela primeira vez na história habitando majoritariamente cidades. Esse fenômeno, alardeado abundantemente por geógrafos e pela mídia, reflete-se na literatura de maneira crucial. Pode-se dizer que passam, como aqui, sim, é o caso, os centros urbanos a se verem transformados em efetivas personagens.

1 ALGUNS ASPECTOS TEÓRICOS

A maneira de se realizar a interpelação às personagens nas obras de Fernando Cesário, Luiz Ruffato e Ronaldo Cagiano foi determinada pelas teorias propostas por autores que têm desempenhado influência marcante em estudos literários e culturais. A psicanálise aparece como ferramenta elucidativa através do texto *O estranho* de Sigmund Freud, aliada, principalmente, a estudos sociológicos de intelectuais como Tzvetan Todorov, Zygmunt Bauman, Emmanuel Lévinas e Stuart Hall. É importante ressaltar que este estudo busca traçar conexões entre a produção literária, o objeto primordial de investigação, e outras manifestações de indagação intelectual a respeito da vida nas sociedades humanas.

O problema da identidade tem sido exaustivamente abordado e discutido em variados fóruns. Fala-se em identidade de grupo, individual, de destino, de vida, criada, forjada, atribuída e subtraída. É relevante focalizar, principalmente, o esforço feito pelos nascentes estados modernos que tiveram de enfrentar o desafio de criar uma ordem em que as sociedades de familiaridade mútua deixassem de ser a referência social máxima, e de estabelecer um novo pacto a basear-se na idéia de nação. No entanto, essa construção já não se justifica no mundo contemporâneo. A globalização faz com que se perceba o Estado não mais como detentor da capacidade nem mesmo como sujeito da vontade de preservar um elo firme e indissolúvel com a idéia de nação. Além disso, tem-se a sensação de que as pessoas, pateticamente buscando um referencial com que possam se identificar, só experienciam insegurança. Evidencia-se o esfacelamento das estruturas definidoras tradicionais, e o vácuo deixado provoca angústias e reações adversas. A desestruturação da identidade tanto individual quanto de grupo é fato comprovado. Em contrapartida, há um esforço de se agarrar ao que resta dela, e uma das formas encontradas por diversos indivíduos é a invenção de uma nova, baseada na oposição, na fabricação de um elemento que se contraponha à ideia que determinado grupo tem de si mesmo. Dessa maneira inicia-se um processo de hostilidade, de

estranhamento em relação àquilo que se convencionou ser tratado como diferente, não por sê-lo obrigatoriamente, mas por uma necessidade de que assim o seja para haver uma justificativa de existência daquele de onde se origina o repúdio.

Nos países que atingiram a era pós-industrial, mesmo que apenas parcialmente, surgiram novas relações de classe. Trata-se de sociedades cuja identidade perdeu solidez. Num dos extremos da pirâmide social aparecem aqueles que fazem uso de identidades diversas e, posteriormente, delas se despem a seu bel prazer. Num plano bem abaixo, encontram-se aqueles a quem a possibilidade de escolha foi negada, passando a ser definidos por rótulos impostos por outros. Deixa de se falar no trabalhador explorado, e instala-se incomodamente como pauta das discussões a figura do excluído. Zygmunt Bauman apresenta com propriedade essa categoria social:

Mas mesmo as pessoas a quem se negou o direito de adotar a identidade de sua escolha (situação universalmente abominada e temida) ainda não pousaram nas regiões inferiores da hierarquia do poder. Há um espaço ainda mais abjeto — um espaço abaixo do fundo. Nele caem (ou melhor, são empurradas) as pessoas que têm negado o direito de reivindicar uma identidade distinta da classificação atribuída e imposta. Pessoas cuja súplica não será aceita e cujos protestos não serão ouvidos, ainda que pleiteiem a anulação do veredicto. São as pessoas recentemente denominadas de “sub-classe”: exiladas nas profundezas além dos limites da sociedade — fora daquele conjunto no interior do qual as identidades (e assim também o direito a um lugar legítimo na totalidade) podem ser reivindicadas e, uma vez reivindicadas, supostamente respeitadas. (BAUMAN, 2005, p.43)

No entanto, à figura do pária total agregam-se outras a provocar um olhar de desconfiança por parte dos que desfrutam de posições privilegiadas. Aquelas são pessoas às quais a denominação de minoria não se aplica adequadamente, já que, juntas, talvez formem uma parcela bastante significativa da população.

Este estado de coisas traz forçosamente à baila o conceito de alteridade, comumente definido como o estado ou fato de ser outro, uma diferenciação do sujeito para com um outro. É a oposição que se faz a uma identidade assumida, um tema retratado com insistência na literatura desde meados do século XX. O outro representa tudo aquilo que se contrapõe à

imagem que um indivíduo tem de si mesmo. Na lógica neocapitalista predominante surgem, então, o desfavorecido financeiramente, excluído do mundo do consumo, o sem-teto, o negro, o migrante que abandona as raízes em busca de trabalho nos grandes centros. Em uma cultura de traços marcadamente patriarcais, emerge a figura da mulher na luta para se impor, forçando presença em ambientes antes exclusivamente masculinos. Pode também manifestar-se o homossexual, exigindo seus direitos, saindo do gueto e assumindo visibilidade incômoda ao sistema. Enfim, o outro é aquele causador de estranhamento por se contrapor à maneira como grupos sociais hegemônicos, havendo construído autoimagem forjada em pseudo-uniformidade, recusam elementos provocadores de qualquer sorte de desestabilização.

Certas palavras caem no gosto comum e, por conseguinte, têm uso difundido, nos contextos mais díspares. O fenômeno parece estar ocorrendo com a palavra ética, cujo conceito é muito utilizado no campo das ideias e do discurso, mas de emprego menos evidente na prática diária dos que dele fazem uso. Emmanuel Lévinas sugere que o humano se enobrece ao sair da imersão inicial na subjetividade e ao lançar-se em direção ao semelhante, a enxergá-lo, a compreendê-lo:

E eis que surge, na vida vivida pelo humano — e é aí que, a falar com propriedade, o humano começa pura eventualidade, mas desde logo eventualidade pura e santa — do devotar-se-ao-outro. Na economia geral do ser e de sua tensão sobre si, eis que surge uma preocupação pelo outro até o sacrifício, até a possibilidade de morrer por ele; uma responsabilidade por outrem. De modo diferente que ser! É esta ruptura da indiferença — indiferença que pode ser estatisticamente dominante — a possibilidade do um-para-o-outro, um para o outro, que é o acontecimento ético. (LÉVINAS, 2004, p. 18-19)

Esta linha de raciocínio possibilita a crença na ética materializando-se a partir do instante em que há real percepção de quem está ao lado. O compromisso não é apenas com quem se tem relações afetivas ou familiares, mas com o humano em geral. A compreensão do outro é um passo definitivo na tentativa de estabelecimento de uma sociedade mais justa. Lévinas vai além:

Nossa relação com ele consiste certamente em querer compreendê-lo, mas esta relação excede a compreensão. Não só porque o conhecimento de outrem exige, além de curiosidade, também simpatia ou amor, maneiras de ser distintas da contemplação impassível. Mas também porque, na nossa relação com outrem, este não nos afeta a partir de um conceito. Ele é ente e conta como tal. (LÉVINAS, 2004, p. 26)

O pensamento desenvolvido pelo pensador serve como justificativa para o desejo de investigação de como o outro pode ser representado na literatura contemporânea. Diversos aspectos são decisivos para que uma visão ampla seja atingida. A percepção da ideia de desenraizamento, fundamental na análise proposta, é um dado a mais a ser considerado quando se trata da verificação das relações interpessoais. Este conceito traduz com acuidade um fenômeno que atinge indistintamente todos os estratos sociais. Numa época em que a palavra globalização é conceito admitido como realidade inexorável por um número considerável de pessoas, as fronteiras tornam-se porosas e o deslocamento de populações é inevitável. É importante, por isso, lançar um olhar às pessoas que abrem mão do universo familiar e cultural de origem e partem para um destino no qual forçosamente encontrarão novas posturas e diferentes códigos. A maneira pela qual a adaptação a esse novo contexto se processa é diversa e constantemente conflituosa. As cidades brasileiras, e não só as grandes, abrigam pessoas que há muito deixaram de ter um lastro cultural único. A diversidade é regra. O Brasil é país de dimensões continentais, portanto não surpreende o fato de abrigar populações com diferentes costumes, tradições e hábitos. Quando há mobilidade geográfica e perspectivas distintas são confrontadas, as pessoas são obrigadas a lançar mão de estratégias de adaptação. O pensador Tzvetan Todorov elabora um pensamento de relevância inegável sobre essa realidade:

O homem desenraizado, arrancado de seu meio, de seu país sofre em um primeiro momento: é muito mais agradável viver entre os seus. No entanto, ele pode tirar proveito de sua experiência. Aprende a não mais confundir o real com o ideal, nem cultura com a natureza: não é porque os indivíduos se conduzem de forma diferente que deixam de ser humanos. Às vezes ele fecha-se em um ressentimento, nascido

do desprezo ou da hostilidade dos anfitriões. Mas, se consegue superá-lo, descobre a curiosidade e aprende a tolerância. (TODOROV, 1999, p. 27)

Em *O homem desenraizado*, Todorov utiliza a experiência pessoal do exílio para detalhar aspectos referentes a essa incômoda circunstância e teorizar sobre os atributos necessários à inserção em ambiente diverso ao de origem. Proveniente da Bulgária, que no início da década de 1960, época de sua imigração para a França, encontrava-se no o auge da repressão de um estado totalitário de feição stalinista, exila-se voluntariamente e submete-se a interessante processo de identificação com o país que o acolheu. O autor desenvolve linhas de raciocínio bastante esclarecedoras, mas não menos polêmicas, e chega a ver pontos positivos na experiência de desenraizamento. Acredita que só se deve lamentar a desculturação, que seria o processo de deterioração da cultura original do indivíduo. No entanto, afirma que isso pode ser compensado pela aculturação, que significa a aquisição de um novo código cultural, habilidade de que dispõe todo ser humano:

Condenar o indivíduo a continuar trancado na cultura dos ancestrais pressupõe de resto que a cultura é um código imutável, o que é empiricamente falso: talvez nem toda mudança seja boa, mas toda cultura viva muda (o latim tornou-se língua morta a partir do momento em que não pôde mais evoluir). O indivíduo não vive uma tragédia ao perder a cultura de origem quando adquire outra; constitui nossa humanidade o fato de ter uma língua, não o de ter determinada língua. (TODOROV, 1999, p. 24-25)

Na verdade, a melhor estratégia é a transculturação, um estado que não corresponde à aculturação, nem tampouco à desculturação. O processo de transculturação dá-se quando uma nova matriz cultural se estabelece concomitantemente com a manutenção da antiga. Contudo, como salienta Todorov, uma dupla vinculação é deveras impossível. A existência de duas vozes de valor simétrico convivendo lado a lado pode tornar-se uma ameaça, conduzindo à esquizofrenia social. A única opção plausível consiste em adotar uma hierarquia livremente escolhida: opta-se pela identidade prevalente. As escolhas vêm quase sempre acompanhadas de dor e ressentimento.

Resta lembrar que, ao referir-se às experiências bem sucedidas de transposição

cultural, há uma condição sem a qual todo sucesso é comprometido. Nenhum indivíduo consegue adquirir de forma satisfatória um novo cabedal de conhecimentos relativos a outra cultura se não trouxer de sua terra de origem uma bagagem intelectual que lhe dê sustentação no novo ambiente. Daí, conclui-se, sem grande esforço, que as massas de homens e mulheres analfabetos que saem dos grotões brasileiros em direção às cidades têm enorme dificuldade de adaptação nesses espaços altamente competitivos. É pertinente, portanto, estudar personagens que percorreram esse trajeto, e verificar qual a resposta encontrada por eles para vencer barreiras tão árduas. As soluções obtidas, aliadas às modificações na estrutura psicológica, constituem campo de grande interesse.

Há firme intenção de se comprovar através de exame detalhado como as personagens nas obras dos três autores mineiros refletem de maneira rica e diversificada os aspectos acima delineados. Dentre as hipóteses está a pertinência de se falar em aculturação, transculturação e desculturação ao se referir a pessoas que migram de regiões distantes para as grandes cidades brasileiras. Tenta-se apontar, nos diferentes contextos descritos, a avalanche de situações conflitantes nas quais as personagens se estranham e provocam estranheza. Há possibilidade de se perceber, nas narrativas, como a sociedade contemporânea vem lidando com suas questões. Nota-se um véu turvando a visão que as pessoas têm de si e também a impedi-las de enxergar com clareza o semelhante. A própria ideia do semelhante passa perniciosamente a mudar de sentido. A sociedade líquida de que fala Bauman materializa-se nesse fenômeno de dissociação do ser humano consigo próprio e com aqueles que então perdem um pouco de sua humanidade. Em contexto nos quais as pessoas se encontram aceleradamente mais isoladas, o outro é uma ameaça a uma segurança tão imaginária quanto a própria percepção que elas têm do que realmente são.

A insegurança parece ser a única certeza, a constância da lida diária, inseparável. Daí o fato de o medo permear praticamente todas as relações humanas. Por vezes, não se sabe bem a quem ou a que atribuir a responsabilidade por esse estado de espírito. Isso só acirra o mal-

estar, já que o medo mais profundo é aquele ocasionado por um inimigo invisível, indistinto entre os transeuntes anônimos com os quais todos dividem o espaço comum. Pode ocorrer então, ocasionada por processos de autodefesa, a necessidade de transformar o elemento incômodo em monstro, para que se possa detestá-lo sem dramas de consciência. É plausível afirmar que se compreende uma cultura através dos monstros gerados por ela. Jeffrey Jerome Cohen desenvolveu algumas teses a respeito da cultura dos monstros relacionadas ao conceito de alteridade:

O monstro é a diferença feita carne; ele mora no nosso meio. Em sua função como Outro dialético ou suplemento que funciona como terceiro termo, o monstro é a incorporação do Fora, do Além — de todos aqueles *loci* que são retoricamente colocados como distantes e distintos, mas que se originam no Dentro. Qualquer tipo de alteridade pode ser inscrito através (construído através) do corpo monstruoso, mas em sua maior parte, a diferença monstruosa tende a ser cultural, política, racial, econômica, sexual. O processo pelo qual a exageração da diferença cultural se transforma em aberração monstruosa é bastante familiar. (COHEN, 2002, p. 32 - 33)

Quando se deseja eliminar um determinado grupo de pessoas, representá-lo e a sua cultura como monstruosos, justifica-se o deslocamento ou extermínio perpetrados contra ele. Atos abomináveis se vestem de heroísmo. No Brasil fala-se em erradicação dos mendigos que infestam as ruas, na retirada das favelas que poluem visualmente cartões postais. Se realmente os sem-teto e favelados fossem vistos como semelhantes e não de forma distorcida, seria mais difícil defender tais pontos de vista. Esse tipo de lógica não é privilégio ou invenção brasileiros. Na América do Norte, bem antes do pensamento politicamente correto, os nativos eram descritos como selvagens, sanguinários e irrecuperáveis, para que o glorioso exército dos Estados Unidos pudesse dizimá-los sem culpa e, dessa forma, os afastasse, deixando as grandes planícies e o oeste livres para a colonização branca. Na Europa, bem antes dos fornos crematórios nazistas, os judeus foram perseguidos, alvos de xenofobia, acusados de absurdos como sangrar criancinhas cristãs para fazer comidas em festas religiosas e de serem avarentos usurpadores das economias nacionais, visão que de tão exacerbada culminou com a

famigerada Solução Final.

O racismo, que hoje não encontra mais nenhuma justificativa de caráter científico, foi facilitado em outras eras pelo fato de se retratar pessoas de outras etnias como corporificações do mal. A pele escura já foi considerada como sintoma de total diferença de temperamento. O calor dos trópicos queimava a pele dos povos meridionais malformando seus corpos. Um pensador cristão, Paulinus de Nola, rico latifundiário e homilista da Igreja em sua formação, afirmou que os etíopes tinham a pele negra não devido à ação do sol, mas em consequência de seus vícios e pecados:

A pele negra estava associada com o fogo do inferno, significando, assim, na mitologia cristã, uma proveniência demoníaca. O pervertido e exagerado apetite sexual dos monstros era, em geral, rapidamente atribuído ao etíope, esse vínculo era apenas reforçado por uma reação xenófoba à medida que as pessoas de pele escura eram levadas, de forma forçada, para a Europa, no início da Renascença. Narrativas de miscigenação surgiam e circulavam para sancionar políticas oficiais de exclusão; a Rainha Elizabeth é famosa por sua ansiedade relativamente aos “monstros negros” e sua suposta ameaça ao “progresso do povo e da nossa nação”. (NOLA *apud* COHEN, 2000, p. 37)

Como se vê, diversas são as vias pelas quais se tenta afastar grupos ou pessoas indesejáveis. Apontar e aprofundar artificialmente diferenças ao invés de se perceber as semelhanças são atitudes que podem, por períodos longos ou curtos, justificar o injustificável. Os personagens marginalizados sofrem com o preconceito, e a persistência da sociedade brasileira em resistir à efetiva integração de todos os elementos que dela fazem parte é um fato. É relevante identificar posturas de violência e agressividade advindas desses indivíduos, estabelecendo uma relação entre estas posturas e as diversas perdas ocorridas em suas vidas.

O temor e a desconfiança não são causados apenas por elementos completamente distantes. O estranho, por vezes, é próximo fisicamente, mas constitui um enigma. O criador da psicanálise, Sigmund Freud, já havia atentado para esse fato:

Aquilo que é experimentado como estranho está muito mais simplesmente condicionado, mas compreende muito menos exemplos. Descobriremos, acho eu, que se ajusta perfeitamente à nossa tentativa de solução, e pode-se atribuir, sem

exceção, a algo familiar que foi reprimido. (FREUD, 1969, p. 308)

Para os homens nada há de mais próximo e mais estranho que as mulheres. Em sociedades marcadas por herança patriarcal, é óbvio que a figura feminina assuma características acopladas a ela pelo olhar masculino. A mulher, incompreendida pelos homens, é fonte de inquietação e angústia e sofre violência por essa condição. Não há intenção de denúncia, de atividade panfletária que vise a fomentar uma consciência de viés feminista, mas sim um esforço por perceber os pequenos e grandes dramas vividos pelas personagens femininas. Existe uma infinidade de situações que escapam ao discurso politicamente engajado e adentram esferas que transcendem posições de caráter ideológico.

Uma das características da pós-modernidade é a necessidade de alguns grupos de buscar um retorno a um passado idealizado, lugar imaginado, em que as identidades eram seguras e a acolhedora sensação de pertencimento estaria garantida. Sabe-se que, concomitantemente com a globalização técnica e comercial, há uma evidente fragmentação cultural e religiosa a provocar profundo incômodo em muitos. A consequência é uma surpreendente mobilização para o resgate de mitos e relatos fundadores, de símbolos e valores históricos tradicionais. O filósofo Gilles Lipovetsky já atentou para essa tendência:

Sabe-se que, em muitos casos, a reativação da memória histórica funciona em oposição frontal aos princípios da modernidade liberal. Ao serem testemunho das efervescências religiosas que recusam a modernidade laica, os movimentos neonacionalista e étnico-religiosos acarretam ditaduras, guerras identitárias, massacres genocidas. O fim da divisão do mundo em blocos, o vazio ideológico, a globalização da economia e o enfraquecimento do poder estatal possibilitaram que surgisse uma grande quantidade de conflitos locais de base étnica, religiosa ou nacional; de movimentos separatistas; de guerras intercomunitárias. (LIPOVETSKY, 2004, p. 92)

Todos os conflitos característicos de sociedades pós-modernas até aqui apontados eclodem nos dramas imaginados por Fernando Cesário, Luiz Ruffato e Ronaldo Cagiano. Obviamente, transpostos para a ficção e pensados sob a ótica da realidade brasileira, adquirem características distintas.

A opção por investigar as personagens segue um raciocínio lógico. Embora se saiba serem elas habitantes da realidade ficcional, e que, portanto, a matéria de que são feitas e o espaço que habitam, por consequência, difiram daqueles dos seres humanos, é indiscutível a existência de íntimo relacionamento entre ambos.

Não se pode negar que personagens, ao serem tomadas em sua função mimética como mero reflexo da realidade palpável exterior à obra, causem um esvaziamento da apreensão das possibilidades da obra literária. Um bom escritor deve usar de habilidade para recriar a realidade, efetuando uma transposição de sua visão de mundo ao leitor, fazendo com que ele, através dessa ilusão, seja capaz de reportar-se ao mundo concreto em que vive. O artista deve buscar, no que há de mais intrínseco à linguagem, elementos significativos que possam dar relevo ao real. Dessa forma constrói um mundo ficcional que “espelha e aponta para uma realidade exterior ao texto, mas que vale, que se impõe pela sua própria existência.”(BRAIT, 2006, p 27)

Tem-se clara a noção de que não se pode confundir pessoa e personagem: os formalistas russos já decretaram a existência autônoma do ser ficcional nos primórdios do século XX. O caráter eminentemente linguístico da personagem e seu compromisso com a lógica interna do texto são considerações sempre pertinentes. Essa consciência não pode, contudo, desabonar o estudo a ser feito, insistente no exame dos autores ao elaborar mundos ficcionais que espelham uma realidade que transcende o texto e direcionam o olhar do leitor a ela.

2 MUNDOS DISTINTOS COM HISTÓRIAS EM COMUM

Este capítulo tem por objetivo apresentar de forma resumida as obras analisadas e oferecer um painel explicativo acerca de tramas e personagens. A necessidade de dar-se a tal trabalho deve-se ao fato de o conhecimento da estrutura e do enredo facilitarem a compreensão de percurso e a representação das personagens.

2.1 *eles eram muitos cavalos, um romance?*

O livro *eles eram muitos* tem o título retirado do *Romanceiro da Inconfidência* de Cecília Meireles. O autor retoma e grafa com letras minúsculas o verso inicial do romance LXXXIV, intitulado “Dos Cavalos da Inconfidência”. No poema em que canta feitos e dissabores de algumas figuras da história brasileira, a poetisa fala dos que são esquecidos, dos destituídos de nomes. Daí o diálogo com o trabalho de Luiz Ruffato. Obra que firmou o mineiro entre os autores de maior prestígio da literatura brasileira contemporânea, configura uma polêmica para estudiosos presos a preceitos tradicionalistas. Por um lado é considerado um romance, pois nele o autor pode:

dar uma visão global do mundo. Sua função essencial é essa de reconstruir, recriar o mundo. Não o fotografa, mas recria; não demonstra ou repete, reconstrói, a seu modo, o fluxo da vida e do mundo, uma vida *sua*, um mundo *seu*, recriados com meios próprios e intransferíveis, conforme um visão particular, única, original. Exatamente por ser o romance uma recriação do mundo, os grandes romancistas se têm mostrado sensíveis ao tema de uma sociedade em dissolução, em decadência, pois quando tudo está a desmoronar é que mais se faz necessária a tarefa do romancista. (MASSAUD, 1971, p 171)

Entretanto, no que diz respeito a personagens e ação, percebe-se distanciamento em referência a conceituação mais usual. No que tange à ação, embora haja realmente uma infinidade de dramas paralelos, inexistente vínculo aparente entre eles. Tampouco percebe-se no

narrador o intuito de optar por aqueles que sejam mais importantes ou tentar harmonizá-los de forma organizada e hierárquica ao longo da obra. Os capítulos não apresentam continuidade. Ocorre uma sequência de relatos que vão conjuntamente construindo um quadro a prover o leitor de dados para orientar a leitura.

A obra de Ruffato tem como protagonista São Paulo. Um dia na metrópole. A ação é pulverizada e não há ligação aparente dentro dessa pluralidade dramática. As tramas ocorrem paralelamente. São crimes, cenas rotineiras, relatos de ódio, amor, desespero, apatia, ira e violência. O elo é a cidade — o caldeirão onde todos os conflitos ocorrem. Se há união, ela reside unicamente no fato de as personagens habitarem o mesmo espaço geográfico, mas a verdade é que esse local é caracterizado em cores fortes marcadas pela agressividade e violência. A civilização brasileira, em pungente representação de seu maior centro, mostra-se incapaz de construir um ambiente onde as pessoas possam conviver em harmonia, respeitando-se mutuamente. *eles eram muitos cavalos* é uma imersão nesse organismo vivo nos dias em que vigora o império da técnica, onde o homem é reduzido a mera disponibilidade. O filósofo alemão Martin Heidegger há muito já havia identificado e refletido sobre essa tendência:

O descobrimento que domina a técnica moderna possui, como característica, o pôr, no sentido de explorar. Esta exploração se dá e acontece num múltiplo movimento: a energia escondida na natureza é extraída, o extraído vê-se transformado, o transformado estocado, o estocado, distribuído, o distribuído, reprocessado. Extrair, transformar, estocar, distribuir, reprocessar são todos modos de descobrimento. Todavia, este descobrimento não se dá simplesmente. Tampouco, perde-se no indeterminado. pelo controle, o descobrimento abre para si mesmo suas próprias pistas, entrelaçadas numa trança múltipla e diversa. Por toda parte, assegura-se o controle. Pois controle e segurança constituem as marcas fundamentais do descobrimento explorador. Que descobrimento se apropria do que surge e aparece no pôr da exploração? Em toda parte, se dispõe a estar a postos e assim estar a fim de tornar-se a vir a ser disponível para ulterior disponibilidade. O disponível tem seu próprio esteio. Nós o chamamos de disponibilidade. (HEIDDEGER, 2002, p. 20)

Não importa nem interessa que se tente fazer uma categorização da obra. Para alguns trata-se de agrupamento de crônicas, para outros conjunto de contos ou romance heterodoxo.

Qualquer tentativa de enquadramento resultaria somente no empobrecimento do texto. O que move o interesse por esse trabalho de Ruffato é o que ele tem de verdadeiro e, portanto, transformador, pois quando se depara com reais questões, não se pode sair do embate sem que um elemento de modificação tenha se operado.

Depreende-se da obra que a cidade é um corpo vivo e dentro dele há vida. É por excelência o espaço da modernidade, em contraposição ao campo, ao rural, ao isolamento característico do medieval. A megalópole por sua vez é a expressão mais definidora da sociedade capitalista contemporânea. Nela vige a lógica do capitalismo. É a máquina incansável que produz e devora. Não se pode afirmar com segurança se ela é o resultado do mundo da técnica ou se é ela quem lhe possibilita e legitima a existência. Lá, os dramas de parcelas cada vez maiores da humanidade acontecem.

A partir do século XX estes aglomerados passam a assumir conformação diferenciada. A lógica que os forjou é alterada profundamente, podendo-se, talvez, até falar em inversão. O espaço criado para que lá todas as possibilidades de realização se concretizassem agiganta-se, e aquela primeira perspectiva utópica evapora-se. As megalópoles tornam-se violentas, áridas, superpovoadas; e a vida, gradativa mas irremediavelmente, mais difícil para os habitantes. As distâncias aumentam, o trânsito é caótico, as relações humanas definham. O homem nunca esteve geograficamente concentrado em áreas tão diminutas, mas, por outro lado, poucas vezes experienciou afastamento de tamanha magnitude em relação a seus semelhantes. Surgem então indagações sobre as novas dimensões de distanciamento e proximidade, pois, apesar de aquele estar encolhendo, sabe-se que, como já demonstrou Heidegger:

Proximidade não é pouca distância. O que, na perspectiva da metragem, está perto de nós, no menor afastamento, como na imagem do filme ou no som do rádio, pode estar longe de nós, numa grande distância. E o que, do ponto de vista da metragem, se acha longe, numa distância incomensurável, pode-nos estar bem próximo. Pequeno distanciamento ainda não é proximidade, como um grande afastamento não é distância. (HEIDEGGER, 2002, p. 143)

Percebe-se que a cidade grande é a imagem mais transparente da personificação do mundo da técnica. O local criado pelo ser humano para servi-lo torna-se o senhor da relação, e um senhor de exigências que não podem deixar de ser cumpridas. As pessoas passam a ser apenas mecanismos que impulsionam esse organismo complexo que parece objetivar nada mais que a própria perpetuação, um monstro aparentemente acéfalo, mas provido de uma lógica ainda não decifrada: um enigma que consome aqueles que o habitam. Vê-se claramente que o humano deixou de ser o centro da lógica que rege o universo urbano. As personagens, peças de uma engrenagem, transformaram-se em recursos. O homem, que se acreditava o elemento primordial da criação, o cerne do universo, o que dispunha do que a terra provia em seu benefício, passa nessa nova era a ser um recurso humano, mas, ainda assim, recurso. Um aspecto que talvez favoreça esse processo é o anonimato. A leitura do texto de Ruffato produz a impressão de isolamento e solidão quando fala das hordas de rostos desconhecidos a cruzarem-se nas agitadas ruas. Cada um a construir uma história que não será compartilhada, perdendo assim a relevância, a misturar-se ao concreto e à aridez da paisagem.

Em *eles eram muito cavalos* ocorre um dia na vida dessa personagem: a cidade de São Paulo. Ela respira, age, tem lógica própria, animada por outros seres que, na maioria das vezes, não se sabem atores de um espetáculo que os envolve e precede.

Nos dois primeiros e minúsculos capítulos o autor situa espaço e tempo. O dia é 9 de maio de 2000. Nessa data, dedicada a Santa Catarina de Bolonha, como habilmente informa o também diminuto capítulo 3, desenrolam-se as tramas.

O capítulo 4 prenuncia o que o leitor encontrará pela frente. O personagem central é um jovem proveniente de pequena cidade do interior mineiro, agraciado com uma bolsa de estudos nos Estados Unidos e que, após a experiência no exterior, consegue colocação em São Paulo. Não se sabe quais eram seus valores, mas, se existiram, deixaram de ter importância. O rapaz corrompeu-se para conseguir um padrão de vida elevado e não alcançou equilíbrio na vida. A família do patrão, representante da burguesia paulistana, é bastante desestruturada —

filho desajustado e drogado, filha artista plástica sem perspectiva. A vida segue em ritmo alucinante, embora não se saiba qual o ponto de chegada. Essa personagem é significativa, pois exemplifica o homem pós-moderno, que perdeu os freios de sua emancipação individual, as ideologias, as estruturas socializadoras e qualquer projeto histórico ou social.

Outra personagem poderia se encaixar no quadro acima descrito. É o traficante de armas apresentado no capítulo 28. Homem bem-sucedido, mas sem caráter. Não tendo amarras para conter os impulsos, abraça atividade condenável, e o faz em plena consciência. Abandonou preceitos religiosos e éticos. Prova disso é o fato de sentir-se encabulado diante da presença inocente do filho. Mas para ele tais aspectos realmente não merecem consideração: projeção social e bens materiais são mais importantes que valores ultrapassados.

Em contrapartida, o capítulo 5 trata de relações familiares completamente distintas. Veem-se pai, filho e um conhecido caminhando na escuridão da madrugada em direção ao local de trabalho. O preço da passagem de ônibus é inviável. No caminho o pai se orgulha do filho, que, mesmo sem poder frequentar a escola, tem conhecimento dos estados em que ficam as cidades cujos nomes aparecem estampados nos letreiros dos ônibus a passar por eles em alta velocidade. Enquanto vende cachorro quente em frente à empresa onde o pai presta serviços, o menino sonha com a vida de caminhoneiro.

O capítulo seguinte inaugura a galeria de personagens femininas. É o grito mudo emitido por uma mãe nordestina. A vinda para a capital paulista é um martírio. Abandona a casa num rincão miserável qualquer e ruma para o sul na promessa de encontrar o filho que para lá migrou há tempos e em quem, há um interminável período, não consegue pôr os olhos. As horas passadas no ônibus parecem-lhe infinitas, as dores a incomodam, a velocidade imposta pelo motorista também lhe parece excessiva e o barulho do motor, insuportável. No entanto, pavor maior vai se apoderando dela à medida que o destino se aproxima. A paisagem começa a se modificar e, ao descer do ônibus, a rodoviária apresenta-se-lhe assustadora. Na

verdade o grande temor, a grande interrogação não é expressa por palavras. A angústia mostra-se no esfregar as mãos à espera do que se seguirá.

No painel do autor, múltiplos são os papéis que as mulheres ocupam na sociedade atual, as atividades desempenhadas e os caminhos a trilhar. Há a jornalista do capítulo 8, criando com dificuldades um filho adolescente. É representante daquele grupo de mulheres independentes, que não pautam a vida pelo apoio financeiro proporcionado por um provedor do sexo masculino. Entretanto, ressentem-se do fato de ter sido abandonada na tarefa de criação da criança. Dói-lhe a ausência de companheiro. Batalhadora das pequenas contendas diárias, surpreende-se com o desejo sexual de seu filho, exposto cruamente na tela do computador.

A estrutura tradicional familiar brasileira foi rompida, a falta de responsabilidade e compromisso do homem faz com que o peso da educação dos filhos recaia sobre a mulher. É uma tendência comum em todas as classes sociais, a provocar, nas camadas mais populares, sérias consequências. O capítulo 9 tingem de dramaticidade esse quadro. Mulher miserável encabeçando uma família. Ambiente totalmente arruinado pela escassez de tudo, ausência de referenciais morais, éticos ou de qualquer outra instância. Há somente uma luz: uma das crianças, uma menina, que tenta a todo custo remendar algo além de qualquer possibilidade de conserto.

Em seguida vê-se uma dona de casa de periferia, soterrada em mediocridade sufocante, debatendo-se contra uma situação em que o desejo parece alijado do cotidiano. Numa sociedade que valoriza o efêmero e as posses materiais, a falta de recursos financeiros faz dela uma derrotada. É uma figura que nos remete a muitas outras, perdidas de si mesmas, enredadas pelas necessidades diárias e distanciadas do que há de mais caro a elas. A mulher em questão insurge-se contra a passividade do marido e a acomodação que dele se apoderou, detectando-lhe um inconformismo conformista. Revolta-se contra seu trabalho de professor, ao tentar construir uma utopia restrita às quatro paredes de uma sala de aula. Vê na postura do companheiro a origem da insipidez de sua manhã, do tédio que a atormenta.

O dia a dia das trabalhadoras urbanas mostra-se não menos desalentador. A professorinha de escola de periferia se abala ao chegar ao local de trabalho, por encontrá-lo vandalizado pelos próprios jovens da região. Há também o assassinato estúpido da balconista de uma lojinha de bairro pobre.

O desespero diante da falta de oportunidades, a saudade de uma vida bem estruturada, perto da família e sob a segurança de regras claramente determinadas são evidenciados. Fran, a atriz fracassada, embriaga-se durante a espera inútil por um convite de trabalho. Uma menina do interior, bêbada, jogada ao chão de um apartamento perdido na imensidão da cidade, lembra-se saudosa da felicidade experimentada no seio de sua comunidade rural e que lhe escapou com a vinda para um mundo mais complexo.

O preço pago pelo abandono dos antigos códigos que regiam a sociedade brasileira é cobrado a todo momento, embora seja uma falácia acreditar-se que a situação da mulher tenha se deteriorado por haver rompido as amarras que a prendiam ao lar. Se ela sofre com o fato de ter sido trocada por uma mulher mais jovem como no capítulo 25, ao menos tem a possibilidade de esboçar uma reação e tentar reconstruir a vida, algo impensável num passado não muito remoto.

Dentre as várias personagens femininas, das quais não se sabe nem o nome, há uma que nos faz refletir sobre a finitude. Menina de classe média baixa, de sonhos comuns: ser médica, ajudar os semelhantes. Adolescência em escola pública e curso de manicure. Casa-se jovem, muda-se para bairro periférico miserável, trabalha para sustentar filho e marido drogado, espancador. Até aí nada de novo. Seria apenas mais uma mulher de sonhos estilhaçados pela pobreza e falta de perspectivas, não fosse o fato de ser atingida por uma fatalidade da qual a maioria em sua condição se considera imune: a infecção pelo vírus da AIDS. Há uma sucessão de eventos óbvios em tais circunstâncias: o filho, também infectado, morre, e o marido/transmissor a abandona. Seu drama não é propriamente original, mas convoca o leitor dolorosamente. Não há como desdenhar da forma desesperada de sua reação

diante do inevitável. Faz o que qualquer um faria, empenha todos os escassos bens tentando curas milagrosas que no fundo reconhece impossíveis. Apela para o misticismo, percorre terreiros de cultos afro-brasileiros, templos evangélicos, faz promessas a santos católicos. O fim é solitário, mas tem o último pedido realizado: a amiga que narra a história lhe faz uma maquiagem, para que pelo menos na morte aparentasse algum *glamour*. O que provoca a identificação com a mulher soropositiva não é o ineditismo inexistente de sua tragédia, mas o que se percebe de mais comum e universal nele. A maneira como a morte se apresentará a cada um será diferente, mas há um sofrimento visceral do qual todos hão de compartilhar: essa é a unidade que faz com que se experiencie com tanta empatia a narrativa.

Outros temas são retratados insistentemente nas narrativas de Ruffato. A violência é quase onipresente. Em alguns capítulos é o tópico central. Depara-se com o cão vira-latas que, humanizado, espanta-se com a cruieza de uma chacina da periferia em que corpos de jovens ensanguentados compartilham com ele a sarjeta. Vê-se também o rapaz de origem humilde, sem recursos, sensível aos encantos do consumo, chegando mesmo a assaltar para obter o que pensa lhe ser de direito. Do lado oposto dessa guerra sem vencedores há, no capítulo 20, o homem de classe média condoendo-se do destino do vizinho quase desconhecido que teve carro e documentos roubados, e cujo cadáver foi encontrado com um tiro na nuca num canto qualquer da cidade.

A agressividade injustificada origina-se de qualquer parte. Vilões e vítimas se confundem. O capítulo 47 assemelha-se a uma crônica do infortúnio diário a que é submetida parcela considerável da população. Dois irmãos favelados: um bandido, outro intelectual autodidata. Este último é levado por policiais e espancado sem explicações. A vingança não tarda. O irmão criminoso consegue descobrir o nome dos responsáveis pela agressão e planeja a desforra.

Alguns abusos são um tanto mais imperceptíveis, haja vista o silêncio a dizer muito na experiência de um menino que acredita desfrutar de torpe paraíso. Marcado por existência de

abandono e privação, ilude-se ao encontrar refúgio no convite que um estrangeiro lhe faz. Seduzido por um abrigo contra os perigos da vida nas ruas, aceita a oferta de viver em cárcere privado. A negação da liberdade e o corpo aviltado são preços considerados justos. Presencia e participa de inúmeras orgias, mas nada fala. Ressente-se da longa clausura no apartamento tão apertado. Percebe a impossibilidade de qualquer comunicação com o exterior, mas não protesta. Chega a desejar a fuga; no entanto, é incapaz de esboçar reação.

A deterioração do centro velho de São Paulo é um golpe duro de ser assimilado pelos habitantes mais antigos. Memória é algo palpável, sentido. Um personagem, ao sobrevoar a cidade de helicóptero, sente-a agressiva principalmente por ser ele representante de um grupo social mais abastado. Percebe o empresário não poder mais percorrê-la como fazia na infância. Teme pela vida, pela integridade física. Os olhos não suportam a rudeza da paisagem, o olfato é agredido pelo odor da pobreza. Entretanto, ela, a memória, prega-lhe peças. Passeia por outros tempos: a mãe muito bem vestida a caminhar pelo Viaduto do Chá, ele feliz correndo pelas ruas. O homem se questiona. Vê penitenciárias onde existiam escolas, favelas sepultando mananciais e arranha-céus no lugar de belas construções. A questão que o aflige é o espaço onde se encontra. Como possível resposta só encontra o escapismo. Cogita o luxo europeu de Milão ou os minaretes de Fez, a vida do filho caçula em Paris, ou a do mais velho envolvido em negócios em Nova Iorque. Há a percepção de que o rumo que tomou a existência não é o que havia projetado, os caminhos da civilização necessitariam ser revistos. Assume a postura de espectador.

A passividade caracteriza o aposentado do capítulo 33. Ser velho num mundo que pouco valoriza a experiência e que se revela cada vez mais superficial é fardo difícil de suportar. A vida contemporânea assenhoreia-se do tempo de todos os membros de uma família, e a tarefa de cuidar de pessoas mais velhas torna-se árdua. Quando essa família tem problemas graves como desemprego, drogas ou violência doméstica, a situação se torna insustentável, e a morte pode parecer uma saída honrosa. Muitos buscam consolo em leituras

de autoajuda.

A religiosidade curiosamente também se reinventa e persiste como elemento definidor para diversas pessoas. Em consonância com essa perspectiva, e reiterando a presença da religião na vida da metrópole, o autor inicia a obra com uma passagem sobre a vida de Santa Catarina de Bolonha.

Uma cidade multifacetada vai proporcionar campo fértil para o florescimento de todo tipo de crença e correspondentes práticas. Em uma realidade na qual o progresso paradoxalmente vai de encontro às necessidades mais básicas do homem, surge a possibilidade do resgate de um sentimento místico que, na verdade, nunca esteve de todo ausente. A técnica e a ciência estão em movimento ininterrupto de renovação e avanço, porém não representam mais um caminho onde o ser humano possa buscar sentido para a existência. Mesmo que de modo inconsciente, parece haver certa ojeriza a essa sociedade exacerbadamente consumista, onde a essência do homem não é mais levada em consideração.

Um homem agarrado à bíblia, num terno azul-celeste e de gravata amarela com peixinhos, fornece material para reflexão. Apesar da tremenda insegurança, da timidez que o paralisa, sente-se tomado por um entusiasmo desesperado. Impelido por imposição interna a proclamar, Sagradas Escrituras em punho, a palavra de Deus, tenta dessa forma chegar a bons termos com a consciência, agora clareada por novas luzes. Na pregação usa o exemplo pessoal para demonstrar a degradação que enxerga ao redor. Foi pobre e, revoltado com as desigualdades e condições desfavoráveis, roubou, assaltou, drogou-se, envolvendo-se com mulheres das quais não guarda recordações felizes. Mesmo quando os crimes lhe traziam bom retorno material, não se sentia em sintonia consigo mesmo, pois travava guerra interior. No meio da selva urbana, o aconchego de uma religião de regras duras, mas claras, que garante conter a verdade única, foi o espaço onde a personagem conseguiu se reerguer. No entanto, as respostas, ao contrário das perguntas, não perduram. Mesmo apregoando a plenos pulmões sua fé cega, engasga e cai ao sentir-se ainda incompleto.

Uma característica determinante a perpassar grande parte das ações que se desenrolam em *eles eram muitos cavalos* é o fato de que, de maneira literal ou não, o indivíduo circulando na árida megalópole é forasteiro, estranho dentro do ambiente em que vive. Há um mal-estar generalizado, uma sensação de não pertencimento, de raiva em relação àquele visto como invasor, não merecedor, ou não portador do direito de estar no espaço que ocupa.

São Paulo é uma cidade construída por pessoas vindas de outras nações e de diferentes regiões do país em busca de um sonho, da possibilidade de existência melhor; no entanto, nem todas conseguiram integrar-se nesse cenário tão competitivo. Ruffato fala de luta, de sofrimentos, angústias e da não adequação do ser humano, da hostilidade e da invisibilidade que algumas pessoas passam a ter perante os olhos de uma sociedade desigual, que só as enxerga quando se vê ameaçada e faz de tudo para segregá-las, tornando mais largo e profundo o abismo que as separa, a transformar uma possível solução para os problemas brasileiros numa miragem cada vez mais difusa.

A cidade é o espaço do homem desenraizado, e ele é apresentado em diferentes roupagens a todo instante. Um dos exemplos mais significativos apresenta-se na figura de um índio, que, absolutamente desprovido de qualquer referencial, passa a residir num bairro de periferia, já que, abduzido não se sabe como de sua comunidade ancestral, apega-se desesperadamente a qualquer acolhida que lhe oferecem, embriagando-se, e perdendo-se na selva da cidade inóspita, ao morrer aquele que lhe dera refúgio.

Cada capítulo é mais um drama no seio pouco acolhedor em que se transformou a capital paulista. Relatos de racismo, corrupção, agressões e indiferença sucedem-se. *eles eram muitos cavalos* não encerra nenhuma lição de moral, ao contrário, apenas discorre sobre as inúmeras possibilidades de que dispõe a existência humana nesse mundo pós-moderno, que, antes de ser entendido e codificado, modifica-se e deixa a todos, leitores e personagens, perplexos diante de sua fluidez.

2.2 *Alma de Violino: memórias de um autoexílio*

O romance de Fernando Cesário é um tratado sobre a solidão, montado a partir da narração da rotina estéril de um músico aposentado e de suas lembranças. Antônio Cardini não se relaciona com pessoas, apenas trava contato íntimo com lembranças, memórias e devaneios sobre o passado: “Mas agora, quando se via prestes a redigir o próprio epitáfio, e não encontrando com o que ocupar as suas horas de ócio, como num interminável filme, reprisava suas lembranças, insistente e espantosamente:” (CESÁRIO, 2004, p.140).

Narrado em terceira pessoa, o texto prescinde de diálogos, o que parece imprimir à narrativa uma realidade que pautou a vida da personagem: o monólogo. Cardini nunca primou pelo contato com outras pessoas, nem mesmo com os familiares. Desde a infância guardou para si as próprias impressões e jamais cogitou a hipótese de conhecer o que se passava no íntimo de quem o rodeava.

A história se desenrola em duas dimensões temporais: o presente e também a infinidade de ocasiões em que o violinista se permite transitar para outros momentos da vida, através de estratégias evasionistas:

Foi empuxando-se da abstração, recobrando a consciência, retornando das profundezas. Emergia de uma hipnose. Seus olhos estavam fixos num ponto qualquer da parede, e assim haviam permanecido durante todo o devaneio. A visão retornava, ágil, em círculos concêntricos, até um ponto indistinto no reboque, do qual nunca se afastara. Mas não havia nada ali. O coração baldio. Difusa náusea, os braços marcados de pernalongos. (CESÁRIO, 2004, p. 155)

Observa-se que, se há um elemento a permear toda a trajetória de vida de Antônio, este é o medo, explicitamente apontado pelo narrador no princípio da obra: “o medo nele era quase de nascença” (CESÁRIO, 2004, p. 22) e reiterado um pouco mais adiante: “Antônio sabia cultivar medos em suas vísceras” (CESÁRIO, 2004, p.35). É pertinente ressaltar que a apreensão da personagem em relação ao real é muitas vezes difusa, indistinta, pois mantém

contato tênue com o mundo ao redor. O pavor só tende a aumentar,

quando a ameaça que devemos temer pode ser vislumbrada em toda parte, mas em lugar algum se pode vê-la. “Medo” é o nome que damos a nossa incerteza: nossa ignorância da ameaça e do que deve ser feito — do que pode e do que não pode — para fazê-la parar ou enfrentá-la, se cessá-la estiver além do nosso alcance. (BAUMAN, 2006, p. 8)

Em alguns instantes o temor indistinto toma forma, materializa-se na figura de ciganos, membros de um grupo de folia de reis, vizinhos perscrutadores, mulheres e, principalmente, a morte — fixação a assombrar as noites insones do precoce ancião. Isolado em autoimposta reclusão, Cardini é assolado por pensamentos dilacerantes acerca da experiência do abandono da vida. Faz imaginativas conjecturas: quem descobrirá o cadáver, ou organizará o destino de seus objetos e a mais macabra de todas — quais seriam as sensações que o corpo experimentaria no desenlace? No entanto, nenhum desses exercícios logra diminuir a angústia do homem, pois, como afirma Bauman:

A morte é a encarnação do desconhecido. E, entre todos os desconhecidos, é o único total e verdadeiramente incognoscível. Independentemente do que tenhamos feito como preparação para a morte, ela nos encontra despreparados. Para acrescentar o insulto à injúria, torna nula e vazia a própria idéia de preparação — essa acumulação de conhecimento e habilidades que define a sabedoria da vida. Todos os outros casos de desesperança e infelicidade, ignorância e impotência poderiam ser, com o devido esforço curados. Não esse. (BAUMAN, 2006, p. 45)

O protagonista tem visceral aversão a toda interação. Incomoda-se com a possibilidade de ver a intimidade devassada por qualquer tipo de olhar. Nas inúmeras vezes em que se entrega a cogitar os acontecimentos que sucederiam após sua morte, apavora-se com a possibilidade de ter o corpo e os cômodos da casa esquadrihados:

Antevia as criaturas, atônitas e perplexas umas, apiedadas outras, os demais licenciosos, cobiçosos sobre seus pertences. Uns se atreveriam a remexer nos discos, empunhar os livros, sem se constranger nem com os demais, nem com as gravuras das paredes se que zelavam na sua ausência. Manuseariam? Chegariam a

tanto? Ou fariam motejo de seu tipo ridículo, de sua magreza? (CESÁRIO, 2004, p. 152)

O temor de converter-se em objeto de interesse alheio é por demais perturbador. A personagem aliena o contato humano, chega a restringir os movimentos, objetivando menor exposição. Jacques Derrida já refletiu sobre essa sensação:

Há muito tempo, pode-se dizer que o animal nos olha?

Que animal? O outro.

Freqüentemente me pergunto, para ver, *quem sou eu* — e quem sou eu no momento em que, surpreendido nu, em silêncio, pelo olhar de um animal, por exemplo os olhos de um gato, tenho dificuldade, sim, dificuldade de vencer um incômodo.

Por que essa dificuldade? (DERRIDA, 2002, p 15)

A impossibilidade de total isolamento e as frequentes ocasiões em que se vê forçado a sair de casa para realizar tarefas cotidianas provocam imenso incômodo ao ancião. A vida no interior é inadequada à misantropia — estilo de vida difícil de ali se manter.

Cataguases é o lugar escolhido por Antônio Cardini para morar, ao encerrar a carreira musical no Rio de Janeiro. Não há indícios a justificar tal opção, somente o fato de o personagem, ao lançar luzes sobre o passado, situar a cidade nas proximidades do rincão onde passou a parte mais vibrante de sua existência: a infância.

Fernando Cesário lança mão de um processo narrativo que prima pela dosagem exata de informações a serem fornecidas ao leitor. De maneira despretensiosa vai apresentando a personagem, elaborando-a de forma tão sensível e utilizando a linguagem com tamanha maestria, que ela, lenta e quase imperceptivelmente, ergue-se quase tangível ao leitor. O primeiro parágrafo do romance é um exemplo da estratégia urdida por esse hábil escritor:

Cem anos depois do naufrágio do vapor Giovanni Lauro, na rota Santos-Gênova, Antônio Cardini tartarugava, monástico, pelos compartimentos da casa. Gravuras pelas paredes, tirinhas de madeira preta envernizada servindo de moldura: Mozart sobre a poltrona; Verdi e Belini, nas laterais da sala; Lizst no espaço entre a porta de entrada e a janela, que davam para o beco; Rossini no corredor que saía na cozinha, defronte ao banheiro; Beethoven, em posição de destaque, no quarto, aos pés da cama. (CESÁRIO, 2004, p. 9)

Alguns dados importantes sobre as origens e os gostos de Cardini são expostos sem que o leitor perceba a intenção do escritor em fazê-lo. As raízes italianas são sugeridas ao destacar-se o destino trágico do navio. O estilo de vida solitário e letárgico é caracterizado pelo verbo tartarugar e pelo adjetivo monástico. O elo com a música evidencia-se pela profusão de representações dos grandes mestres pelas paredes da moradia simples. A importância das origens estrangeiras para a construção psicológica da personagem toma forma por meio de espaçadas, mas decisivas alusões a esse aspecto. Na segunda página do romance, Cardini se entretém com uma arma antiga que, então fica-se sabendo, fora trazida pelo avô da Itália. Algumas páginas adiante, uma informação mais consistente é fornecida ao leitor: “Um século antes, seu avô e seu pai, ainda menino de colo, haviam imigrado da Itália para o cultivo do café.” (CESÁRIO, 2004, p. 15). O processo narrativo utilizado pelo escritor é sutil no que diz respeito aos momentos em que o legado familiar de Cardini ganha relevância. Inseridos nos longos períodos em que se dedica ao dileto cultivo do devaneio, quadros imaginários, raciocínios que, se vistos apenas na superficialidade, parecem estéreis e deslocados temporalmente, auxiliam o leitor a decifrar personagem tão ensimesmado:

Não tinham mais o encanto das composições de passageiros da Leopoldina Railway, a gare com aqueles estrangeiros apeando, variando pela plataforma. Imaginava uma pequenina multidão deles, homens e mulheres, que concebia desse modo: a pele nevada, porém corada, os cabelos absolutamente lisos e loiros, os olhos da cor da malaquita. E banda de música em retreta, bandeirinhas do Brasil e da Itália nas mãos das crianças do Grupo Escolar, a estação de desembarque repleta quando o Rápido Mineiro encostava.

Em meio àquela gente desconhecida, via os seus avós, dos quais não conseguia nunca delinear perfeitamente uma figura. Somente uma sombra, um personagem; solitários e sem bússola. Via tudo muito rápido, resumido, com se a consciência fosse curta e censurasse, como se pensasse para registrar tudo aquilo. Mas não devia ser o contrário, perguntava-se, algo inteiramente suave e de aprazimento?

Para onde teriam se dirigido, no primeiro dia, quais os primeiros passos, quem os teria recebido? Sentou-se na borda da mureta, tentando formar sentido. (CESÁRIO, 2004, p. 43)

A paulatina, mas robusta apresentação da história familiar da personagem, como foi demonstrada acima, é decisiva para sua compreensão. Através de dados obtidos por outras situações de retorno ao passado, percebe-se que tudo o que vivenciou na infância definiu seu

caráter e estratégias de vida. Passou os primeiros anos num pequeno sítio. Privou de ambiente familiar muito sólido, teve contato com os avós que moraram com a família até a morte e de quem absorveu traços de costumes antigos. O pai sobrevivia plantando café e a mãe desempenhava funções tipicamente femininas dentro de uma estrutura social de papéis rigidamente demarcados. Não eram pessoas possuidoras de situação financeira privilegiada, mas nada indica que levassem existência de dificuldades extremas.

A primeira fase da vida da personagem é descrita de maneira poética. O narrador enfeixa uma série de descrições ricas em detalhes, permitindo ao leitor a percepção de que o menino desfrutara de todas as benesses da vida no campo — os grandes espaços, os horizontes longínquos, as montanhas a atiçarem a curiosidade (o que haverá além delas?), o perfume de terra molhada com a chegada da chuva a aliviar o calor intenso, as brincadeiras com a irmãzinha, a mais querida e dolorosa lembrança. No entanto, a narrativa, mesmo destituída de diálogos, evidencia a riqueza de sentimentos presentes na vida da família. Tal fato se contrapõe à escassez de momentos em que o afeto era demonstrado, por palavras ou gestos. O menino só podia intuir que era amado pelo pai, figura admirada, mas também assustadora, de quem nunca ouvira nenhuma palavra que lhe revelasse qualquer sinal de carinho.

Apesar do desejo de conhecer o que havia além do universo de Monte Redondo, Antônio sonhava em ser como o pai e os irmãos, ou seja, alto e forte o suficiente para realizar as tarefas masculinas. Suas expectativas foram frustradas. Uma sequência incompreensível de infortúnios se abateu sobre a família. Um após o outro os irmãos foram falecendo, mas a narrativa não fornece dados a respeito da causa de tais mortes. Completamente destroçado física e psicologicamente, o pai resolve dar destino diferente ao único filho que lhe restara. O leitor tampouco é informado das condições que permitiram a realização dessa mudança de vida. Em uma viagem marcada pelo silêncio paterno, a criança embarca de trem para Cataguases e de lá para Juiz de Fora, partindo em seguida para o destino final, o Rio de

Janeiro. Nada é revelado acerca do período de amadurecimento da personagem, quais teriam sido as angústias, dificuldades e relacionamentos. Os raros dados podem ser obtidos quando Cardini recua no tempo e rememora seus dias na capital fluminense. Morou só. Da profissão — violonista de uma grande orquestra — não guardou lembranças profundas. A incapacidade de estabelecer vínculos contaminou não só os relacionamentos humanos, mas também a maneira como lidava com todos os aspectos da vida. Apesar de ser um apreciador da música clássica, não sente por ela paixão nem logra obter realização pessoal através da arte. É reveladora a frieza dos outros músicos no último dia de trabalho da personagem. Não há despedidas. Ele sai levando a certeza de que sua ausência não seria sentida.

A ida para Cataguases não apresenta nenhuma explicação segura. Apenas conjecturas podem ser feitas. É a primeira cidade onde parou ao sair de Monte Redondo, encontrando-se a uma distância segura desse lugar onde Cardini parece ter deixado a alma: nem tão longe que seja inatingível nem tão próximo que possa vir a ser incomodado por qualquer presença eventual.

De volta a Minas o aposentado adota uma rotina marcada pela excentricidade e total reclusão. Dorme durante o dia e passa as noites a perambular pela casa ou a caminhar pela cidade vazia. Convive apenas com as memórias e, a partir delas, constrói-se essa narrativa em que impera o silêncio, sombras e atmosfera fúnebre, quebrada apenas por ligeiros instantes em que imagens rurais abrem uma brecha no presente obscuro da personagem, a trazer-lhe lampejos passageiros de luz e vida.

Ao se fazer uma leitura mais atenta de *Alma de violino* percebe-se algo bastante esclarecedor, mas de forma alguma de imediata apreensão: a contraposição entre a atmosfera clara e arejada da infância no campo e a penumbra sufocante do presente. A Cataguases em que habita a personagem é uma cidade escura, pouco acolhedora, povoada de pessoas desagradáveis e insensíveis. Ao descrever os ambientes por onde circula em seu retiro voluntário, pouco se visualizam horizontes claros, espaços luminosos. Ao contrário, o ócio

onipresente é vivido em locações muitas vezes claustrofóbicas

Em oposição, embora a vida no campo fosse dura, com rotina de trabalho intenso, acordar cedo para realizar as tarefas não era algo a lamentar. Apreende-se essa idéia pelo tratamento quase poético na descrição do amanhecer em Monte Redondo:

O aroma do café de rapadura vaporejando no desvão do telhado, avançando sobre os quartos, despertando Antônio. Ou um ruído vindo do quarto do pai. Calçava as botinas. Lá fora, ainda madrugava, nesga de luar penetrando pelas frinchas da janela, luz de querosene oscilando frouxamente nos caibros e nas telhas, as folipas do ar parecendo condensar-se em minúsculos cristais de gelo. (CESÁRIO, 2004, p. 11)

Havia beleza, sabor nesse ritual repetido dia após dia. Ainda era noite quando a família se levantava, entretanto a vida parecia estar chamando por eles do lado de fora. Nota-se uma atitude de coragem perante os desafios a se enfrentar. A possibilidade de um novo dia trazia esperança:

A noite dormindo, ventania esfuziando no corredor, por entre o escarpado das serras. O pai abriu a porta da cozinha, sentou-se na soleira, perna estirada para fora, a respiração se agrumulando, alentos, fumaça, o ar renovado da manhã, estalidos da lenha queimando, cavacos fumegando no fogão. Tiritando de frio. Aquietou no chão o chapéu, e engoliu o café-com-leite. Fumos vazando pelas manilhas da chaminé, enroscando-se nos ares, ondulando, espiralando, uma nuvenzinha tisonada se acumulando no interior da cozinha, enfumaçando. (CESÁRIO, 2004, p. 13)

Quando a aurora se descortinava, a atmosfera enchia-se de renovação, ouviam-se os sons da natureza. Não havia por que se esconder do mundo, tudo era convite:

Desanoitecia ainda mais. Canário pipiando seus trinos, desenhando a manhã, o trinca-ferro, a juriti, não sabia onde, os cães, o dia brotando, os primeiros clarões, prelúdios de luminosidade no telhado da tulha, renovando o sol, que aparecia devagar; um pouquinho depois na cobertura de sapé, sobre a bica, penetrando o frio.

Por que não voltava a dormir? (CESÁRIO, 2004, p.13)

A pergunta a finalizar o capítulo não espera respostas imediatas. Talvez realmente houvesse um forte motivo para não continuar dormindo, maior que o desejo preguiçoso pela

permanência no ambiente quente e protegido do quarto.

Em contraposição à presença da luminosidade na infância rural, é deveras perturbador o cenário predominantemente obscuro, de cores tristes e ares pouco arejados da Cataguases onde a personagem se encontra autoexilada na velhice. Se quando menino o alvorecer o encantava, na última fase da vida só consegue perceber o belo com a chegada do crepúsculo:

Sossego do rio no lento deslizar. As garças desciam gazeando pelo vale, no seu imperturbável cortejo, meneando as asas tão lentas, que nem pareciam necessárias para sustentá-las no ar Ensinavam a direção, fugindo da escuridão. Recolhiam-se pelos vales, airozas, brancas-de-giz, envergando as asas para cima e para baixo, com leveza, planando, porte esguio e alinhado, ossinhos resguardados por um nada de carne, pousando nos dois ingazeiros, na foz do Meia Pataca (junção das águas; onde elas rodopiam), a ramaria desdobrada das centenárias árvores, debaixo da pedreira, pintada de cal das garças, nos fins de tarde. (CESÁRIO, 2004, p. 56)

Essa breve descrição do entardecer é dos raros instantes em que o narrador deixa transparecer impressões positivas de Cardini em relação aos elementos ligados ao presente. Nos demais trechos da obra, a opção por locações menos poéticas evidencia-se:

Manhã clareando no desenho dos morros, inventiva de andorinhas sobre as algarobeiras, avistava os que transitavam sobre a ponte: as tecelãs das seis, os operários do turno da noite, largando da fábrica, os meninos do Ginásio, próximo das sete, os ônibus que chegavam ou partiam da rodoviária, as secretárias dos escritórios, os lojistas, os encostados, os mendigos, os doidos, que espavoriam a cidade (outro dia, um deles esmurrara incessante e ruidosamente o portão, quase o pondo a baixo). Então, recolhia-se ao quarto. (CESÁRIO, 2004, p. 42)

Dispondo de relógio biológico diferente daquele da maioria das outras pessoas, Antônio Cardini tem poucas oportunidades de transitar durante o dia pela cidade. À noite, quando se entedia e resolve sair para uma caminhada, encontra as ruas escuras e vazias:

Silenciosamente aceso nas sombras, velando as vias públicas mais e mais vazias, as solitudes noturnas. Por vezes, caminhava á toa, altas horas, o solado dos sapatos lustrosos rinchando. Subia o quarteirão da Major Vieira, depois a Tenente Fortunato, brisa soprando do vale, alcançava a praça Rui Barbosa — detinha-se um pouco nos bancos, aquietando o corpo e a alma, a mesma aragem tremulando as folhas das gigantescas sibipurunas, dos oitis, das magnólias —, chanfrava pela Coronel Vieira (desbravando o oficialato), alcançava a praça Santa Rita. O chafariz abandonado, não mais alteando os esguinchos coloridos, que oscilavam ao ritmo

das valsas, cachoavam, depois torciam, e bailavam e caíam num atropelo, quando eram desligadas as golfadas que cruzavam do Brasil ao Japão.

Regressava novamente pela Major Vieira, mãos nos bolsos, focalizando os bicos dos sapatos, que se adiantavam nos passos lentos, os pés calcando os pavimentos de ladrilhos, de cimento áspero, de paralelepípedos, a cidade entregue à calmaria. (CESÁRIO, 2004, p.77)

A ausência de luminosidade, com raras exceções, dá o tom aos cenários percorridos pelo homem no ocaso da vida. A recusa de viver o dia, a escolha pelas horas noturnas se reflete na maneira como percebe o ambiente ao redor. Ele se esconde do mundo e entrega-se a uma rotina em que se vê a desfilar um incessante fluxo de recordações, interrompido por questionamentos reflexivos angustiantes.

Na obra de Fernando Cesário as descrições ocupam um lugar de destaque, proporcionando ao leitor as chaves a auxiliá-lo na tarefa de decifrar os traços mais sutis da personagem central. Trata-se de um texto que se estrutura e toma forma à medida que a caracterização de Antônio Cardini se delinea: uma personagem atormentada por temores, que, ao atizar a curiosidade por investigação psicológica mais profunda, coloca o leitor diante de um universo intrincado. Se à primeira vista apresenta-se como uma personificação de preconceitos em relação ao diferente — apareça este na figura de ciganos, negros, ou mesmo mulheres —, uma análise cuidadosa de sua trajetória de insulamento revela um ser complexo, a carregar em si múltiplas facetas, o que só faz aproximá-lo das figuras de carne e osso com as quais se pode cruzar a toda hora.

2.3 Engajamento e desilusão num *Dezembro Indigesto*

A coletânea de contos de Ronaldo Cagiano — vinte e seis no total — tem como pano de fundo principal três espaços distintos: Brasília, Cataguases e um sertão nordestino geograficamente difuso. As narrativas mostram-se bastante diferenciadas umas das outras e, por vezes, tem-se a impressão de inexistir um elo temático entre as histórias. No entanto, há

alguns assuntos recorrentes. As personagens são marcadas pela desilusão, misantropia e engajamento político. Percebe-se um fator comum aos três lugares privilegiados nas narrativas: a necessidade de deslocamento e a inadequação oriunda dessa escolha. Isso conduz a uma reflexão já feita por Guy Sorman:

Por que os governos não conseguiram até agora controlar os fluxos migratórios e nem integrar os imigrantes? Seria em virtude de a concepção política desses governos ser medíocre? Seria em virtude da pressão da opinião pública, impedindo que adotassem uma outra concepção? Talvez também pelo fato de o Estado não estar na melhor posição para administrar a integração... Essa última hipótese é raramente levada em conta e, no entanto, de acordo com a experiência, está claro que os Estados modernos controlam mal as políticas sociais, submetidos que estão à dupla pressão dos eleitores e da inércia própria a toda burocracia. Mas será que poderíamos privatizar a política de imigração e de integração? (SORMAN, 1993, p. 153-154)

É necessário realçar que Sorman discorre sobre processos de integração de imigrantes em nações estrangeiras, o que não elimina uma correlação com a realidade brasileira, em que grupos se submetem a longas migrações internas e sofrem preconceito nas regiões para onde se dirigem. E já que as políticas governamentais não se mostraram eficientes para promover uma real inserção dessas pessoas na sociedade, caberia ao setor privado, à sociedade organizada tomarem para si essa tarefa? Pergunta incômoda, para a qual ainda não se encontrou resposta definitiva.

Nas narrativas de Cagiano, Brasília representa a metrópole para a qual acorrem aqueles em busca de melhorias de vida. Não se trata apenas de busca material. A cidade grande também representa a redenção para pessoas que enxergam nela uma saída para suas vidas pessoais cerceadas nos locais onde nasceram. Essas expectativas são frequentemente frustradas por um ambiente hostil aos que pouco têm a oferecer.

O primeiro conto da obra evidencia os elementos acima. Apresenta-se o espaço urbano desumanizado como cenário:

Nem o vozerio, nem o barulho da catraca, nem os sinais de parada, as freadas

bruscas, o mau humor do motorista, a cara feia do cobrador, os painéis lá fora, as casas, as pessoas paradas nos pontos, na avenida anônima: artéria endoidecida, com seu fluxo enfurecido e divergente de animais metálicos. (CAGIANO, 2002, p 23)

A personagem narradora, perdida em questionamentos filosóficos sobre a morte, recusa-se a estabelecer comunicação com outro passageiro do ônibus. Perturba-lhe um acidente, aparentemente sem importância, ocorrido naquele dia: uma mulher havia se jogado do vigésimo oitavo andar do Congresso. Jandira era uma copeira como tantas outras, endividada, marido alcoólatra, vida pessoal despedaçada. Brasília tampouco pode parar. Não há tempo para lamentar a morte da infeliz mulher, nem para que dois passageiros tenham possibilidade de desenvolver contato maior que uma troca de olhares.

O primeiro conto inaugura uma preocupação recorrente nessa obra de Ronaldo Cagiano: a posição incômoda da mulher na sociedade brasileira. O autor cria em narrativas de enredos diferenciados uma série de personagens femininas de todas as idades que em comum têm o fato de pagarem alto preço por seu sexo num universo masculino hostil.

Nesse ponto, é importante recuperar algumas considerações de Antonio Candido a respeito da criação, da origem dos seres ficcionais, que, como ele aponta, são de interesse para o estudo da técnica da caracterização, do elo entre o inventado e o real, mas de forma alguma para a interpretação e análise de uma obra. Sobre a arte de criar uma personagem, ele assinala que:

[...] tomando o desejo de ser fiel ao real como um dos elementos básicos na criação da personagem, podemos admitir que esta oscila entre dois pólos ideais: ou é uma transposição fiel de modelos, ou é uma invenção totalmente imaginária. São estes os dois limites da criação novelística, e a sua combinação variável é que define cada romancista, assim como, na obra de cada romancista, cada uma das personagens. (CANDIDO, 2007, p. 69-70)

Faz-se necessário recuperar este raciocínio para dar prosseguimento à investigação dos textos de Ronaldo Cagiano sob o prisma almejado por esse estudo. Percebe-se em grande parte do material analisado que o autor utiliza eventos e personagens do mundo real. No

entanto, através de um processo de modificação, tanto o espaço ficcional como os seres que nele transitam adquirem características próprias. A imaginação do autor constrói universos que, mesmo guardando semelhanças com o mundo real, já que nele tem base, adquirem vida independente.

É evidente a proposta de Cagiano de denunciar, criticar e retratar as mazelas da sociedade brasileira; em consequência dessa atitude, poderia haver um menor aprofundamento psicológico das personagens. No entanto, não acontece isso nos contos em questão. Pode-se notar facilmente um adensamento e singularização de cada ser ficcional a diferenciá-los e sobrepô-los ao cenário social que se pretende abordar.

Novamente se faz um empréstimo do pensamento de Antonio Candido acerca da criação literária, quando sugere que o importante ao se estudar um texto é menos sua semelhança com o real que sua composição:

Poderíamos, então, dizer que a verdade da personagem não depende apenas, nem sobretudo, da relação de origem com a vida, com modelos propostos pela observação, interior ou exterior, direta, ou indireta, presente ou passada. Depende, antes do mais, da função que exerce na estrutura do romance, de modo a concluirmos que é mais um problema de organização interna que de equivalência à realidade exterior. (CANDIDO, 2007, p. 75)

Ao tocar no incômodo assunto da opressão à mulher, os contos de Ronaldo Cagiano são surpreendentes na arte do convencimento. Abusando da descrição de detalhes relativos ao espaço e ao universo interno das personagens, o contista logra incutir no leitor um admirável nível de aceitação da estrutura interna do texto.

Em “O abuso”, narrado em primeira pessoa, emerge a denúncia contra a violência sexual infantil, tema incômodo, mas, infelizmente, de atualidade inegável. Trata-se da história de uma mulher adulta, dilacerada por memórias que a atormentam, embora inúmeros anos tenham se passado desde a barbárie a que fora submetida ainda pequenina. Como uma câmera, ela descreve o quintal de interior onde brincava, paisagem bucólica a contrastar com

o ato odioso ali cometido. Colaborando para dar mais dramaticidade à cena, a personagem revive o doloroso trauma físico e psicológico, dando voz à menina que foi um dia. Constrói-se, assim, esse ato, com riqueza de detalhes, já que para cada movimento feito pelo agressor há, em contrapartida, o relato do que se passava no pensamento da vítima. Um quadro de cores fortes a conchamar o leitor a reflexões dolorosas sobre um tipo de crime silencioso e muitas vezes impune.

Ao engendrar personagens femininas vivendo em pequenas cidades, o escritor se aproveita, igualmente, para fazer outra denúncia que pode parecer espantosa a pessoas certas do fim de determinados preconceitos de ordem moral. Em duas oportunidades em especial, "Quase esboço de um conto inacabado" e "*Short story*" podem-se ver mulheres pagando um alto preço por ousarem viver a sexualidade de forma livre, ou algo que se assemelhe a essa utopia. No primeiro conto, encontra-se Fany, moça sonhadora que sofre retaliação de proporções desmedidas por ter tido relações com um forasteiro:

Tem que ir pra lá, pra casa das putas, das fornecedoras, disse dona Filó, no seu arroubo de carola do padre Antônio, com seu pudor delirante e *demodè*. A vizinhança não queria saber de conversa com perdida. Os irmãos, as sobrinhas, pai e mãe envergonhados — todos estavam de nariz torcido para Fany, que morava no final da Rua do Lava-pés. O que viam era a puta, a que ia engordar o rol das perdidas. (CAGIANO, 2002, p. 192)

Em "*Short story*", o espaço é semelhante, cidade pequena, povoada por pessoas entediadas, prontas a recriminar qualquer um possuidor de coragem para desafiar regras morais anacrônicas, ou destemido o suficiente para tentar alcançar um grau qualquer de satisfação pessoal. O repúdio é mais exacerbado quando quem ousa é uma mulher. Madalena confiou nas promessas de um homem casado. Entregou-se, acreditou em juramentos de alcova. O preço pago pela moça talvez seja intensificado pelo fato de ela também, de forma inconsciente, compactuar com os pudores morais da sociedade em que se criou.

A prostituta Rosalía, protagonista de "Protuberâncias da solidão", não tem tantos

pudores em relação ao fato de usar o corpo da forma que melhor lhe convier, embora sofra algumas recaídas ao se confessar com o padre de sua igreja. De origem estrangeira, chega a Santa Rita do Pombal, cidade fictícia inspirada na Cataguases natal do autor, e lá conquista não só a admiração masculina, mas também o ciúme das mulheres traídas. Como parece ser a sina das jovens de vida sexual livre, é castigada ao morrer com quatro tiros na cabeça e um no peito.

O conto “Retirantes” é retrato fiel de outra tragédia brasileira. Trata-se de uma família de nordestinos que se dirige a Brasília durante o período de construção da cidade. A mão-de-obra era necessária e eles alcançaram certa prosperidade material. Com a inauguração da cidade e a diminuição de postos de trabalho para pessoas de pouca instrução, a situação torna-se insustentável e eles têm de retornar ao local de origem.

A capital brasileira adquire, com o tempo, cores próprias. Não é só a ilha da fantasia, alienada das grandes questões nacionais. Em “Contraponto”, após um quebra-quebra na rodoviária do plano piloto, dois amigos que não se viam desde os tempos negros da ditadura militar se reencontram. Relembra momentos passados, um romance que poderia ter acontecido, mas que foi sufocado por crenças políticas. A manhã chega, eles se despedem. A vida segue, não há retorno.

O nordeste brasileiro aparece em cores fortes em vários momentos. Não há uma determinação geograficamente precisa, nomes fictícios são criados, elementos de diversas regiões fundem-se para compor um quadro que represente uma realidade comum a tão distintas e espacialmente distanciadas áreas.

O conto ironicamente intitulado “Destino” discorre sobre a trágica saga de um casal — Zaqueu e Maria Rosa:

O pouco que lhes coube nessa vida não pode ser coisa de deus, sem árvore, sem sombra, sem plantação. Apenas a imensa planície avermelhada e poeirenta, numa planura de perder de vista, selvagem, sem alma viva pra contar história. No mais, é um calor de curtir o couro e rachar os lábios, a língua ressecando, a falta de saliva, a

falta de tudo.

A falta. (CAGIANO, 2002, p. 89)

Em outro momento, ao utilizar um tom quase apocalíptico e a ensaiar um diálogo com o realismo fantástico, Cagiano cria uma “Legião Estranha”. Trata-se de uma hoste de desvalidos, excluídos dentro de um universo já à margem do restante do país. Vagam por um sertão castigado pela miséria e acabam por parar num pequeno arraial. Lá são acolhidos com desconfiança, têm pequena trégua e logo a seguir são obrigados a partir em sua caminhada épica, fugindo de um inimigo implacável.

Nesse Brasil profundo, onde os direitos mais elementares são negados, certas conquistas ainda estão por ser vislumbradas. Ritinha era uma moça consciente de seus desejos, mas avessa aos códigos que vigiam no Chaparral. Traiu o marido e pagou o preço cobrado de muitas mulheres em tais circunstâncias: a própria vida.

Cataguases, espaço intermediário entre a velocidade impessoal da capital e o isolamento cultural e econômico do sertão nordestino, surge como cenário privilegiado nessa obra de Ronaldo Cagiano. A localidade é retratada de forma onírica em “Encontros”. Trata-se de uma fictícia incursão de Franz Kafka à cidade em meados do século XX. Respiravam-se então os ares inovadores do modernismo e ouviam-se os ecos do pioneirismo de Humberto Mauro: tempos passados, momentos perdidos. Uma série de oportunidades desperdiçadas depois, o lugar já não é mais o mesmo, nem aqueles que lá vivem.

O conto “Metamorfose” é um sopro de esperança em meio a tanto desalento. Ismênia é uma solteirona típica. Triste figura, quase caricata em seu desespero, avessa aos pequenos prazeres possíveis do cotidiano e presa a convenções nas quais ela acredita mais que o resto das pessoas. Num dado momento deixa de ouvir ordenamentos exteriores e passa a dar atenção a vozes internas que insistentemente tentou calar por toda uma existência. A transformação se dá então: a mulher emancipa-se, concede-se o direito de desfrutar a vida.

Os dois contos abordados acima são, no entanto, exceções. Cataguases configura-se, na maioria das narrativas, como espaço de tédio, desespero e angústia. É o lugar de onde se

deve partir. As personagens que lá permanecem vivem mergulhadas em dramas psicológicos intensos, acoçadas por uma insatisfação que extrapola os limites do razoável. A cidade parece impor um mergulho interior do qual não se consegue sair impunemente. Alguns conseguem, num primeiro instante, escapar desse cipó e mudam-se de preferência para alguma metrópole. A mudança, contudo, não os isenta do sofrimento do pertencimento, já que, em certo momento, têm de retornar à cidade de origem e fazer contato novamente com dores nunca apagadas e reiniciar batalhas jamais vencidas.

Na mesma linha dos exemplos acima mencionados, “Desencontros, desencantos: exílio” apresenta no primeiro parágrafo as impressões da personagem Marilena, de retorno a Cataguases após longa ausência:

Hoje não reconhecia mais a cidade de antanho. Antes de atravessar a Ponte Nova, ganhar a Praça Rui Barbosa e chegar à Avenida, lançou os olhos por cima do casario da Vila Minalda e divisou, num olhar distante e triste, o túmulo onde estavam o pai e o irmão, e ficava bem perto da amurada que separa o cemitério da rua que margeia o rio Pomba. (CAGIANO, 2002, p. 231)

Trata-se de uma narrativa de impressões e memórias. A mulher retorna à cidadezinha de interior para rever a mãe e buscar um reencontro consigo. Também tem o intuito de exorcizar a lembrança de um amor perdido. A visita ao interior não lhe acrescenta muito, apenas confirma a percepção de não pertencimento ao local onde nasceu e se criou. O destino de pessoas semelhantes a ela na necessidade de alcançar um sonho é o abandono das raízes. O ritmo nostálgico é interrompido nas últimas linhas do conto, quando Marilena encontra-se já no ônibus afastando-se de Cataguases e nota o olhar de cobiça de um desconhecido.

Por vezes, o autor prefere não nomear a cidade de modo direto. Cria nomes fictícios para lugares e pessoas. Esse recurso é utilizado de forma intencionalmente falha, já que se reconhece com facilidade tudo aquilo que se tentou esconder por trás de uma denominação falsa. O autor lança mão dessa estratégia quando, de forma ferina, procura denunciar as

mazelas políticas e aqueles que detêm o poder em Cataguases.

O tema da loucura também encontra espaço entre os contos da coletânea de Cagiano. “O profeta” propõe-se a descrever o universo psicológico de um doente mental e a fazer o relato de sua rotina. O texto apela para os sentimentos do leitor e o remete ao drama de inúmeras pessoas que vagam desassistidas pelas ruas das cidades brasileiras. Em “Pavlov”, a insanidade não é tão explícita. A personagem em torno da qual gira a história é uma imigrante russa devastada pelas vicissitudes. Morando no Brasil por motivos alheios a sua vontade, tem uma rotina marcada por uma atitude paranóica e agressiva.

Dezembro indigesto é o título do livro e também de um dos contos que compõem a obra. A narrativa se passa indicativamente na cidade mineira. É o drama pessoal de Eugênio, cuja misantropia impossibilita-lhe qualquer tipo de relacionamento íntimo. Aos cinquenta anos nunca tivera mulher nem filhos. Mesmo num lugar pequeno onde a proximidade com outras pessoas é quase uma imposição, isola-se. Ao aproximar-se a época das festas de fim de ano, o homem era abatido pela angústia. Dezembro, mais que qualquer mês, representa seu inferno pessoal. O trecho abaixo dá o tom que marca as narrativas de Cagiano:

O Natal era sempre um inferno em sua vida, uma indigesta passagem de todos os anos fazendo feio o seu dezembro. Eugênio não aceitava, em sua misantropia, ensimesmado, a inexorável marcha da sociedade consumista, que fazia desse tempo de cristandade uma apologia dos gastos, da insensata troca de presentes, de um dar e receber insólito, porque, dialogava com seus botões, o ano vai chegar e cada hostilidade, cada ambição, cada desejo irrelatável não serão substituídos nem pela generosidade nem pela afetividade, mas restarão hibernados para renascerem mais poderosos no coração das pessoas que levarão o ano na mesma frenética e veloz necessidade de competição, e chegarão outros natais, os dezembros não serão melhores, e nos seus pensamentos obtusos sobre si e a vida, Eugênio ia desfibrilando o seu coração, na oblíqua revelação de sua própria existência. (CAGIANO, 2002, p. 186)

O texto tratado acima juntamente com “*In extremis*” e “Espectro dissonante” apresenta uma tendência comum: a caracterização de personagens cujos traços psicológicos veem-se delineados pelo exaustivo embate interno. Isolados, sem interlocutores com quem possam dividir as angústias que os atingem, levam vida sofrida e sem esperanças de alterar o quadro

em que se encontram. O limite do suportável é ultrapassado por Germano, de “*In Extremis*”, ao acenar com um possível suicídio. A tanto não chega o protagonista de “Espectro Dissonante”, não obstante o fato de suas inquietações existenciais o colocarem em patamar semelhante aos de Eugênio e Germano:

Alexis sou, há 27 anos estou no mundo e quase nada de útil para a humanidade, mas precocemente afugentando meus ais, metamorfoseando delírios e vinganças. Ando agora na (es)calada dessa noite, mais que noite de lua, noite interior, de infortúnios, que se abate soberana sobre meus sentidos. Vejo-me diante da vida tal qual aquela mosca que acabei de entregar à morte tórrida num aparelho de captura que não conhece metafísica, nem chocolates, nem distúrbios pessoais. E Kafka ou Clarice ririam de mim, absorto e intransigente, nessa sanha de capturas, de desempate com a desilusão. (CAGIANO, 2002, p. 60)

A estrutura concebida pelo autor nestes três contos em particular contraria alguns requisitos tradicionais atribuídos a essa forma de narrativa, especificamente no que tange à criação das personagens. O trecho abaixo, retirado de renomado compêndio evidencia essa discrepância:

A estrutura do conto corre linhas paralelas com as unidades e o número de personagens. O conto é essencialmente “objetivo”, “plástico”, “horizontal”, e, por isso, costuma ser narrado na terceira pessoa. Ainda: foge do introspectivismo porque a realidade viva, presente, concreta constitui o seu campo de ação. Divagações ou digressões fazem-se escusadas, pois seria ofender-lhe a estrutura : breve história que é, no conto todas as palavras hão de ser suficientes e necessárias e convergir para o mesmo alvo. Assim se explica também que o dado imaginativo se subponha ao dado observado. A imaginação, necessariamente presente para conferir à obra o caráter estético, jamais se perde no vago; ao contrário, prende-se plasticamente à realidade concreta. Nasce daí o realismo, a verossimilhança do conto com a vida: ele não admite malabarismos estruturais sem comprometer seu caráter próprio. (MOISÉS, 1971, p.115)

Ronaldo Cagiano constrói uma obra que tem o claro objetivo de propor ao leitor um exercício reflexivo. Através de narrativas bem estruturadas e de personagens convincentes, a meta do autor é atingida, embora ele, sem dúvida, desafie certas convenções ao elaborar personagens que percorrem os subterrâneos da mente humana e têm seus traços psíquicos aprofundados. Outra característica das personagens apresentadas em *Dezembro indigesto*

reside na tendência do ficcionista em explicitar-lhes os traumas, as tragédias pessoais, as crenças e os posicionamentos políticos. Trata-se de um texto que, sem ser óbvio, cumpre o objetivo de atingir o leitor através do estabelecimento de uma empatia imediata entre ele e as personagens.

3 NARRATIVAS DE DESENRAIZAMENTO

Dentre as conquistas alcançadas pela humanidade ao longo de séculos de avanços científicos está a possibilidade de locomoção rápida. As distâncias se encurtaram, viagens outrora penosas e arriscadas são agora levadas a cabo em questão de horas de forma bastante confortável e segura. Os grandes deslocamentos humanos, em outras épocas demorados processos, consolidam-se com velocidade vertiginosa.

Não se pode mais conceber a existência de comunidades isoladas, imunes a tal realidade. Pequenas cidades européias, ciosas de um passado cultural e de uma herança étnica únicos, são invadidas por trabalhadores oriundos das mais diversas partes do globo. Londres, Paris, Madri e outras metrópoles do velho continente recebem estrangeiros de toda sorte. Do outro lado do Atlântico o fato se repete. São os americanos que, assustados diante do aumento da imigração, tentam encastelar-se construindo muros para protegerem-se das hordas de imigrantes ilegais a forçar a entrada no país através da fronteira sul. O Japão, no passado, exemplo de sociedade racialmente pura, tem agora suas linhas de montagem funcionando com a ajuda de operários de outras nacionalidades. Percebe-se, portanto, a abrangência desse fenômeno, e suas implicações afetam um número cada vez maior de aspectos nas estruturas sociais das nações.

No Brasil, os eventos desenrolam-se em consonância com o que ocorre no resto do planeta, mas adquirem características locais. Desde a década de 1980 cresce o número de jovens que vão em busca de melhor sorte no chamado Primeiro Mundo. Por outro lado, o país havia sofrido um processo de urbanização avassalador no século XX. A chegada aos centros urbanos de multidões provenientes das áreas rurais alterara de forma decisiva o cenário dos médios e grandes municípios brasileiros. Esse fenômeno se deu em virtude não de um

descontentamento do homem do campo em relação ao estilo de vida e à cultura na qual se encontrava inserido, mas por conta da escassez de recursos e das privações a que estava submetido.

A cidade representava a possibilidade de uma existência mais digna, um novo mundo que se descortinava. O Brasil via-se tomado por um processo de industrialização sem precedentes na história e a mão-de-obra barata materializada na figura do migrante tornou-se bem vinda. Essa realidade viria a se modificar a partir de meados da década de setenta do último século, quando a crise do petróleo pôs fim a um período de euforia econômica. As décadas seguintes não testemunhariam um quadro social favorável — a falta de perspectivas, o desemprego passaram a atormentar um número cada vez mais expressivo de pessoas, em especial aquelas desprovidas de qualificação. Um horizonte sombrio se descortinava para muitos.

Além dos eventuais problemas financeiros enfrentados, outros desafios se apresentavam aos recém-chegados. Viam-se instalados em um universo profundamente distinto daquele a que estavam habituados. Apesar de o país ser o mesmo, é sabido que as características da cultura rural, das pequenas localidades diferem daquelas dos grandes centros. Há uma infinidade de novas informações a serem assimiladas: códigos sociais, maneira de se vestir, formas de entretenimento e até a maneira de utilizar-se a língua.

O processo de adequação é muito frequentemente marcado por conflitos. Outros importantes fatores também estão em jogo, visto que, ao buscar a inserção no novo ambiente, não é incomum a ocorrência do abandono ou negação da herança cultural que esse novo habitante da grande cidade trazia de sua comunidade de origem. Ocorrem fatalmente uma ruptura do círculo de amigos e um inevitável afastamento em relação ao núcleo familiar. Esse processo de desenraizamento tem desdobramentos variados, de acordo com a forma como se dá. Três estágios — já explicados no capítulo 1 — a que Tzvetan Todorov se refere, quais sejam: desculturação, aculturação e transculturação, mostram-se relevantes para o

auxílio ao entendimento de como se processa a adaptação do ser humano a novas situações. As ponderações do pensador búlgaro são, portanto, úteis também ao se fazer a análise do percurso das personagens a que este texto busca dedicar-se.

A globalização coloca o homem pós-moderno diante de horizontes inusitados. O professor inglês Stuart Hall, proeminente figura na área dos estudos sociais, reconhece as oscilações a que o conceito de identidade vê-se submetido na modernidade tardia:

Como conclusão provisória, parece então que a globalização tem, sim, o efeito de contestar e deslocar as identidades centradas e “fechadas” de uma cultura nacional. Ela tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas e diversas; menos fixas, unificadas, mais plurais e diversificadas. (HALL, 2005, p. 87)

Desde o fim do século XX vem se intensificando a concretização da ideia de que as relações sociais, econômicas, políticas e comerciais são cada vez mais mediadas pelo mercado global e por sistema de comunicação de abrangência planetária. Uma das consequências mais visíveis desse fenômeno é o fato de as identidades flutuarem mais livremente, não havendo sobre esse fato como efetuar um julgamento de valor.

3.1 Desculturados e desprovidos, sem passado nem futuro.

Luiz Ruffato é um autor bastante ciente das mazelas provocadas pelo esfacelamento das identidades (ver anexo 2). A São Paulo de *eles eram muitos cavalos* é por excelência o espaço para todo tipo de desenraizamento, inclusive aquele proveniente de um movimento de desculturação. Nela encontramos personagens que vieram em busca de um eldorado, mas paradoxalmente vivem a perda. Para compensar tudo o que foi perdido — relações de amizade, laços familiares, valores culturais — não encontram elemento algum. Sofrem uma sorte de exclusão que ultrapassa a miséria material, já que algo mais transcendental foi

eliminado, um mal-estar já descrito por Bauman:

Há um espaço ainda mais abjeto — um espaço abaixo do fundo. Nele caem (ou melhor, são empurradas) as pessoas que têm negado o direito de reivindicar uma identidade distinta da classificação atribuída e imposta. Pessoas cuja súplica não será aceita e cujos protestos não serão ouvidos, ainda que pleiteiem a anulação do veredicto. São pessoas recentemente denominadas de “subclasse”: exiladas nas profundezas além dos limites da sociedade — fora daquele conjunto no interior do qual as identidades (e assim também o direito a um lugar legítimo na totalidade) podem ser reivindicadas e, uma vez reivindicadas, supostamente respeitadas. (BAUMAN, 2006, p. 45)

Estes párias a quem tudo é negado, ao perambular pelas ruas, engrossam fileiras de uma nova categoria social, produto do modelo econômico vigente:

Ao longo prazo, contudo, tornou-se evidente que uma dimensão mais espetacular, e talvez ainda mais influente, da expansão do Ocidente em escala mundial foi a lenta, mas implacável globalização da produção de lixo humano, ou, para ser mais preciso, “pessoas rejeitadas” — pessoas não mais necessárias ao perfeito funcionamento do ciclo econômico e portanto de acomodação impossível numa estrutura social compatível com a economia capitalista. (BAUMAN, 2006, p. 47)

A obra de Luiz Ruffato descortina ao leitor uma galeria de personagens cujos percursos são marcados pelas condições expostas acima. Não são caricaturas. O desenrolar de suas histórias é particular e apresenta características distintas. O fato de serem excluídos, de não pertencerem a nenhuma categoria a desfrutar de reconhecimento social não é um definidor exclusivo de suas personalidades. Cada experiência é singular e a evolução dos eventos é particularizada em razão da forma como cada um responde aos desafios que lhes são apresentados. A semelhança das condições a que são submetidos devido à crônica desigualdade social brasileira, ao processo de desenraizamento e à aparentemente inexorável exclusão são cenários a influir com cores dramáticas na evolução dos acontecimentos, mas de forma alguma unificam a construção das personagens.

Em *eles eram muitos cavalos* a caracterização dos excluídos dá-se sem rodeios. A própria ação somada a curtas descrições delineiam sucinta, mas eficientemente, as personagens. O capítulo 5, o primeiro cujo enredo trata de forma direta e tem como tema

central as dificuldades daqueles que se encontram na base da pirâmide social inicia-se assim:

Vêm os três, em fila, pela trilha esticada à margem da rodovia. a escuridão dissolve seus corpos, entrevistados na escassa luz dos faróis dos caminhões, dos ônibus e dos carros que adivinha a madrugada. Caminham, o mato alto e seco roça as pernas de suas calças.

São pai e filho e um rapaz, conhecido-de-vista, que, encorajado, *Pode sim. tem dez anos que vou a pé. É uma economia danada no fim do mês*, resolveu acompanhá-los. (RUFFATO, 2001, p. 14)

O discurso indireto livre é usado de forma singular, já que, lançado no meio da narrativa é, algumas vezes, realçado pelo uso do itálico. Este recurso aliado a diálogos reveladores — muitas vezes não obedecendo à pontuação ortodoxa — e a comentários ágeis por parte do narrador ajudam na pavimentação do caminho que leva o leitor a estabelecer uma percepção clara tanto do enredo quanto das personagens:

— Esse aí, ó, vale ouro, diz, orgulhoso, o pai, tentando vislumbrar a feição do companheiro, que ofega asmático às suas costas, pés farejadores. É de uma inteligência! Quer ver?

Vira-se, mira o letreiro do ônibus que passa velozmente “Garanhuns”, fala.

— Pernambuco, o menino replica, automaticamente.

O rapaz desdenha, “É isso?”

— Ele sabe onde ficam todas as cidades do Brasil, pai argumenta. Tem um mapa na cabeça, o peste. (RUFFATO, 2002, p.14)

O capítulo 9 é exemplo da exclusão social levado ao extremo. As imagens descritivas usadas por um narrador detalhista criam um quadro desolador. A família, encabeçada por uma indigente, sobrevive num casebre miserável, infestado de roedores e insetos. O ser humano, alijado de qualquer de seus direitos fundamentais, move-se entorpecido, submetido a todo e qualquer abuso, à margem da sociedade, sem passado, nem futuro.

A pesquisadora de estudos culturais Maria Elisa Cevasco, em um de seus textos mais inspirados, diz que “nossas práticas sociais são moldadas por relações regidas por um sistema de produção que privilegia lucro em detrimento de valor humano.” (CEVASCO, 2003, p. 167) e que “o movimento que rege a organização de uma sociedade voltada para o lucro e para o consumo não deixa lugar para a convivência pacífica das diferenças” (CEVASCO,

2003 p. 169). Nesse universo de valores discutíveis, o caráter a moldar as identidades e as relações humanas seria exercido pelas mercadorias, sendo cada vez mais difícil a resistência a seu fascínio. Essa situação se explicita no capítulo 19, “Brabeza”. Ali, uma narrativa simula o que vai pela cabeça da personagem, jovem assaltante. É um fluxo frenético de sensações: a excitação, o medo e a consciência de estar realizando um ato recriminável. Nada, nem mesmo o fato de já ter ido parar em uma delegacia, consegue demovê-lo da idéia de conseguir a soma que vai lhe permitir obter o objeto que deseja.

O limite é ultrapassado a todo instante. A ficção surpreende o leitor, fazendo-o percorrer caminhos que talvez nunca tenha concebido. A história do índio perdido na periferia de São Paulo é um desses casos. A tragédia vivida por essa personagem reúne várias das mazelas a atingir os excluídos nas sociedades globalizadas. O capítulo 14 fala de um brasileiro que não nasceu falando português, que não compartilha com a maioria esmagadora da população de uma herança cultural em comum. Sabe-se somente que chegou embriagado e mal podendo se comunicar num botequim de Santo Amaro. Pelos indícios fornecidos pela narrativa, conclui-se que tenha perdido contato com sua tribo, não havendo logrado estabelecer até aquele momento nenhum tipo de vínculo na cidade onde se encontrava. Tendo abandonado sua cultura de origem — o texto não dá qualquer informação acerca dos motivos — o índio chegou ao mundo urbano sem condições de fazer a aquisição de um novo cabedal de conhecimentos que lhe possibilitasse ser integrado na sociedade. É a personificação no universo literário de um mal a se abater sobre um número expressivo de pessoas que não têm os instrumentos necessários para realizar o processo de transculturação apontado por Tzevetan Todorov. Ao chegar ao grande centro, o indígena vai perdendo contato com os elementos que haviam definido sua identidade anterior, mas é incapaz de obter novas informações a lhe facilitar o trânsito pela nova cultura onde se vê inserido. Não há como ele se aculturar, o que significa o abandono da herança antiga em favor de uma nova, nem tampouco como realizar o que seria ideal: a transculturação, o prodígio de assimilar a matriz nova sem prejuízo da

antiga. O índio simplesmente descultura-se, perde as tradições de sua tribo e fica no vazio.

Em *Dezembro indigesto* o cenário se modifica, as histórias diferenciam-se, as personagens atuam em enredos mais exóticos para aqueles acostumados a narrativas se desenrolando no Brasil urbano. No entanto, a miséria, a falta de perspectiva, o desalento marcam presença, mesmo que em cores e formas distintas.

O espaço escolhido para cenário dos contos de Ronaldo Cagiano e a ser abordado a seguir, é primordialmente o interior do Brasil. O nordeste aparece, mas o autor não se preocupa em determinar exatamente a locação dos eventos. Tal opção funciona como uma estratégia que acrescenta um certo ar de mistério a esses textos ficcionais. As personagens percorrem longas estradas calcinadas pelo sol inclemente e têm os pés castigados por um solo estéril, que nada provê e, muito pelo contrário, parece absorver todas as forças daqueles que o trilham.

Para dar maior singularidade aos contos, a imaginação do autor é fértil na criação de topônimos. Através desse recurso o leitor é transportado a um universo imaginário, com leis e códigos próprios, que, se não são um retrato fiel das normas a reger a realidade, mantêm com elas uma semelhança. Tem-se, por vezes, a impressão de tratar-se de um espaço mítico sujeito a regras próprias, daí os fatos narrados serem convincentes, pois são organizados esteticamente de forma coerente e com uma profunda verossimilhança interna.

Em “Legião Estranha” é caracterizada uma pequena localidade num grotão qualquer do Brasil. A profusão de nomes sonoros atíça a imaginação do leitor, sugerindo imagens de um espaço situado num limite entre o possível e o fantástico: “Dos lados do Vaganau e do Acaba-mundo por um atalho pingado de mata-burros, chegaram uns, vindos de hostes não sabidas, atravessando o Varjão que sumia de vista.” (CAGIANO, 2002, p.81). As personagens que habitam o lugar são construídas de forma a transmitir uma qualidade ou idéia única, são tipificadas, processo bem sucedido no intuito de provocar no leitor maior familiaridade. Veem-se a prostituta faceira e desinibida, a benzedeira e os homens entabulando conversas na

única venda do lugarejo.

Em contraposição aos tipos de fácil reconhecimento representados pelos habitantes antigos, há a descrição daqueles que chegam não se sabe de onde, nem por que motivo.

A pé, uns; no lombo de animal adestrado e alimária velha, outros. E, salvo engano, até havia uns fugitivos de crime não vencido praticado nos canaviais de léguas a dar com o pau, uns tantos mulatos mal-encarados, de urdidura expressa na face, de calejada lida, andarilhos curtidos no vai-e-volta de terra estranha, feitos de rudeza e sofrimento. (CAGIANO, 2002, p. 81)

Esta horda estranha, como pode se perceber, é composta por elementos que não ocupam qualquer posição definida na estrutura dessa sociedade de cunho rural. Vagueiam pelas estradas, aproveitando-se da mínima oportunidade que lhes possibilite um pouco de alívio. O episódio narrado no conto retrata apenas um curto período na trajetória do grupo. Apesar de composto por representantes de diferentes origens, compartilham o fardo de serem todos inadequados à primeira vista. Embora o passar do tempo e o forçado contato com os locais tenham derrubado algumas barreiras, são obrigados a abandonar em caráter de urgência o vilarejo que os acolheu a contragosto. Fica-se então sabendo que eram fugitivos, não da lei, que não se importa nem aparentemente foi pensada para proteger o direito dos desprovidos de tudo, mas sim de uma perseguição, de uma rixa cuja origem é mal esclarecida.

O título do conto abordado acima traz uma palavra repetida no corpo do texto quando o narrador qualifica o grupo recém-chegado; o vocábulo em questão é estranho. Uma reflexão sobre os sentidos e implicações do termo foi feita por Sigmund Freud:

A palavra alemã “unheimlich” é obviamente o oposto de “heimlich”(‘doméstico’), “heimisch” (‘nativo’) _ o oposto do que é familiar; e somos tentados a concluir que aquilo que é “estranho” é assustador precisamente porque não é familiar. Naturalmente, contudo, nem tudo o que é novo e não familiar é assustador; a relação não pode ser invertida. Só podemos dizer que aquilo que é novo pode tornar-se facilmente assustador e estranho; algumas novidades são assustadoras, mas de modo algum todas elas. Algo tem de ser acrescentado ao que é novo e não familiar para torná-lo estranho. (FREUD, 1969, p. 277)

No decorrer da análise do médico austríaco, através de um exaustivo exame de todas as relações semânticas possíveis, chega-se à intrigante e paradoxal conclusão de que o estranho pode ser algo familiar:

Dessa forma, *heimlich* é uma palavra cujo significado se desenvolve na direção da ambivalência, até que finalmente coincide como seu oposto, *unheimlich*. *Unheimlich* é, de um modo ou de outro, uma subespécie de *heimlich*. Tenhamos em mente essa descoberta, embora não possamos ainda compreendê-la completamente, lado a lado com a definição de Schelling do *Unheimlich*. Se continuarmos a examinar exemplos individuais de estranheza, essas sugestões tornar-se-ão inteligíveis a nós. (FREUD, 1969, p. 283-284)

A relevância de se buscar o raciocínio freudiano reside no fato de que, além de o pensamento lógico de a “horda estranha” retratada no conto ser um elemento aparentemente novo e representar uma ameaça para os habitantes da localidade onde chegaram, há algumas implicações que não podem ser ignoradas. A curiosidade despertada pelos forasteiros intensifica-se pelo fato de eles compartilharem elementos comuns com os residentes antigos. Estes talvez assustem-se com a percepção dessa semelhança e desejem negar o fato de que se há algo realmente a distingui-los é o de a sorte ser mais favorável a uns que a outros. Há um misto de reconhecimento e rejeição que se evidencia pelo acolhimento paulatino daqueles que, a princípio, tanto impacto causaram.

O conto “Destino”, que sucede “Legião estranha”, tem por cenário um espaço de pura desolação. As duas personagens, Zaqueu e Maria Rosa, encarnam o drama da fome no nordeste brasileiro. É quase impossível não fazer uma relação com *Vidas secas* de Graciliano Ramos. A fuga da seca, a busca pela possibilidade de futuro melhor em um local qualquer, a sofrida peregrinação, a fome, são alguns dos pontos de contato entre as duas narrativas. O romance, no entanto, deixa perceber alguns momentos de satisfação, já que as personagens Fabiano e Sinhá Vitória, por pouco tempo que seja, encontram motivos para ter esperança ao chegarem à fazenda abandonada e sonharem com uma vida melhor. Mesmo que os eventos venham a mais tarde desaponta-los, e forçá-los a uma vida de servidão, a possibilidade de

sobrevivência é de certa forma garantida. Situação semelhante não se passa com o casal Zaqueu e Maria Rosa. A seca para eles é mais cruel, a natureza mais madrasta. O céu não traz nenhuma esperança. A narrativa é rica em detalhes do que o casal suporta, como exemplifica o trecho a seguir:

Os pés já não agüentando mais tanto esse palmilhar desgraçado, eles andando que nem bicho, que nem animal mambembe nesse circo da vida, seu pouso certo, senão pausar os olhos no horizonte e clamar a Deus, ao santo padim Padre Ciço, a São Pedro das Águas que derrubasse chuva, mas além daquele céu pelado era outro céu sem nuvem sequer, e muito além daqueles longes costumeiros de tristeza e solidão, os seus olhos vagavam que vagavam, viajando numa crua melancolia, num desespero de perdas em quantidade, a barriga sofrendo roncões de fome, parecia um terremoto no estômago, a morte gritando seu nome bem alto dentro deles, *ah Zaqueu, a gente vai dar em Pasto Seco, e não sei não se a gente tem força pra chegar até lá homi de Deus.* (CAGIANO, 2002, p. 91)

Tendo deixado a filha para trás, põem-se nessa caminhada desesperada, levando no coração uma quase certeza de um futuro “sem bençãos nem vitórias”. Este conto, ao estarrecer o leitor com a carência total a que são submetidas as personagens, conjuga-se com outros relatos, infelizmente não-ficcionais, em que se veem nordestinos em massa desembarcando nos centros urbanos brasileiros na busca do mínimo para a subsistência. O elo entre ficção e realidade, sem dúvida, propicia um melhor entendimento da insistência de muitos homens e mulheres de carne e osso em permanecer nas cidades sob condições tão adversas.

3.2 O autoexílio de um desenraizado

A abordagem da temática do desenraizamento pode denunciar alguma discordância no que diz respeito a conceitos e implicações decorrentes de tal processo. No entanto, a idéia da perda permeia de maneira definitiva todos os pontos de vista. Mesmo quando a passagem de uma matriz cultural a outra é realizada com sucesso, um indefinível rastro de nostalgia pode ser detectado.

O que se percebe com clareza, nas obras analisadas neste estudo, é que a transferência forçada ou voluntária de espaços geográficos e, por consequência, a adoção de novos valores em detrimento de antigos encontram-se na origem de diversos conflitos. As mais variadas circunstâncias são apresentadas ao leitor, havendo muito pouco em comum entre elas a não ser o fato de em todas existir um elemento a causar incômodo, dor ou sofrimento.

Quando se pensa em desenraizamento, a imagem mais usual é a de pessoas abandonando a pátria, rompendo laços de maneira radical ao lançarem-se na aventura de construir vida nova em um novo país. Esse quadro emblemático de fácil reconhecimento por todos aqueles possuidores de noções básicas de história foi o escolhido como inspiração por Fernando Cesário na elaboração da personagem Antônio Cardini.

O caráter arredio, avesso ao contato, beirando a misantropia não é gratuito. A velhice de Cardini é assombrada por objetos, memórias e relatos da imigração italiana no Brasil. A integração do núcleo familiar ao novo espaço parece ter desencadeado traumas que se encontram na origem da atitude do violonista aposentado.

Em seu esforço bem-sucedido de composição, o escritor recorre com frequência às origens européias do protagonista. Este põe-se a imaginar o momento do desembarque dos antepassados, a pele clara, os olhos azuis castigados pelo sol dos trópicos. Entretanto, o homem tem sentimentos contraditórios em relação a esse passado, guarda mágoas associadas a certa melancolia:

Chegava mesmo a possuir, não raras vezes, dissimulada hostilidade por tudo quanto dizia respeito à Itália, quase nunca fazendo menção a seu berço. Nos derradeiros anos, no entanto, sobretudo depois que retornou, que nem um inválido, para Cataguases, foi descobrindo em si um sentimento que se parecia com altivez pela sua gênese. E a inamistosidade foi desaparecendo, o eterno e os retratos adquirindo formas, tronando, o que importa para a memória, as saudades todas. (CESÁRIO, 2004, p. 58)

Sabe-se que o processo de estruturação da identidade é extremamente complexo, e

sua investigação exige análise profunda e demorada. Faz-se necessária uma reflexão sobre o assunto. A concepção de sujeito vem sofrendo mudanças radicais desde o florescimento da filosofia moderna. Stuart Hall desenvolve uma síntese de grande auxílio para o entendimento do fenômeno:

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais “lá fora” e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultada de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se provisório, variável e problemático. (HALL, 2005, p.12)

Apesar de a consciência do sujeito pós-moderno não possuir mais um centro essencial do eu fixo ou permanente, não há como negar que alguns fatores moldam de forma decisiva sua personalidade, dentre eles encontram-se as culturas nacionais. Novamente recorre-se ao pensamento de Hall para justificar o que se afirma:

No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural. Ao nos definirmos, algumas vezes dizemos que somos ingleses ou galeses ou indianos ou jamaicanos. Obviamente, ao fazer isso estamos falando de forma metafórica. Essas identidades não estão literalmente impressas em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial. (HALL, 2005, p. 47)

A breve abordagem de aspectos relativos à estruturação da identidade foi levada a cabo no intuito de facilitar o esforço investigativo da estrutura psicológica de Antônio Cardini no que tange à maneira como a personagem se percebe inserida no espaço geográfico e social. Embora a narrativa não explicita de forma direta, percebe-se que a família de imigrantes italianos jamais se encaixou de forma efetiva na sociedade para onde se deslocou. Quando o protagonista se põe a refletir sobre a infância, nota-se que os Cardini eram recolhidos, pouco dados a contatos com a vizinhança.

Através das memórias evocadas a todo instante, o leitor mais atento conclui que

Antônio não desenvolveu nenhuma ligação com as manifestações culturais da região onde os eventos relatados ocorreram. A Itália e não o Brasil parece representar para ele o núcleo formador de identificação. Instala-se, portanto, em todo seu percurso, uma aguçado sentido de exílio. O processo de desenraizamento por que passou sua família foi absorvido por ele, embora não houvesse tido a chance de construir de maneira verdadeira uma identificação com a pátria de origem dos pais e avós.

De fato, as incontáveis digressões a que a personagem se lança colaboram para iluminar sua obscura vida interior, inclusive os questionamentos que mantém a respeito do lugar do homem no mundo, da relevância de aspectos como origem e destino na trajetória humana. Estas especulações se devem a um trágico acontecimento. O navio que trouxe os antepassados ao Brasil, naufragou no retorno à Europa, episódio lembrado em mais de uma oportunidade, como se vê adiante:

Os mares. O Giovani Lauro desembarcando os italianos no porto de Santos, deixando-os na estalagem dos imigrantes, soçobrando no regresso à Europa, pouco depois de ultrapassado o estreito de Gibraltar, a ponta de Tarifa, as colunas de Hércules, desaparecendo nas entranhas do Mediterrâneo. (CESÁRIO, 2004, p. 50)

Em verdade, Antônio não parece ter consciência de que o modo isolado de vida da família, de que a maneira como aprendeu a se relacionar, ou melhor, a não se relacionar com o mundo, deve-se, em grande parte, ao processo de desenraizamento. Observa a rotina dos agricultores no novo país, mas não reflete sobre as causas de um estilo de vida tão em discordância com as tradições da terra. O violinista aposentado pouco se importa com as implicações sociológicas e culturais de movimentos migratórios, mesmo que digam respeito a ele. Tão mergulhado em seu confinamento físico e psicológico, medita somente, ao recordar o Giovani Lauro no trecho acima, sobre a possibilidade de nunca ter existido caso o naufrágio tivesse ocorrido na vinda para o Brasil.

Outra embarcação, um diferente estágio de vida, o trajeto curto de barca entre a

Praça Quinze no centro do Rio e uma ilha na Baía de Guanabara revelam o quão avesso é Cardini a aspectos comumente relacionados ao Brasil. A descrição de um fim de semana em Paquetá exemplifica como a personagem se coloca em desconforto dentro da cultura brasileira. Chega à ilha na expectativa de encontrar um local tranquilo, em busca de quietude. Ao contrário, depara-se com uma multidão de banhistas alegres e suados, a fazer um tipo de música que lhe causa desgosto:

O do surdo, mais tostado e franzino, de pé sobre o asfalto, esbordoava, com ferocidade, o instrumento com uma baqueta na mão direita, enquanto que a esquerda, agitada, descia em alternância, estacando a trepidação do couro. Um outro, pardavasco e de canelas esguias, soalhava, apático, o pandeiro. Em volta, os demais, de escassos trajes, formavam um círculo em cadeiras e de pé, ao redor de algumas mesas. Sacudiam folgadoamente os corpos, concupiscentes requebros, agitando os braços, os ombros, as cinturas e as pernas, bamboleando ao ritmo daquele fungagá, procurando ostentar um entusiasmo, que transparecia a ele, Antônio, como inteiramente artificial. (CESÁRIO, 2004, p. 138-139)

O foco narrativo do romance, em terceira pessoa, permite ao escritor assumir um ângulo a lhe possibilitar o acompanhamento da personagem por todo o seu percurso. Ao se dar a opção de ser um narrador onisciente, muito em particular na obra ficcional em questão, assenhoreia-se de um agudo olhar secreto que lhe facilita devassar o mundo psicológico do protagonista, esquadrihando seus subterrâneos inconscientes e subconscientes, seus mais íntimos e inconfessáveis pensamentos. É dessa forma que se sabe das impressões de Cardini sobre a roda de samba. Elas revelam a absoluta ignorância e desprezo da personagem para com um tipo de manifestação cultural tipicamente carioca e brasileira. O leitor tem conhecimento de tratar-se de um violinista, apreciador de música clássica, o que, porém, não é justificativa para explicar a postura reprovadora e preconceituosa.

O descontentamento provocado no músico é reforçado pelo trecho abaixo, que não deixa qualquer dúvida sobre sua postura:

Enfocou-os com disfarçado desprezo e ligeira repugnância. Banal condição humana, ficou com essa reflexão ruminando. O barulho e a gritaria lhe traziam mais

que impaciência: irritação. Desprezava essas distrações, constituídos para ele vazios de sentido. Além do mais, era sossego o que buscava, quietude, o que muito tardiamente descobriu, só seria possível de se esperar, naquele lugar, há talvez um século atrás. (CESÁRIO, 2004, p. 139)

Parece estar-se diante de uma personagem proveniente de um outro país que vê, nesse encontro festivo de pessoas simples, uma prova da inferioridade cultural brasileira. Essa afirmativa ganha implicações mais deploráveis devido ao fato de Cardini enxergar o grupo como uma “matula de mulatos”.

Na verdade, a personagem do romance de Fernando Cesário apenas se sentiu ligado, em toda a vida, a uma entidade: seu núcleo familiar. Sendo eles imigrantes, que, nos índices sugeridos pela narrativa, não lograram realizar uma integração com a sociedade para onde se destinaram, transmitiram à personagem, por consequência, a ideia de não pertencimento, de sentir-se, sempre, à parte das comunidades onde viveu. O protagonista herdou no processo de formação pessoal o estado de ser um desenraizado, sem jamais ter feito parte da comunidade cultural de origem, em seu caso a Itália, terra natal de seus antepassados. Talvez esse seja o elemento a explicar sua arraigada solidão. Na verdade, a personagem, em toda a sua trajetória, não consegue estabelecer vínculo com os espaços em que se encontra nem com as pessoas que neles circulam.

A recusa pela integração aos ambientes permeou todo o percurso de Cardini. Mesmo a vinda para o Rio de Janeiro, evento a propiciar um possível contato com universo mais abrangente de idéias e relacionamentos, não levou a uma postura mais aberta para o outro. A tendência ao insulamento e à fuga persistiu:

Nada sabia. Jamais se indagara quase nada acerca do juízo que seus pais faziam dele, se compreendiam ou não a escolha. Não, nunca. Entenderiam, se vivos fossem, as razões de só haver regressado após já não haver mais sobreviventes? Teriam-no perdoado? Cuidara, durante quase toda a sua existência, de pôr num esconderijo seu passado e de não dar tento ao futuro. O primeiro, por lhe trazer desgosto, e o segundo, aflição. Uma vivência de abandono e de ensimesmamento, acantado feito um estranho, subtraindo-se à vista dos milhões de habitantes da

cidade do Rio de Janeiro. São Sebastião do Rio de Janeiro. São Sebastião da Vargem Alegre. Tímido. Insensível Cheio de desconfianças.
Urbano exílio. (CESÁRIO, 2004, p. 132)

O trecho transcrito traz informações decisivas. A narrativa revela algo deveras intrigante: o exílio da personagem não teve início com o afastamento de sua comunidade de origem. Na outra São Sebastião, a da Vargem Alegre, o então menino sentia-se também um exilado. Se na metrópole considerava-se um estranho, no pequenino povoado mineiro não experimentara sentimento muito diverso.

O quadro se completa com a aposentadoria do músico e sua mudança para Cataguases. Ali o exílio se aprofunda. Se em algum momento de sua vida teve de, por motivos alheios à vontade, estabelecer relações, forçadas que fossem, estas cessaram. Todos os contatos com o mundo fora dos limites da residência extinguiram-se:

Há tempos, enquanto ainda lhe chegavam encomendas pelo correio, encarregava Zilda de ir buscá-las. Contudo elas foram se escasseando, escasseando, até ninguém mais lhe escrever. Ninguém mais tomava ciência dele. Completamente ignorado. Ou será que haviam todos morrido? (CESÁRIO, 2004, p. 128)

A única pessoa autorizada a adentrar a morada da personagem era Zilda, a empregada, citada no trecho logo acima. Mesmo assim, a doméstica entendeu que qualquer tentativa de aproximação era inútil, e soube manter o distanciamento desejado pelo patrão, como se vê a seguir:

Zilda consistia praticamente na sua única ponta de contato com o mundo; preparava-lhe as refeições, que deixava sobre o fogão, e se encarregava das miúdas lides domésticas, das compras de mercado e dos raríssimos serviços de banco. Entretanto, a convivência entre eles era discreta e apagada, constituída somente por alguns bilhetes, que ele deixava sobre a mesa ou em qualquer outro lugar que ela freqüentasse; menos vezes por recados curtos, em que procurava, ao máximo, economizar as palavras, o que ela aprendera, com o tempo, a imitar. (CESÁRIO, 2004, p. 14)

Nem mesmo o autoimposto isolamento de Cardini assegura uma convivência pacífica com o universo exterior. Sua postura instiga a curiosidade da vizinhança, que, mesmo

afastada, incomoda-o sobremaneira. Apesar de não desejar nunca ser objeto de observação alheia, a personagem lança seu olhar de repúdio ao mundo exterior. O trecho abaixo demonstra o estado de espírito de Cardini quando importunado por abordagem indesejada, a evidenciar sua visão preconceituosa:

Dias depois, bateram novamente à porta — a mulata e os moleques — e, quando foram identificados através do postigo, ele não atendeu. Uma dona com uma cor estranhíssima, um tom pardo estúpido, descorado, gordura pálida e doentia, que ficava janelando a maior parte do dia, o pixaim ordinariamente coberto por um lenço imundo, que mais parecia ninho de guaxe, uns meninos magros e desbotados, ossudos, e uma menina arrussada e espigada.

Já o contrariava o fato de terem penetrado pelo beco e chegado até próximo ao limiar da sala, pela segunda vez. Não sabia o que pretendiam, mas não queria estabelecer qualquer forma de convívio com aquela gente. Com exceção de Zilda, que vinha durante o dia, enquanto ele se recolhia, ninguém mais teria acesso ao interior de seu recanto. (CESÁRIO, 2004, p. 74)

Dessa forma optou a personagem por uma existência de isolamento absoluto. Em alguns instantes, as posturas éticas percebidas provocam uma análise negativa sobre sua personalidade. O desenraizamento, a impossibilidade de contato concreto com a comunidade cultural através da qual sua identidade foi supostamente forjada, a dificuldade de aproximação com os familiares, o medo abissal, todos esses elementos utilizados na composição desse ser ficcional tão bem delineado, contudo, não fazem o leitor se solidarizar com o viés racista reiterado com insistência. Nesse aspecto, seria importante recuperar as reflexões de Tzvetan Todorov ao argumentar que o hibridismo, a interlocução de diversas tradições culturais têm grande poder criativo e força para enriquecer as velhas identidades do passado, mas quando mal conjugados cobram um preço extremamente alto.

3.3 Outros matizes do desenraizamento

As identidades na modernidade tardia foram fragmentadas, houve mais que uma desagregação, ocorreu um deslocamento da concepção do sujeito. Tal fenômeno se deu por

meio de diversas rupturas nos discursos do conhecimento moderno. A visão iluminista do homem possuidor de uma identidade fixa se desfez, culminando na imagem de um ser definido por facetas contraditórias e inacabadas: o sujeito pós-moderno.

Esta figura habita, por excelência, os grandes centros urbanos. Encontra-se “isolado, exilado ou alienado, colocado contra o pano de fundo da multidão ou da metrópole anônima e impessoal” (HALL, 2005, p. 32). Nesse ambiente, o indivíduo é forçado a adaptar-se sob pena de ser colocado de lado. A velocidade, em detrimento da reflexão, rege esse feérico contexto. A transitoriedade parece ser das poucas constâncias. Anthony Giddens já apontou essa característica dos dias atuais:

O curso da vida é visto como uma série de “passagens”. O indivíduo precisa passar através delas, mas se elas não são institucionalizadas ou acompanhadas de ritos formalizados. Todas envolvem perda (assim como ganho potencial) e essas perdas — como no caso da separação conjugal — devem passar pelo luto para que a auto realização possa seguir seu curso. As passagens da vida dão particular importância à interação de risco e oportunidade referida anteriormente — especialmente, embora não exclusivamente, quando são iniciadas pelos indivíduos a que afetam. Negociar uma transição significativa na vida, sair de casa, conseguir um novo emprego, enfrentar o desemprego, construir nova relação, deslocar-se entre as áreas ou rotinas diferentes. (GIDDENS, 2002, p. 78)

Não interessa neste momento do estudo especular a origem desse processo vertiginoso de transformações, sejam elas o colapso das instituições ou as demandas do capitalismo. O necessário é apontar para o fato de as identidades terem perdido o caráter sólido e monolítico, se é que algum dia isso existiu. O atual período histórico registra um fenômeno comum em sociedades urbanas por todo o planeta. Vive-se um estágio em que as identidades ao estilo antigo, caracterizadas pela solidez e códigos inegociáveis, não mais funcionam. Em conformidade com a lógica do consumismo, adotam-se e abandonam-se posturas, iniciam-se e findam-se relacionamentos, fazem-se e desfazem-se compromissos de acordo com as necessidades momentâneas. A grande oferta de oportunidades, mas particularmente a fragilidade delas, faz com que não sejam encaradas como comprometimentos a longo prazo. Daí as relações humanas e o sentimento de pertencimento a

grupos específicos serem sustentados por fios cada vez mais tênues. Bauman classifica muito bem essa falta de consistência:

Daí a crescente demanda pelo que poderíamos chamar de “comunidades guarda-roupa” — invocadas a existirem, ainda que apenas na aparência, por pendurarem os problemas individuais, como fazem os frequentadores de teatros, numa sala. Qualquer evento espetacular ou escandaloso pode se tornar um pretexto para fazê-lo: um novo inimigo público elevado à posição de número 1; uma empolgante partida de futebol, um crime particularmente fotogênico, inteligente ou cruel; a primeira sessão de um filme altamente badalado; ou o casamento, divórcio ou infortúnio de uma celebridade atualmente em evidência. As comunidades guarda-roupa são reunidas enquanto dura o espetáculo e prontamente desfeitas quando os espectadores apanham os seus casacos nos cabides. (BAUMAN, 2004, p.37)

Num estágio civilizatório em que o individualismo é levado ao extremo, a quantidade de ofertas de identidades é farta. Contudo, é indispensável registrar que quantidade raramente se conjuga com qualidade. O esfacelamento de estruturas sólidas e a fragilidade revelada acima em todos os aspectos da vida não são favoráveis ao surgimento de seres psicologicamente centrados. Dentre os problemas decorrentes desse quadro incluem-se a ansiedade, os conflitos pessoais, o isolamento existencial e a certeza do não-pertencimento.

Nesse cenário em que o efêmero predomina, em que a necessidade de movimento e renovação incessante constituem o cerne da mentalidade em vigor, o ser humano padece de uma falta visceral, indefinível para muitos, mas real, quase palpável. As personagens que transitam na São Paulo recriada por Luiz Ruffato em *eles eram muitos cavalos* têm como característica definidora em sua composição essa ausência a lhes afligir. O fenômeno manifesta-se, obviamente, em contextos diversificados, produzindo reações também múltiplas. No entanto, um olhar mais atento percebe as tentativas feitas pelos seres a povoar as histórias contadas para atingir um nível de satisfação pessoal que compense ou substitua o espaço vazio interior. A lacuna deixada pelo abandono das raízes, ou pela recusa de relações sólidas, permanece como um vácuo a ser preenchido diariamente, uma tarefa inconsciente a ocupar a vida de quem não quer lastros.

O capítulo 4 do romance apresenta ao leitor um profissional do mercado financeiro,

bem sucedido, residindo em apartamento com decoração cara. A cidade lhe dera conforto material, já que, funcionário competente, tornara-se responsável pelas negociatas do patrão. Ao dirigir-se para o aeroporto, objetivando buscar a esposa do chefe, atordoa-se com o ritmo hipnótico da música a tocar no aparelho de CD. Uma revolta, contudo, ruge em seu peito. Contra que não o sabe com precisão. Recorda-se, no entanto, de sua trajetória:

há seis anos escorria sua pálida magreza pelas poucas sombras das ruas tristes
de muriaé cidade triste
há cinco anos vestia-se com as primeiras neves de fairfield ohio
graças a uma bolsa do american fields ganha em concurso pro-
movido pela loja do rotary club de muriaé cidade triste
há quatro anos arranhava suas incertezas no citibank
suas certezas no citibank. (RUFFATO, 2001, p. 13)

Se hoje a personagem corta as ruas da maior metrópole do Hemisfério Sul num carro possante, trajando calça e camisa de grife e ostentando um anel comprado em Londres em uma das mãos, ainda não deixara de ser o rapaz magro de Muriaé. A vida de interior fora alterada de forma radical com a ida para os Estados Unidos, uma ruptura a propiciar a chance de alargamento de horizontes. Da América do Norte para um bom emprego na capital financeira do Brasil. O vazio, contudo, persiste. O breve *flash* na vida da personagem termina, com o som hipnótico da música, necessidade de atordoamento: “tum-tum-tum-tum-tum-tum-tum-tum”. (RUFFATO, 2001, p. 13)

O homem jovem retratado no capítulo 4 sofre por ainda não ter logrado alcançar estabilidade emocional, uma segurança psicológica, condições necessárias para uma existência plena. Outros mineiros, como ele, sofrem, diferentemente, de outro tipo de aflição. São desenraizados em desajuste com requisitos exigidos para inserirem-se na lógica capitalista. O capítulo 16 assim os descreve: “são imigrantes são baianos mineiros nordestinos gente desenraizada sem amor à cidade” (RUFFATO, 2001, p. 37). Ruffato, aqui, através da fala de uma personagem representante da elite paulistana, utiliza-se da ideia de desenraizamento em sua acepção mais contundente e incômoda.

Ao se abordarem os resultados que se manifestam no percurso de personagens após abandonarem suas origens, mas desprovidas de sustentáculos financeiros ou educacionais a facilitar-lhes a inserção econômica no local para onde se dirigiram, analisam-se as mazelas psicológicas dos seres em questão. Ao recriar São Paulo, Ruffato não se atém somente a este quadro. Pelo contrário, explicita ao leitor as vísceras da metrópole. Percorre como se fora uma câmera, indistintamente, todos os cenários possíveis. Do helicóptero a transportar o milionário ao seu local de trabalho, até o caos das ruas: “irreconhecível o centro da cidade hordas de camelôs batedores de carteira homens-sanduíche cheiro de urina cheiro de óleo saturado cheiro de”. (RUFFATO, 2001, p. 37)

Na recriação do universo paulistano, há espaço para todo tipo de desenraizado, daquele que provoca repulsa ao capaz de causar enternecimento. Nesta linha, de sentimentos mais ternos, há a representação da menina de interior perdida na selva urbana. Uma temática que poderia ser encarada como lugar-comum ganha originalidade devido à delicadeza de tratamento recebido. O capítulo, com o título sugestivo “Minuano” — vento que sopra nos estados do sul do Brasil após a passagem de frentes frias —, inicia-se com a descrição da infância rural pobre, mas não miserável. As manhãs de inverno no Sul eram frias com o céu de um azul profundo, da cor dos olhos da feliz criança. O pai e os irmãos labutavam na promissora safra daquele ano longínquo. A mãe trabalhava na cozinha, fogão a lenha aceso, tomando conta da irmãzinha mais nova. O mundo era estruturado, as coisas faziam sentido. Há um corte na narrativa, o leitor é deslocado no tempo e há uma ruptura brusca num texto até então marcado por imagens doces. A menina agora é mulher, o espaço é São Paulo, a felicidade dá lugar ao desespero:

e era plena em sua felicidade a felicidade que temos aos sete anos e que ela agora com o som do micro system ligado no último volume do décimo-terceiro andar de um edifício em cerqueira César jogada no chão quase bêbada desesperadamente reconhece mas meu deus como deixara escapar aquela felicidade em que momento da vida ela tinha se esfarelado em suas mãos em que lugar fora esquecida quando meu deus quando (RUFFATO, 2001, p. 104)

A personagem não consegue detectar o momento em que perdeu as rédeas de sua vida. Depreende-se que sua história seja similar a de muitas outras garotas que acalentam o sonho de vencer na cidade grande, de viver aventuras e sensações inacessíveis a elas caso permaneçam em suas comunidades. Apostam alto sem saber com exatidão o preço a ser pago.

A saída do interior para a metrópole provoca dor não só em quem sai. Afeta também os que são deixados para trás, muitas vezes sem notícias, sem entender o motivo do abandono. O capítulo 50 resume-se à carta de uma mãe. Escreve ao filho distante, conta-lhe da vida na pequena Guidoal: os casamentos, os amigos a querer notícia, a saúde sempre preocupante. A saudade incomoda, principalmente quando não se compreende o porquê do abandono, da falta de contato. A mulher nega querer tomar o tempo do filho distante, mas traz consigo um ressentimento:

Às vezes quando vou deitar começo a pensar em você, meu filho, que saiu de dentro de mim, que já passou por tantas coisas nessa vida só Deus sabe e não me conformo com esse desentendimento, essa distância. Eu sinto assim uma abertura no coração, uma coisa esquisita. Eu sei que é bobagem de mãe, desculpa filho por estar te aborrecendo .(RUFFATO, 2001, p. 106)

Como se percebe, o fenômeno do desenraizamento se entranha no tecido social e afeta a existência de seres pertencentes a universos espaciais os mais variados. Os reflexos se manifestam em rede, infiltrando-se nas relações de forma inequívoca. Até mesmo para o observador atencioso torna-se árdua a tarefa de identificar todas as repercussões originadas da quebra de estruturas tradicionais, sejam elas familiares, comunitárias ou culturais.

Um número crescente de estudiosos defende o argumento de que o acelerado processo de globalização no qual todas as sociedades estão se engajando constitui o principal dinamismo a gerar manifestações de desenraizamento, ao corroer as formas nacionais de identidade cultural. Os habitantes do campo, aqueles a viver em pequenas cidades do interior do Brasil, os ribeirinhos da floresta amazônica, todos, com raríssimas exceções, recebem em

seus lares através do rádio, da televisão ou até mesmo pela internet mensagens, notícias ou imagens a veicular o modo de vida dos países mais afluentes do chamado primeiro mundo. A aldeia global é uma realidade da qual se torna cada vez mais difícil escapar. Através da força da mídia, o consumismo impõe-se e uma cultura planetária se faz onipresente, uniformizando comportamentos do Nordeste brasileiro a Paris e ao Extremo Oriente. Stuart Hall já percebeu há muito esse fenômeno e seu potencial de empobrecimento refletido na diminuição da pluralidade cultural:

Foi a difusão do consumismo, seja como realidade, seja como sonho, que contribui para esse efeito de “supermercado cultural”. No interior do discurso do consumismo global, as diferenças e as distinções culturais, que até então definiam a *identidade*, ficam reduzidas a uma espécie de *língua franca* internacional ou de moeda global, em termos das quais todas as tradições específicas e todas as diferentes identidades podem ser traduzidas. Este fenômeno é conhecido como “homogeneização cultural.” (HALL, 2005, p. 74-75)

O romance de Luiz Ruffato também visita esse aspecto da perda de referenciais, do abandono ou menosprezo à herança cultural brasileira. O romancista leva a cabo essa reflexão ao caracterizar os personagens do capítulo 43. A narrativa inicia-se com uma descrição. A figura retratada é uma adolescente de visual contestador, em sintonia com as últimas tendências planetárias. Em seguida fica-se sabendo que a jovem é filha de Bernardo, cujos sonhos de ser ídolo musical, usar drogas e enlouquecer garotas histéricas foi trocado por um convencional curso de engenharia nos Estados Unidos e encontra-se, no período em que o episódio narrado se passa, divorciado da mãe da menina, descrita como, em termos linguísticos, uma purista formada pela Cultura Inglesa.

Fanny, esse é o nome da adolescente, tem uma rotina muito pouco ortodoxa. Chega do colégio, tranca-se no quarto munida de violão a compor versos em inglês e depois, junto ao pai, no escritório dele, tenta adequar as letras à linguagem dos guetos americanos. Percebe-se, no desenrolar da curta narrativa, a obsessão paterna com a possível carreira artística da filha. Manifesta-se o inconsciente desejo do músico frustrado de realizar-se através da menina.

Contudo, o que esse núcleo familiar acrescenta ao desenvolvimento deste estudo reside na observação da gritante ausência de ancoramento cultural. Trata-se de uma família judia, morando no Brasil, escrevendo em inglês. Se por um lado Bernardo é leitor voraz da literatura judaico-americana, desdenha as tradições hebraicas. Fanny, o pai e a mãe são retratados como moradores de regiões abastadas de São Paulo, o que de fato não parece ser um elemento decisivo em sua trajetória. Estivessem em Telavive ou Buenos Aires, levariam vidas semelhantes.

“*Newark, Newark*” é o título do capítulo 57. A ação se passa num curtíssimo período de tempo. O conflito da personagem, seus sentimentos contraditórios são revelados enquanto o avião em que se encontra taxia pela pista do aeroporto de Guarulhos e levanta vôo, permitindo a vista noturna da cidade. Toma-se conhecimento do que vai no pensamento de um brasileiro pouco instruído, sem noções mínimas da língua inglesa, ao deixar o país rumo a futuro incerto em terras americanas. Fica-se sabendo que a viagem é fruto da necessidade. As condições de trabalho no país onde nasceu são indignas; as possibilidades de ascensão, nulas. Resta lançar-se ao desconhecido, sem garantias. O futuro incerto parece ser mais atraente que a certeza, baseada na experiência vivida, de uma trajetória pessoal marcada pela carência de perspectivas. O emigrante é acossado por dúvidas, mas tenta se convencer da inutilidade de lutar no próprio país, optando por aceitar o convite de um amigo:

Vem pra cá, vem, Vem que a gente vai se divertir pra caralho! Vem, vamos botar pra foder! O Rick é uma pessoa fantástica! Mas, ai, acho que. José Geraldo!, deixe de veadagem!, choramingar por esse paiseco de merda?, povinho conformado, elite sacana, corrupção, politicalha, bandalheira, filhadaputice, corneagem, putaria...Ah, não! Chega!, seja o que deus quiser...(RUFFATO, 2001, 120-121)

A história de Zé Geraldo tem um componente social de alerta. Trata-se, neste caso, da representação, em obra ficcional, de um fenômeno bastante recente. De país de imigrantes, o Brasil passou a exportador de mão-de-obra. Nada se sabe sobre o destino da personagem imaginada por Ruffato, mas sem grande chance de erro, pode-se apostar que passará longos

anos longe dos familiares, de sua cultura. Provavelmente mais um desenraizado na era da globalização.

Distintas são as circunstâncias em que o desenraizamento toca personagens representantes de camadas menos desfavorecidas nos contos de *Dezembro Indigesto*. O dilaceramento psicológico, as questões existenciais, ganham intensidade nas narrativas de Ronaldo Cagiano.

A cidade escolhida para cenário dessas histórias é quase sempre Brasília. A jovem capital do país, concebida nas pranchetas dos arquitetos mais brilhantes do século XX, foi projetada para receber, nas largas avenidas, nas amplas esplanadas e nas superquadras, pessoas oriundas de todas as partes do país. Cidade inventada, construída para ser o lar de forasteiros, homens e mulheres que nem sempre de boa vontade abandonaram os lares e foram dar a contribuição no projeto de povoar o Brasil central. Todos deixaram uma história para trás.

A capital transplantada para a ficção de Ronaldo Cagiano é um espaço que desfavorece o encontro. A solidão, ali, se aprofunda pelo distanciamento. Nesse estado e em doloroso processo reflexivo encontra-se a personagem Aléxis do conto “Espectro dissonante”. Em companhia do cão Sargento, passa em revista tudo que o afeta. Pensamentos metafísicos sobre a proximidade de Deus, dúvidas quanto a distúrbios psicológicos, memórias literárias e insatisfações políticas ocupam seu espírito atribulado. Ainda que imerso em particular purgatório, consegue reconhecer o absurdo de sua condição. Isso é percebido devido a um acontecimento inesperado — a morte da irmã, a quem não via há muito tempo, embora vivessem na mesma cidade:

Um dia quando cheguei à rodoferroviária a fim de embarcar para São Paulo, com os classificados de um jornal marcados de ofertas de emprego, eu ia em mais uma dessas terríveis mudanças em busca de nova vida, fiquei sabendo que Pepa havia sido atropelada por um motoqueiro no Eixão Sul, quando atravessava em frente ao Hospital de Base; com certeza iria tomar o ônibus para Sobradinho e enfiar-se na chácara onde morava com o marido e os seis filhos. A manchete no *Correio*

Brasiliense pegou-me de surpresa. Há meses não via minha irmã. (CAGIANO, 2002, p. 66-67)

A narrativa em primeira pessoa evidencia a ignorância da personagem no que tange ao estilo de vida levado pela irmã. O fato de se verem tão pouco não parece de forma alguma representar motivo para estranhamento; ao contrário, é encarado de forma bastante natural. Uma vez cortadas as raízes que os prendem ao solo natal, os laços afrouxam-se e os caminhos escolhidos tornam os encontros inviáveis.

Alexis surpreende o leitor ao revelar nostalgia dos ambientes de estruturas sólidas da infância, que resistem ao tempo e permanecem. Retorna em pensamento à velha Cataguases de suas memórias, contempla a antiga ponte metálica e se ressentido por haver perdido a ilusão do pertencimento:

Paro no meio da ponte que une as duas partes da cidade. Lá embaixo, um ancestral rio Pomba, serpente líquida velha de guerra, que, depois de ciceronear-se pelas encostas da Zona da Mata até ganhar o Paraíba do Sul e chegar ao mar, vai carregando os destroços de todos nós e levando longe os frugais barcos de uma infância perdida entre as gramáticas e os fantasmas. Cobras e lagartos que regurgito nesse exercício de catarse, quando lembranças de tempos já não meus surgem como tocaias psicológicas nessas quase indesejáveis emboscadas do espírito e sua imponderável seqüência de espantos. Não está mais ali o menino grávido de sonhos, feito de encantos e partidos, de entalhes e madrugadas. (CAGIANO, 2002, p. 64)

A personagem, ao descrever o rio de sua meninice, pondera já não mais fazer parte daquele passado, acusa suas lembranças de serem tocaias e emboscadas armadas por sua mente. Admite, entretanto, o fato de as águas turvas do Pomba ainda carregarem seus destroços. Alguma coisa em Alexis persiste em ligá-lo, talvez inconscientemente, a esse passado.

Letícia e Otávio, os dois protagonistas de “Contraponto”, que se reencontram após uma separação de anos, não padecem da angústia que assola as noites de Alexis. A semelhança entre as personagens é que os três habitam a mesma cidade, embora nada os prenda a ela.

Em “Contraponto” duas pessoas maduras, cuja juventude foi marcada por lutas políticas e desavenças ideológicas responsáveis pela impossibilidade de concretização de um forte sentimento a ligá-los, aproveitam a coincidência do reencontro para uma revisão de suas vidas. Passam em revista as aventuras nos anos difíceis da cena política brasileira após o AI-5, a máquina repressiva da ditadura perseguindo todos os focos de resistência.

Otávio e Letícia não conseguem esconder o vazio de suas vidas após a dissolução do grupo de estudantes no qual militavam e cujos membros tomaram os mais variados caminhos depois que qualquer tipo de ação subversiva tornou-se uma ameaça, pondo em risco a existência de todos os envolvidos. Os outrora jovens rebeldes tiveram de fugir, esconder-se, cortar laços com os antigos companheiros. Aqueles que ainda tinham raízes a conectá-los com suas origens optaram por retomá-las:

Toquinho, que detestava os americanos, mas sabia um inglês de dar inveja a qualquer aluno de Harvard, acabou contratado como tradutor de uma editora paulista, mais tarde voltando para Cataguases, onde teria se instalado definitivamente e montado um curso de inglês. (CAGIANO, 2002, p. 158)

A mesma oportunidade parece não ter surgido para os dois protagonistas. Casamentos desfeitos, ilusões abandonadas, só resta a eles um grande vazio. Não conseguem estabelecer laços duradouros e sofrem, principalmente Otávio, com a solidão do presente. Não têm uma atitude contemplativa, de lamento contínuo; travam as lutas diárias carregando o peso de estarem soltos, sem referência.

“Horizonte de espantos” retrata o conflito da personagem Emanuel ao ter de enfrentar o passado quando um telegrama informando a morte da irmã o força a retornar à terra natal. Por detrás das recordações dolorosas e do luto inesperado, a presença de desilusão e amargura denuncia a existência de um pesar que antecede a notícia do falecimento e a dor do reencontro com velhos fantasmas. A personagem demonstra um ressentimento pelo estilo de vida escolhido e pela ausência de contato humano íntimo em decorrência do que ela

mesma classifica como “insularidade da metrópole”. Mais um conto em que a ação assume papel secundário em prol de uma acentuada ênfase no delineamento dos perfis psicológicos.

Novamente depara-se com uma personagem a retratar a sensação da perda de referenciais de identidade, sofrida por pessoas que abandonam pequenas cidades e migram para os grandes centros. Como apontado pelo próprio Emanuel, há um perder-se de si, processo que só tem fim com o retorno às raízes provedoras do autorreconhecimento:

Eu parto também. E no fundo, carrego comigo as últimas cenas de Madalena, quando há trinta anos embarquei na velha maria-fumaça em direção à primeira metrópole, até ser engolido por outra. Cuidado Emanuel, cuidado para não se perder. Ela nem sabia que eu me reencontraria somente agora, no fim da sua dor. (CAGIANO, 2004, p. 126)

Através das diversas narrativas analisadas, conclui-se que as trajetórias das personagens envolvidas em situações de desenraizamento nunca são isentas de conflito. Diferentes cenários propiciam enredos com características próprias, mas mantendo em comum a origem dos conflitos a movê-los.

4 MULHER, ESTRANHA MINORIA

A desigualdade é constante. O ser humano aprendeu a conviver com essa condição de forma tão íntima que sequer percebe as injustiças dela provenientes. Se as enxerga, esforça-se muito frequentemente para manter-se imune a incômodos porventura causados pela inconveniente constatação. Essa parece ser a estratégia de que se lança mão na tentativa de as pessoas levarem uma existência menos assaltada pela culpa. A proposta desta pesquisa é investigar como grupos minoritários, desfavorecidos, classificados de diferentes, considerados indesejados ou mesmo excluídos são representados através de personagens das obras de Fernando Cesário, Ronaldo Cagiano e Luiz Ruffato. Um esclarecimento, portanto, faz-se necessário para elucidar a inserção da figura feminina dentro desse conjunto, já que, de acordo com dados demográficos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2000) as mulheres representam aproximadamente 51% da população brasileira. Então, caso se tomasse a palavra minoria de forma literal, essa presença não se justificaria no corpo do trabalho proposto. Contudo, a escolha adequa-se ao estudo justamente pela condição paradoxal da mulher na sociedade. É um grupo majoritário, mas sofre historicamente (e isso, obviamente, não só no Brasil) um processo de opressão que se perpetua até nossos dias, embora avanços expressivos tenham sido alcançados desde o início do movimento feminista.

O movimento social deflagrado pelas mulheres causou impacto determinante no curso dos acontecimentos a partir da década de sessenta do século XX e é um dos elementos definidores da pós-modernidade, pois teve relação estreita com o descentramento conceitual do sujeito cartesiano ao questionar a separação entre público e privado, trazendo para a política debates envolvendo família, sexualidade e a divisão do trabalho no lar. Dessa forma, conseguiu politizar a subjetividade e os processos de identificação ao abrir para o debate a formação das identidades sexuais e de gênero.

No Brasil ocorreram mudanças radicais em poucas décadas. O trecho abaixo discorre

sobre as condições impostas às mulheres em tempos não tão distantes:

Não se permitia à mulher qualquer iniciativa que lhe permitisse escapar do estreito círculo a que estava confinada. Os espartilhos do preconceito teimavam em mantê-la bem segura dentro dos limites do espaço doméstico. Na virada do século para se ter uma idéia, as mulheres casadas não podiam dispor do próprio dinheiro, opinar na criação dos filhos, ou muito menos mover uma ação contra o marido. O direito ao voto, lembro, só foi alcançado ao nível nacional em 1932, após muita resistência dos que achavam que não era atribuição feminina preocupar-se com os destinos da nação. (DUARTE, 1997, p. 89)

Se hoje as perspectivas para as pessoas do sexo feminino não são tão limitadas, algumas incongruências ainda podem ser percebidas, entre elas a notória diferença salarial a agraciar homens em detrimento de mulheres ocupando a mesma posição profissional. Cabe ressaltar que em pesquisa recente a ICFTU (Confederação Internacional dos Sindicatos) demonstrou serem as trabalhadoras brasileiras as que sofrem com maior diferença salarial em relação aos homens no mundo todo, com 34% de variação entre as remunerações de ambos os gêneros. O estudo, baseado em pesquisas com 300 mil mulheres de 24 países, afirma que estas, em todo o planeta, ganham em média 22% a menos que os homens. Depois do Brasil, as maiores diferenças ocorrem na África do Sul (33%), no México (29,8%) e na Argentina (26,1%). Nos Estados Unidos, a diferença é de 20,8%. As menores diferenças nas remunerações são registradas na Suécia (11%), Dinamarca (10,1%), Reino Unido (9%) e Índia (6,3%). Além da brecha salarial, as mulheres sofrem outros tipos de discriminação, como uma menor promoção da carreira profissional e a carência de políticas que conciliem o trabalho e a vida familiar.

A perpetuação de certos códigos comportamentais de fundo moral que reprimem a livre expressão do desejo feminino ainda prevalece em grande parte das famílias. Educam-se os rapazes para terem uma vida sexual ativa, enquanto para as moças a castidade ou o recato constituem virtude.

No campo literário as mulheres também travaram batalhas. O preconceito sufocou

muitos talentos. Num artigo intitulado “O cânone literário e a autoria feminina”, a professora Constância Lima Duarte, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, lembra diversas autoras cujos feitos foram dificultados pelo simples fato de serem mulheres:

Poderíamos, portanto, lembrar inúmeros outros casos semelhantes que testemunham as dificuldades e as tentativas das mulheres ao longo da história, para serem consideradas escritoras e, assim, integrarem o cânone literário. Muitas fizeram uso de pseudônimos masculinos, como forma de driblar a crítica e, ao mesmo tempo, se protegerem da opinião pública. Muitas filhas, mães, esposas ou amantes escreveram à sombra de grandes homens e se deixaram sufocar por essa sombra. As relações familiares, hierarquizadas e funcionais, não incentivavam o surgimento de um outro escritor na família, principalmente se a concorrência vinha de uma mulher. (DUARTE, 1997, p. 87)

Apesar das dificuldades, muitas autoras deixaram trabalhos que proporcionam à posteridade uma visão do imaginário feminino. A professora Elódia Xavier, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, vem-se dedicando ao estudo da mulher na literatura. Em uma obra bastante enriquecedora, intitulada *Declínio do patriarcado: a família no imaginário feminino*, vê-se como as relações familiares foram retratadas em obras de diversas escritoras brasileiras. Isso não as coloca em dissonância com as tendências predominantes em nossas letras, como é esclarecido abaixo:

A narrativa brasileira, do Modernismo para cá, é rica de representações de conflitos de natureza familiar, sendo a família um motivo muito explorado; sobretudo, a família nuclear burguesa dessacralizada pelo discurso crítico modernista. Mas se é grande a tematização desses conflitos, na Literatura brasileira em geral, é extremamente significativa a presença do espaço familiar nas narrativas de autoria feminina; [...] (XAVIER, 1998, p.116)

Esta parte do estudo dedica-se à análise das personagens femininas criadas por Cesário, Ruffato e Cagiano nas três obras contempladas desde a proposta inicial do presente trabalho. Ocorre aqui algo prevalente na literatura brasileira: o desfile de figuras femininas forjadas pelo imaginário masculino. Percebe-se, no entanto, não haver tendência à criação de estereótipos; ao contrário, ao leitor dos três autores mineiros se oferece uma série de narrativas a propiciar a comprovação da inquietante diversidade de papéis exercidos pelas

mulheres em nossa sociedade. Não há preocupação de julgamentos de valor, simplesmente o desfraldar de conflitos ilustrando e retratando no universo ficcional o que ocorre fora dele.

4.1 Um trono cada vez menos almejado

Às mulheres, historicamente, é atribuído o encargo de gerir o lar. O cuidado com a casa, a educação da prole, o bem estar do marido são obrigações que, de tão introjetadas na sociedade, parecem atributos genéticos. O título de rainha do lar, por muitos e muitos anos, nada tinha de pejorativo. É óbvio que tal discurso alterou-se de forma radical e soa anacrônico nos dias que correm, quando as mulheres se lançam de modo cada vez mais arrojado ao mercado de trabalho e veem na independência financeira um objetivo mais significativo que um casamento.

Seria pueril acreditar que uma transformação de tal magnitude a alterar a estrutura familiar e os papéis de gênero ocorresse de forma uniforme e pacífica. As mulheres tiveram e continuam a ter de pagar um preço alto por suas conquistas. Algumas, entretanto, preferiram declinar das benesses da emancipação. Não puderam ou não quiseram arcar com o ônus de encarar o mundo por sentirem-se desprotegidas. Outras jamais tiveram a oportunidade de ao menos tentar o acesso a uma posição de independência emocional ou financeira. Esse tipo de figura não poderia ser negligenciado nas narrativas analisadas. Em *Alma de violino* encontra-se o exemplo mais perfeito da mulher dedicada à vida familiar, devotada às tarefas domésticas, ao cuidado com os filhos e submissa ao marido.

Cecília é o nome da mãe do protagonista do romance. A personagem apresentada logo no início da narrativa, na terceira página, é caracterizada imediatamente. Não há descrições de sua aparência, o leitor não tem dados sobre a tez, cor dos olhos ou cabelos, nem tampouco sabe se possui traços agradáveis à vista. O perfil psicológico, opiniões, ou quaisquer indagações existenciais são omitidos nessa etapa da obra. Subentendem-se a

caracterização da mulher e a posição que ocupa na família através da rotina de trabalho. É a figura materna tradicional em sua plenitude, emoldurada por uma ambientação convencional. Cecília surge diante do leitor por meio da habilidade do narrador de criar imagens fortes e definidoras. O trecho abaixo exemplifica o que foi dito:

A mãe moia café (ele visualizava os grãos de poeira, que nem pareciam ter peso, se empilhando na vasilha escurecida por anos e anos de pó, atrás da porta) e depois ebulia a infusão, açorando o apetite, chaleira sobre a trempe, no fogão a lenha, brasas vermelhas. Catando feijão, catando arroz, espremendo requeijão na forma de lata, remexendo panelas de doce, doce de abóbora de leite, canjica, mingau de milho verde, puxa-puxa, pé-de-moleque, rabanada. Fornadas de broa-de-milho, de biscoito de polvilho, de bolinhos-de-chuva, pudim-de-pão. Cozinheira de sonhos e suspiros. (CESÁRIO, 2004, p. 11-12)

A construção da personagem materna persiste com mais e mais informações sobre as atividades diárias por ela desempenhadas. A menção à postura submissa é feita pouco adiante, juntamente com a primeira descrição física:

Vinha-lhe novamente a imagem da mãe, enfiada num vestido rodado e sem cores, sandálias de couro, cabelos pouco abaixo da nuca, ventre protruso e uma expressão de quem jamais fazia pergunta alguma, pois estas, quando existiam, cabiam exclusivamente ao marido, parecia, que era quem dava o norte. As superiores qualidades da alma. (CESÁRIO, 2004, p. 16)

É pertinente apontar uma ironia ao final do parágrafo citado. O narrador percebe a postura subserviente da mulher. No entanto, para o protagonista, o comportamento da mãe é visto como natural, até positivo, já que, ao recordá-la, experimenta sempre uma reconfortante sensação de aconchego e segurança.

Como foi esclarecido no capítulo 2 deste trabalho, o tempo no romance de Fernando Cesário não é linear, pois o protagonista põe-se de forma recorrente a fazer *flashbacks*. A narrativa tem como característica o fato de a personagem encontrar-se numa fase avançada da vida, marcada por solidão profunda, quebrada por constantes retornos a fases anteriores. Há dessa forma um equilíbrio entre os eventos atuais e os pretéritos. Portanto, Cardini enxerga a

mãe com olhos infantis, não sendo capaz de estabelecer uma postura crítica em relação a seu *status* tanto na família como na sociedade.

Soaria também anacrônico se o menino se indignasse com algumas injustiças consideradas absolutamente naturais no ambiente onde estava inserido. Antônio tinha uma irmã mais nova, por quem nutria grande carinho. Contudo, não atina jamais com as diferenças de tratamento dadas a ele e à menina. O garoto tinha toda liberdade possível. Podia ausentar-se das proximidades da casa e aventurar-se pelo terreno ao redor do sítio onde residia. Uma das passagens mais poéticas do romance dá-se num desses momentos. Antônio, com a imaginação insuflada pela beleza da paisagem defronte à sede, decide explorar os dois montes que se avistavam da morada. A ele é dada a oportunidade de trilhar caminhos desconhecidos e vencer, uma vez ao menos, seus medos. Somente na época da colheita era solicitado. Os demais períodos do ano pareciam-lhe até mesmo tediosos, pois ocupava-se somente com pequenas tarefas como levar café e água para o pai e os irmãos e observá-los na lida diária. Então a criança desejava ardentemente tomar parte mais ativa no trabalho desempenhado pelos membros do sexo masculino. Cultivava o sonho de pertencer, de fato, a esse grupo privilegiado.

De situação menos confortável desfrutava a pequena Nicole. A personagem infantil é citada algumas poucas vezes. Sabe-se que era a predileta do protagonista, pois este admite nutrir por ela uma “saudade inoxidável”. Indicativamente o autor opta por engendrar essa pequena criatura não através de registros de comportamento, traços psicológicos ou descrições físicas. Escolhe apresentá-la de maneira mais detalhada através das funções que desempenhava na rotina do lar. Explicita-se de forma trivial um dado revelador sobre estrutura e códigos sociais com os quais o grupo familiar se identificava sem qualquer tipo de questionamento. A criança do sexo feminino deveria desde cedo aprender as tarefas do lar, auxiliar a mãe e exercer as funções que deverá desempenhar no futuro. A seguir vê-se como Nicole é introduzida com mais detalhes na narrativa:

Nicole, com seus dedinhos, areava vasilhas, a água da bica vazando nas gretas do caixote, respingando-lhe no corpo, no vestido, encharcando por debaixo das tiras do tamanco, cabeleira loura e anelada sobre as espáduas, que sacudia de vez em quando, para desprender os fios que se grudavam no seu dorso. Enchia as mãos de cinza misturada com areia, e esfregava até o pretume do carvão ir se desfazendo, até brotar de novo o brilho do cobre, no tacho e do ferro, nas çarolas, as mãos se consumindo nas partículas da mistura, no sabão de barrigada de porco. Desengordurava, lavava, no silêncio. (CESÁRIO, 2004, p. 54)

Aos olhos atentos de um leitor contemporâneo, torna-se tarefa difícil não se espantar com a rígida divisão de papéis na educação das duas crianças, e, sem dúvida, é o representante do sexo masculino quem desfruta de condições mais agradáveis.

Apesar de levarem vidas que para padrões atuais poderiam parecer restritas e humilhantes, em nenhum instante constata-se qualquer manifestação de revolta por parte tanto de Cecília quanto de Nicole. O discurso feminista era, na época em que os eventos são narrados, uma realidade ainda deveras distante no tempo.

De acordo com as informações obtidas através das memórias de Cardini, havia grande harmonia no ambiente familiar. Todas as peças pareciam encaixar-se numa engrenagem cuja perfeição, de tal forma idealizada, denuncia uma visão alterada pela nostalgia e distância temporal.

Num dos contos de *Dezembro indigesto* intitulado “Juízo final”, apresenta-se ao leitor um drama familiar retratado num espaço semelhante ao da infância de Cardini, mas a ambientação rural não poupou as personagens femininas de conflitos, pois a narrativa desenrola-se num tempo mais recente, em que as questões da contemporaneidade impõem-se de forma decisiva.

Há duas mulheres que, mesmo desempenhando papéis secundários, expõem ao observador mais atento os custos de aceitarem uma condição pouco condizente com as demandas dos eventos a desafiá-las. Dona Matilde, mãe do protagonista Renan, não desempenha outra função na história que a de observadora passiva dos acontecimentos. Ouve

os lamentos do filho e, embora não concorde com suas opiniões, abdica da autoridade de opinar. Obedece às ordens do marido, que a utiliza para impor o poder de chefe da família, sem arcar com ônus ou aborrecimento. A postura submissa da mulher, entretanto, não lhe poupa dissabores. Não consegue compreender ou ajudar os filhos. O mais velho envolve-se com drogas, sai de casa e acaba assassinado. A outra representante feminina da família é a filha mais nova do casal. A inexpressiva participação na narrativa mostra-se compatível com a humilhante posição ocupada na casa do rico pecuarista Onofre Caldeira. A moça, de tão acomodada à inércia, nem consegue rebelar-se como o primogênito tentou:

O mais velho, já largado, ninguém sabendo ao certo o que estava aprontando naquele mundo sem fronteiras da cidade grande, que brutaliza e mumifica as pessoas. E Beatriz, mãe aos quinze anos, amargava com o pequeno Augusto o anonimato, vivendo às expensas do pai, carregando a má-sorte de ser mãe solteira naqueles cafundós: sem emprego e sem diploma, malfalada no lugar. (CAGIANO, 2002, p. 75)

Ao examinar o conto de Cagiano, constata-se a existência de um alerta não explicitado, uma constatação subentendida: os novos desafios impostos pelo incessante processo de modificação da sociedade requerem posturas condizentes, não há como vencê-los usando estratégias antigas. A mulher tem de se reinventar para sobreviver numa sociedade em constante movimento. O apego a ultrapassados modelos há muito deixou de garantir segurança.

4.2 Novas batalhas no lar e fora dele

Por escolha pessoal ou levadas pelo contexto, novos caminhos descortinaram-se diante das mulheres nas últimas décadas. Tal realidade se reflete nos universos ficcionais engendrados pelos três autores abordados neste trabalho.

Na São Paulo recriada em *eles eram muitos cavalos* abunda a apresentação de

dramas vividos por personagens femininas tentando equilibrar-se nesse universo urbano a lhes possibilitar escolhas antes inimagináveis. Caminham por trilhas pouco seguras, sempre sujeitas a contratempos para os quais inexitem soluções convencionais.

O capítulo 10 do livro de Luiz Ruffato — num diálogo com o pensamento freudiano — recebe o título de “O que quer uma mulher”. Não se trata de uma pergunta, logo o leitor poderia chegar à conclusão de que, ao longo do texto, haveria uma exposição das idéias do narrador sobre o enigma. Contudo, se esta é a expectativa, ele está fadado a frustrar-se. A narrativa, que se inicia na terceira pessoa, é interrompida pelo discurso da personagem central, entrecortado por curtíssimas respostas. Vê-se o despertar de uma mulher de classe média baixa, professora, mulher de professor. A descrição da personagem e da casa denunciam dificuldade financeira e ausência de qualquer tipo de vaidade. Subjugada pela falta de perspectiva, excesso de trabalho e tédio, a mulher irrompe num desabafo mal percebido pelo companheiro:

e eu decidi que não quero mais essa vida pra mim não não quero
 O marido, impaciente, “Vou acabar perdendo a hora”,
 Mas...
 cansei nada vale tanto sacrifício trabalhar trabalhar trabalhar pra quê a gente quase
 não se vê mais não sai pra lugar nenhum quanto tempo tem que você nem me
 procura (RUFFATO, 2001, p. 24-25)

A rotina dessa personagem é um reflexo daquela de várias mulheres de carne e osso que circulam por nossas cidades. Sobre ela recai jornada dupla de trabalho: é professora, portanto tem uma atividade profissional estafante e, além disso, é responsável pelo trabalho doméstico. A revolta bastante justificável, no entanto, não faz com que ela questione com eficiência o fato de o marido, também professor, não dividir com ela as tarefas do lar.

A personagem cai num discurso improdutivo por não buscar uma solução para melhorar sua qualidade de vida. Contenta-se em reclamar do cônjuge, depositando nele a responsabilidade de frustrações oriundas da própria inércia. Apesar de ser uma profissional

atuante, inserida no mercado de trabalho, mesmo que inconscientemente, ainda delega ao homem a função de sustentá-la e fazê-la feliz.

Nos últimos instantes da história, a esposa levanta dúvidas se realmente reconhece no marido a pessoa com quem se casou:

?quem é esse homem, meu deus, cara gora ponte-móvel barriga-de-barril roupas desleixadas sem amigos
que gasta as manhãs de sábado lavando o cachorro e o quintalzinho latinhas de cerveja e tira-gostos espetados no palito
que gasta as tardes de domingo vendo futebol na televisão
latinhas de cerveja e tira-gostos espetados no palito
e que dorme em sua cama
e que é o pai de seus filhos
e que
meu deus
já não reconhece
quem é esse homem quem? (RUFFATO, 2001 p. 27-28)

O questionamento a ser elaborado por ela e que possivelmente poderia oferecer-lhe resposta produtiva não deveria referir-se ao marido, mas a ela mesma, visto que, ao angustiar-se com a aparência decadente e passiva do companheiro e repudiá-la, ela não percebe que sua própria figura é que está a atormentá-la, conforme se verifica nas primeiras linhas do episódio:

Ajeitando no nariz o óculos de massa preta, a haste esquerda colada com esparadrapo, as lentes de vidro arranhadas, a mulher penetra com vagar na pequena cozinha, dirige-se à pia, destorce com dificuldade a torneira atipoiada com elástico e barbante entrelaçados e lava um copo-de-requeijão, Frajola persegue o Piu-Piu no decalque.[...] Arrastando pantufas esgarçadas, a sola encaroçada, a mulher aproxima-se da mesa, toma a garrafa térmica, despeja um gole de café no copo-de-requeijão, rasga um pedaço de pão francês dormido, lambuza-o de margarina, volta a recostar-se na pia. (RUFFATO, 2001, p. 22-23)

O princípio e o final do capítulo se complementam A rotina dura e tediosa, o arrefecer da paixão, a falta de vaidade atingem o casal da mesma maneira. Se a mulher, a única a enxergar o fato, tomar as rédeas de sua vida, talvez haja uma saída.

Uma dona-de-casa atravessando crise mais séria é mostrada no capítulo 25, “Pelo

telefone”. O autor opta por apresentar o drama da personagem através das gravações da secretária eletrônica de Luciana, a suposta amante mais jovem do marido da inconformada mulher. O texto resume-se aos desabafos da esposa e ao aviso gravado no aparelho, repetido a cada ligação:

“Oi aqui é a Luciana. Deixe seu recado após o sinal”.

Você é jovem ainda... vai aprender...(Pausa) Mas aceite um conselho, um só: ele não é nada disso que está mostrando pra você...(Pausa) No começo... quando a gente não conhece direito a outra pessoa...tudo são maravilhas...Porque o outro só mostra o lado bom dele...mas...depois...Quando a gente começa a conviver...(Pausa) O dia-a-dia é fogo! (RUFFATO, 2001, p. 53)

O conteúdo das mensagens varia de tom, do confessional ao ofensivo, às vezes marcado por expressões chulas. A mulher, cujo nome não é revelado — como tampouco o do homem — tenta a todo custo convencer a oponente do passo errado prestes a ser dado por ela caso dê continuidade ao relacionamento. Enumera uma série de defeitos do marido, conhecimento adquirido somente após longo período de dolorosa convivência. O discurso adotado revela uma situação contraditória: se o pivô da crise é tão insensível e desprovido de atrativos, por que a insistência em preservar um casamento falido? Esta é a tônica desse quadro: o impasse vivido por uma personagem que, através do seu discurso, expõe algo de que ela própria não tem plena consciência, ou seja, o fato de estar desencantada com o companheiro de muitos anos. O drama intensifica-se por ela não perceber a incoerência de lutar por um relacionamento insatisfatório. O leitor tem diante de si uma personagem que incorpora um conflito vivido por muitas mulheres qual seja, o de estarem presas a um casamento infeliz por não acreditarem na possibilidade do novo, por temerem assumir riscos. A liberdade tem um preço que nem todos estão dispostos a pagar.

A jornalista do capítulo 8 teve de aceitar o desafio. Numa narrativa abrupta, refletindo o fluxo de pensamento da personagem ao emocionar-se com a bela figura do filho, apreendem-se os percalços pelos quais passou. Separada de um homem que em nada a ajudou

na educação da criança, não vacilou diante dos desafios. Trabalhou duramente, superando dificuldades financeiras; porém optou por não culpar o antigo companheiro, procurando, dessa forma, em sua opinião, preservar para o menino a figura paterna. As preocupações da mulher a impedem de ver algo deveras inquietante. Ao contrário do marido bem-sucedido financeiramente e com a vida afetiva refeita, a jornalista anulou-se emocionalmente, dedicando-se de forma integral ao trabalho e ao filho. Revela-se desse modo uma realidade perversa, já que, aparentemente, os obstáculos posicionados no percurso de mulheres saídas de um casamento são mais difíceis de serem transpostos.

Lançadas em um novo contexto elas ainda buscam o equilíbrio, uma forma de harmonizar os desafios da vida profissional e os aspectos concernentes à plena realização no plano familiar e pessoal. Não é um caminho fácil, tanto que muitas ainda se encontram à procura de um modelo a lhes servir de inspiração, que as auxiliem a se autoconhecerem.

Entre os contos de *Dezembro indigesto* há um chamado “O rosto perdido”, que é uma metáfora a ilustrar a condição feminina descrita no parágrafo anterior. A personagem narradora, Stelamaris, é a representante, na ficção de Ronaldo Cagiano, daquelas incontáveis mulheres que exercem jornada dupla. Trabalha o dia todo e, após enfrentar o trânsito pesado de Brasília, chega a casa, devendo ainda preparar a refeição noturna da família. Num dia como outro qualquer, ao caminhar pelas ruas agitadas da cidade, ouve, ou pensa ouvir, o seu nome gritado por alguém. O chamado a mobiliza de forma arrebatadora:

De repente, aquela voz tão distante e tão breve, parecendo sucumbir no meio do burburinho e da agitação da cidade efervescente, penetrava-me sutilmente os tímpanos e eu conseguia ouvi-la, apesar de toda a massa em derredor. Olhei e pensei que fosse o rapaz que saía de costas à minha frente, tão logo havia levantado a cabeça e retirado os olhos que fitavam o outro lado da rua, aguardando o semáforo fechar para que eu ganhasse a calçada do outro lado. Imóvel, retrocedi na minha intenção de atravessar a faixa de pedestre e fui em direção àquela voz que ainda martelava em meus ouvidos: — *Stelamaris! Stelamaris!* (CAGIANO, 2002, p. 131)

A mulher parte numa perseguição angustiante, infrutífera, pois não está certa de

quem a havia interpelado. Apesar de reconhecer a ilogicidade do ato, não consegue controlar-se, vai à procura de alguém que pudesse reatar um vínculo perdido. Na verdade, ocorrem duas buscas paralelas, uma pelos amplos espaços da capital do país, e outra no íntimo da personagem. Esta última, a que causa mais inquietação. O texto oferece indícios de que a mulher busca a si própria, confessando o temor de não mais ser reconhecida em sua essência ou de ver-se confundida com outra pessoa qualquer. Repugna-lhe a possibilidade de ser um clone, desinteressante, idêntica a tantas:

Naquele corre-corre, eu ainda tentava driblar as pessoas, seguir o cavalheiro. Quem era aquele homem de costas, de andar apressado, de uma severidade no passos, que mão olhava para trás, que não me olhava? Quantas vezes ele me teria visto? Ou seria coincidência, uma outra Stelamaris, uma outra mulher que ele pensou estar ali em mim, plágio físico, sócia, clone, que o fez confundir-se, igual até no nome? (CAGIANO, 2002, p. 132)

Stelamaris é uma personagem a ilustrar, nessa insólita aventura de final de dia, a persistência da necessidade do ser humano de autoconhecimento, de ser capaz ou, ao menos, de vislumbrar a possibilidade de poder definir-se. Em seu caso, busca no reconhecimento alheio indícios que a auxiliem a se encontrar.

Outra personagem criada por Ronaldo Cagiano, Letícia, de “Contraponto” traz na trajetória os momentos históricos, as batalhas travadas pelas mulheres desde que o movimento feminista ganhou as manchetes e iniciou uma revolução de costumes cujos reflexos ainda não são inteiramente compreendidos. Estudante universitária na Brasília do final dos anos de 1960, luta pelos ideais socialistas sufocados pela ditadura recrudescente. O momento político e ideológico radical faz com que haja uma dissociação entre a vida afetiva e os compromissos políticos e profissionais. Quando a repressão toma um rosto mais violento, a moça é obrigada a abandonar a capital e dirigir-se ao sudeste do país, onde enfrenta sérias dificuldades para sobreviver. O caráter resoluto a impele a seguir adiante. Consegue finalizar a graduação e ingressar no mercado de trabalho como jornalista de um periódico sensacionalista de São

Paulo. A narrativa não fornece detalhes; acrescenta somente que, paralelamente à escalada de sucesso na carreira, a vida pessoal foi recheada de decepções. O reencontro entre Letícia e a personagem narradora, Otávio, dois ex-militantes que, no passado, nutriam reciprocamente uma atração amorosa inconfessa, expõe o descompasso em que se encontra a mulher, realizada como repórter de uma revista influente, porém marcada pelos reveses afetivos.

Nas poucas horas em que os dois passam juntos, Letícia, ao contrário do narrador, expõe a intimidade. Revela que, após haver abandonado a luta armada, casou-se — experiência desastrosa. Entretanto, não se entregou após o primeiro fracasso, tentou outras duas vezes, desiludindo-se igualmente após cada tentativa. Devido às incertezas características da profissão e de uma vida afetiva tumultuada, optou por não ter filhos. Embora o discurso da personagem chegue ao leitor de forma indireta, através do relato de um narrador masculino, envolvido emocionalmente com o conteúdo transmitido, é possível perceber com certa segurança o que se passa no interior dessa mulher. As palavras, mesmo que contidas e um tanto veladas, deixam transparecer o que há na alma da jornalista:

Eu via em seus olhos a mesma angústia da antiga guerreira, a estudante que não economizava palavras, não esmorecia na resistência. Mas eu via também uma angústia nova, um brilho triste e um leve tremor nos lábios semicerrados, mas prontos para revelar o inconfesso. Eu via que Letícia entabulava o seu discurso para esconder outras desilusões: amorosas, afetivas, pessoais; havia em seu corte não apenas a desilusão política, a perda do entusiasmo, a queixa do fim das ideologias. Ela falava de uma frustração interior, de uma coisa estranha que parecia afetar-lhe o ânimo, os sentidos, a decretar-lhe uma prostração, uma tristeza irreduzível em seus gestos. (CAGIANO, 2002, p. 157)

Letícia, mesmo guardando-se em mente o fato de não ser agraciada com as lentes da neutralidade, insere-se num quadro verossímil e recorrente. Contemporânea do princípio da luta pelos direitos femininos, colocou em prática as diretrizes do movimento. Chega à meia-idade alimentando uma insatisfação explícita.

4.3 O estranho: medo e repúdio

Para alicerçar o raciocínio que se pretende desenvolver adiante, faz-se necessário retomar o pensamento de Sigmund Freud a respeito de elementos provocadores de estranheza. Como já mencionado no capítulo anterior, Freud sustenta que “o estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar.” (FREUD, 1969, p. 277) Conclui, após a análise das palavras alemãs *heimlich* (familiar, doméstico) e o que por desconhecimento se considera seu oposto, *unheimlich*, que dependendo dos matizes levados em conta, os dois vocábulos são idênticos.

O fundador da psicanálise expõe dois raciocínios a constituir o fulcro de suas impressões sobre o assunto:

Em primeiro lugar, se a teoria psicanalítica está certa ao sustentar que todo afeto pertencente a um impulso emocional, qualquer que seja a sua espécie, transformasse, se reprimido, em ansiedade, então entre os exemplos de coisas assustadoras, deve haver uma categoria em que o elemento que amedronta pode mostrar-se ser algo reprimido que retorna. Essa categoria de coisas assustadoras construiria então o estranho; e deve ser indiferente a questão de saber se o que é estranho, era, em si, originalmente assustador ou se trazia algum outro afeto. Em segundo lugar, se é essa, na verdade, a natureza secreta do estranho, pode-se compreender por que o uso lingüístico estendeu *das Heimliche* (doméstico, familiar) para seu oposto, *das Unheimliche*; pois esse estranho não é nada novo ou alheio, porém algo que é familiar e há muito estabelecido na mente, e que somente se alienou desta através do processo da repressão. Essa referência ao fator da repressão permite-nos, ademais, compreender a definição de Schelling (pág. 281) do estranho como algo que deveria ter permanecido oculto, mas veio à luz. (FREUD, 1969, p. 300-301)

Freud prossegue elaborando uma série de situações em que o estranho pode materializar-se, estabelecendo paralelos com outros pensadores e lançando mão de obras literárias para ilustrar seus pontos de vista. Encerra uma coletânea de exemplos, fornecendo material de grande importância para a análise feita a seguir:

Acontece com frequência que os neuróticos do sexo masculino declaram que sentem haver algo estranho no órgão genital feminino. Esse lugar *unheimlich*, no entanto, é a entrada para o antigo *Heim* (lar) de todos os seres humanos, para o lugar onde cada um de nós viveu certa vez, no princípio. Há um gracejo que diz 'O amor é a saudade de casa'; e sempre que um homem sonha com um lugar ou um país e diz para si mesmo, enquanto ainda está sonhando: 'este lugar é-me familiar, estive aqui antes', podemos interpretar o lugar como sendo os genitais da sua mãe

ou seu corpo. Nesse caso, também, o *unheimlich* é o que uma vez foi *heimsch*, familiar; o prefixo 'un' ['in-'] é o sinal da repressão. (FREUD, 1969, p. 305)

Fugiria do objetivo primordial deste estudo a tentativa de se levar a cabo uma investigação de caráter psicanalítico na procura de esclarecimento para as origens ocultas dos temores masculinos em relação à mulher. Tal empreitada estaria mais de acordo com outras áreas de conhecimento que não exatamente a literatura. Interessa aqui investigar como esse fenômeno se manifesta na construção de uma personagem em particular: Antônio Cardini. Procura-se demonstrar o quanto o violonista misantropo recalca, na realidade, uma relação extremamente conflituosa com as mulheres e a dificuldade do músico aposentado em lidar com o prazer em quaisquer instâncias.

Com base nas memórias da personagem, obtêm-se alguns dados fundamentais para entender a conduta excêntrica que lhe marca a trajetória. Quando criança nutria profundo respeito e admiração pelo pai e irmãos, entretanto, sentia-se excluído do grupo masculino da família. Por ser o filho mais novo, ficava em casa com a mãe e a irmãzinha, enquanto os homens adultos iam para o campo trabalhar. Devido a essa circunstância, havia uma ligação afetiva, se não mais intensa, por certo de maior intimidade entre o menino e as mulheres da casa. O próprio Cardini adulto não esconde sentir mais saudades da irmã que dos irmãos. Quanto à mãe, o trecho citado abaixo é o exemplo mais contundente de como o menino a enxergava:

E a figura da mãe cresceu, tornou-se grande como nunca, sobrenatural. E calma; calma feito a levada dos córregos, no estio, que desce lenta, cansada e com preguiça, quase imperceptível, rodamento ondejante e circular nas margens, em meio às hastes do capim que emaranham o leito, as águas parecendo brotar das profundezas, ondulação lambendo os barrancos de tabatinga, dando refúgio às carás e aos lambaris. Era o próprio porto. Sim, o porto. (CESÁRIO, 2004, p. 25)

Parece contraditório o fato de uma esposa submissa, como é descrita Cecília, ter a

força de “um dique, que a correnteza arromba e arrasta em avalanche” (CESÁRIO, 2004, p.25). As impressões conflitantes obtidas pelo menino refletem de forma inequívoca como se estrutura em seu perfil psicológico a imagem feminina, ora salvadora, ora representando uma ameaça. Configura-se então o fenômeno da ambivalência, apontado por Freud: o familiar, o doméstico que pode tornar-se assustador, sinistro, estranho.

Outro trecho bastante elucidativo para a compreensão do intrincado mundo interior de Antônio Cardini é aquele em que, uma única vez, o prazer de um contato físico é confessadamente prazeroso, e este se dá justamente quando há o toque de seu corpo com o da irmã:

Nicole, quieta ao seu lado, fica espiando as mesmas coisas, para o norte e para o sul, e ele dissimulava, observando-a de soslaio, vendo seu rosto que tinha a brancura das noites enluaradas. Sentia um imenso prazer em ficar ao lado dela. Às vezes, esquecia seu próprio peso para que se inclinasse, até roçar, de leve, no corpo dela, nas vestes dela, no seu despenteado. (CESÁRIO, 2004, p. 108)

Há um perceptível tom de sensualidade na descrição acima, que, juntamente com o sentimento de admiração e dependência definidor da relação entre Antônio e a mãe, apontam para as raízes do desenvolvimento de uma inquietante reserva para com o restante das mulheres, que se na infância provocam terror incontido, passam na vida adulta a ser rechaçadas e vistas com desdém, sujeitas a críticas silenciosas, mas implacáveis. A culpa pela proximidade com as figuras femininas da família pode ser uma chave para a compreensão da ojeriza que a personagem passa a ter pelas outras mulheres. A teoria psicanalítica apregoa a relação causa-efeito entre os impulsos recalcados e o desenvolvimento de emoções negativas, o que constitui uma hipótese a explicar a atitude de Cardini para com as mulheres.

Um evento em especial, ocorrido na infância da personagem e descrito com riqueza de detalhes, é o primeiro elemento a caracterizar a atitude misógina do futuro violinista. O narrador descreve Antônio como uma “arquitetura de medos”, sendo o maior deles, ao lado do receio da morte, o medo da mulher, apresentado em sua manifestação mais aguda e precoce

com a chegada dos ciganos, mais especificamente das ciganas, a Monte Redondo.

O acampamento montado pelo grupo nos arredores do sítio onde morava já havia provocado inquietação na criança, que, mesmo assim, não se furtou a aventurar-se fora de casa, visto que não poderia esconder-se do mundo indefinidamente. Encontrava-se distraído em seus pensamentos infantis quando ocorreu o encontro tão perturbador. A descrição do abalo psicológico sofrido por Antônio, quando percebeu estar sendo espreitado por duas ciganas, revela o terror que essas figuras provocavam:

Perdeu os nervos, desligou-se a sua audição e esvaiu-se a saliva, os sentidos enteneblados. Terrificado, sentiu o terreno fugir-lhe aos pés; pernas bambas e desvigoradas, que pareciam não responder ou que, ao contrário, tomado por um transe, ameaçavam ceder, caminhar para diante, abordando-se do risco, hipnotizado qual um sapo que atraído, por uma jararaca, salta no endereço do bote. Quis fugir, voltar correndo para dentro, gritar por socorro, mas, asfixiado e cheio de pavor, a voz não lhe saía, os olhos arregalados não vendo nada. Completamente indefeso. (CESÁRIO, 2004, p. 24)

Sem dúvida foi uma reação desproporcional ao fato, pois dificilmente duas mulheres poderiam fazer mal a uma criança a poucos metros de casa. Elementos ainda mais esclarecedores encontram-se ao analisar a forma como as ciganas são descritas: criaturas malignas, demoníacas, ao mesmo tempo exercendo incompreensível sedução. Seria imperdoável negligenciar um aspecto linguístico no mínimo curioso ao se compor essa cena, a abundância de verbos relacionados à visão: espreitar, enxergar, mirar, hipnotizar. A descrição das duas figuras cuja sensualidade consegue transparecer, mesmo embaçada pelo terror, é marcada pela força do olhar: “as terríveis miradas ciganas”, “os olhos rasgados — olhos do diabo — olhos traiçoeiros”.

As pupilas malignas a espreitar o menino exerciam sobre ele um magnetismo, um chamado que representava o perigo em sua maior instância, principalmente quando sentia pousar sobre si as inquietantes “miradas oblíquas”. Não é a primeira vez na literatura brasileira que o olhar das ciganas é relacionado a um comportamento dissimulado e perigoso,

mas, aqui, o efeito perturbador parece levado ao paroxismo. As mulheres de longas saias coloridas e tez morena incorporavam aos olhos do menino Antônio os temores que nutria por todas as outras. Entretanto, por vezes, só conseguia perceber o fato de serem estranhas e distantes as paixões por elas despertadas, como fica claro no trecho abaixo:

Os sons da castanhola. Carmen bailando em lúbricos e vigorosos requebros, ondulando as cadeiras, as mãos justapostas se elevando, evoluindo-se, serpenteando, e depois descendo, em movimentos colubreados. Saculejava a veste longa de seda jambo; os rodopios. As pupilas arrastando, aliciando, puxando para si, ameaçando fisgar. Ele, imune de paixões, tão distantes e estranhas lhe pareciam. (CESÁRIO, 2004, p.26)

O romance de Fernando Cesário, com seu narrador ciente dos sentimentos mais íntimos do protagonista e pronto a oferecê-los ao leitor, sem rodeios, informa taxativamente a importância capital do medo no perfil psicológico de Cardini. O episódio acima realçado, além de exemplificar essa faceta da personagem, permite a confirmação de outras suspeitas. Em todas as ocasiões, até então, em que a criança era atormentada por temores de qualquer natureza, surgia, mesmo que debilmente, um esboço de coragem, uma tentativa de reação que a fazia mover-se. Na cena do encontro com as ciganas houve um colapso total. O menino foi tomado de terror paralisante, só encontrando salvação com a chegada redentora da mãe.

Pouco é revelado a respeito da juventude do protagonista. A narrativa detém-se sobretudo na infância com a família e na velhice solitária. Contudo, há dados evidentes a possibilitar a afirmação de que a vida adulta em quase nada, em termos de relacionamentos, diferiu do isolamento detalhadamente descrito com a ida para Cataguases. Os acontecimentos trágicos, a morte de todos os irmãos e o rompimento dos laços familiares, com a saída de Cataguases, marcam o fim um período em que ainda existia uma ligação afetiva com as pessoas com quem convivia e a passagem para uma fase definitiva, de isolamento quase monástico.

Se havia uma atitude defensiva de afastamento em relação ao mundo em geral, para

com as mulheres era ela de absoluto desprezo e hostilidade, disfarçados por um comportamento contido e uma total inabilidade em demonstrar emoções, mesmo as mais viscerais. Vários eventos permitem detectar claramente essa faceta da personagem.

Do tempo em que viveu na capital fluminense, não obstante todas as numerosas opções de encontros oferecidas pela metrópole, não há absolutamente nenhuma menção ao contato, mesmo que superficial, entre Antônio e qualquer mulher. Elas são, quando muito, mencionadas como um detalhe a mais na paisagem. O anonimato dos grandes centros serviu a ele como escudo a protegê-lo de envolvimento indesejados.

A aposentadoria e subsequente mudança para Cataguases, transportada para a ficção como um lugar pequeno e pacato, onde muito pouco passa despercebido a olhos ávidos por qualquer novidade que possa quebrar a monotonia, enfraquece a barreira erguida pelo próprio protagonista e as outras personagens, apresentadas ao leitor sob as lentes das considerações elaboradas sobre elas por ele, Cardini. Embora qualquer contato seja incômodo ao solitário aposentado, o simples fato de ser abordado por uma mulher causa-lhe profunda irritação e desconforto, o que pode ser comprovado com as exemplificações que se seguem.

Uma personagem exerce a função de elo entre Cardini e o mundo exterior, do qual guardava sempre distância: Zilda, a empregada que se adaptara ao trabalho em uma casa cujo dono era parecido com uma sombra, comunicando-se com ela por bilhetes. Como o contato direto era desagradável, foi bastante escasso desde a chegada da doméstica ao novo serviço. De acordo com dados fornecidos de forma esparsa, os momentos em que os dois se encontram rareiam até deixarem de existir. Dessa forma, notando a atitude esquiva do patrão e a incapacidade de exprimir insatisfação com o desempenho das atividades por ela exercidas, a empregada vê-se tomada de desestímulo para com a limpeza e manutenção da casa, fato que colabora para intensificar o quadro de abandono da morada. O narrador, como que eximindo o protagonista de responsabilidade, não relata ter sido feita por Cardini uma relação entre sua esquivança e o descaso de Zilda. À rotina doméstica incomum soma-se um dado significativo

para confirmar o impedimento criado pelo aposentado de se relacionar com pessoas do sexo oposto: o pudor exacerbado. Claramente envergonhado de sua condição masculina, nega-se a deixar a empregada lavar roupas íntimas:

É certo que mulheres lavam roupas de homens, porém não conseguia se acostumar com esse raciocínio, quando se tratava das suas próprias. Comparava-se ensaboando vestes íntimas de mulheres. Tresandou numa carreira louca ao banheiro, desabotoou apressado o corrião e abaixou a calça até quase os joelhos. Examinava, com o maior escrúpulo, a cueca, buscando nela algum vestígio de suas excreções diárias, os sujões lá dele. A natureza. Nada. Mesmo assim, era melhor que ele próprio cuidasse delas, todos os dias, debaixo do chuveiro, deixando-as secarem-se no interior do quarto, refúgio onde até mesmo Zilda dificilmente ingressava. (CESÁRIO, 2004, p. 73-74)

A citação expõe a incapacidade de relacionamento entre a personagem e as mulheres, não havendo em parte alguma do texto qualquer referência a contatos sexuais, mesmo que fortuitos ou esporádicos — uma lacuna a levantar questionamentos nunca concretizados pelo narrador, tão ávido em compor a personagem tecendo um quadro rico em detalhes de seu universo interior.

A narrativa, quando se detém na rotina de Cardini em Cataguases, apresenta algumas personagens femininas com as quais ele apenas cruza quando forçado a sair de casa. As impressões são sempre negativas. Elas circulam no espaço ficcional de maior recorrência no texto, a Rua Major Vieira, onde se situa o refúgio do protagonista. Há, por exemplo, a dona da confeitaria de olhar inquisidor, ansiosa por obter algum elemento que lhe permita emitir opinião fundada sobre o excêntrico cliente. Eis como é descrita uma visita do homem ao estabelecimento:

Durante quase todo o tempo em que lá permaneceu, foi impertinente espionado pela mulher atrás da registradora. Acompanhava-o por todos os lados, ele aturando aquela impolidez, iludindo seu desconforto, examinando o que havia dentro dos balcões envidraçados. Ela o seguia, maroteira e cheia de intrujice, como se tratasse de alguma figura estranha ou misteriosa, ele fingindo não tomar tento, errando pelas embalagens coloridas das gulodices, pelos bolos confeitados e numa metade de um pudim, sob a luz das lâmpadas fluorescentes. Era o tipo de mulher gasta e que certamente possuía, no passado, pouquíssimos físicos e mesmo intelectuais. (CESÁRIO, 2004, p. 83-84)

Vários adjetivos são utilizados na descrição da desagradável mulher: ardilosa, insolente, soberba e estúpida. Nesses instantes, ao se caracterizarem certas personagens, é quando se sente com mais intensidade a simbiose entre o narrador e o que vai no interior de Antônio. Tem-se, por vezes, a nítida impressão de que é ele a tomar o texto com a própria voz.

Presença também a causar enorme desconforto é a da vizinha e a dos seus filhos barulhentos, mal-educados. O violinista nutre por ela arraigada antipatia. A proximidade forçada exaspera-o sobremaneira e quando, por motivos banais, é importunado em sua reclusão, sente-se extremamente ameaçado. A caracterização física da dona-de-casa, de tão cruel, chega a ser caricatural, um índice a mais a confirmar a forma deturpada como as mulheres são percebidas e incapacidade de enxergar além das aparências, tamanha a sensação de ameaça e mal-estar:

A vizinha voltara para fora. Ralhava, feito uma louca, com seus diabinhos, falando agitada e desordenadamente, com aquela voz azurrada e esganiçada, gesticulando que era uma beleza. Voluteando capadamente. Pés inchados, beiços e fuça atoucinhados, uma papada na frente e um cupim, na nuca, esfregando o lado interno das coxas e os joelhos uns nos outros, o vestido gorduroso fazendo a delineação da banha nos braços, no tronco e nas pernas, o corpo todo tremendo, quando ela exercitava os passos, no chão, a glutona. (CESÁRIO, 2004, p. 67)

Incomodado quando se torna objeto do escrutínio alheio, Antônio Cardini não se furta a dar vazão à própria curiosidade em relação ao comportamento de outra personagem. Como uma aproximação é inviável, logo torna-se difícil uma percepção menos superficial das mulheres. Dessa forma, ao serem caracterizadas, há a tendência a uma tipificação, tanto que elas nunca recebem nomes. Isso se dá com a beata ranzinza, objeto da crítica ácida do protagonista. Ele conhece com detalhes os hábitos da taciturna figura. Acompanha-a ocultamente, com obsessão. Sabe que sai antes das seis, todas as manhãs, cobrindo-se com um véu e dirigindo-se à igreja matriz onde, com uma fita do Sagrado Coração de Jesus, uma

medalha dourada e um vestido a denunciar um gosto conservador e ultrapassado, assiste ao serviço religioso católico. O mais interessante, entretanto, é o fato de a religiosa senhora ter um traço de comportamento idêntico ao de Cardini. É também avessa ao contato humano. Salta aos olhos a ausência de autocrítica do violinista ao qualificar os costumes da mulher de excêntricos e não enxergar neles um espelho de seu próprio jeito de ser. A descrição do modo do agir da beata não deixa dúvida quanto à semelhança entre ambos:

Caminha esquivando-se desde bem longe de todo mundo, procurando manter-se apartada, como se proximidade dos outros lhe trouxesse arrelia, gastura. Ou um medo de contagiar-se com algo, não sabia ao certo. Esquisitíssima! Birutice, achava. A cidade está cheia destes. Na matriz lotada, estabelecia um círculo ao seu redor, repelindo, com um amarrotar do rosto e com um gestual inexprimível do restante do corpo, os que se avizinhassem. E, estranhamente, havia uma espécie de consentimento coletivo, pois, aos olhares de Deus, conseguia sempre manter delimitado aquele espaço. Na comunhão, aguardava o final, o último a receber a hóstia, para só então se aproximar. (CESÁRIO, 2004, p. 71)

A mulher causa estranheza a Cardini, o que faz com que, mais uma vez, seja relevante remontar às conclusões de Freud. Estranho pode ser algo familiar que retorna de forma desagradável, algo secreto que teima a vir à luz, embora se tente reprimir.

Nas narrativas estudadas a representação da figura feminina ocorre de formas diversas. Entretanto algo em comum as une: o fato de serem impressões colhidas por observadores do sexo masculino. Esse olhar constrói, nas obras analisadas, o discurso sobre a mulher. Não é por acaso, portanto, que incompreensão, estranheza, admiração e pasmo deem o tom das histórias criadas.

5 OUTROS TANTOS MARGINALIZADOS

Como o material exposto nas páginas anteriores tenta demonstrar, há em *Alma de violino*, *Dezembro indigesto* e *eles eram muitos cavalos* um elemento em comum — a abundância de personagens integrantes de grupos a ocupar posições desfavorecidas na sociedade. Este capítulo enfoca a presença, nos universos ficcionais em questão, de representantes de diversas minorias prejudicadas por preconceitos resistentes às mudanças a provir dos avanços obtidos ao longo de anos de luta por direitos que deveriam ser iguais para todos.

Em um estágio anterior do capitalismo, existia uma necessidade de alicerçarem-se as economias imperialistas através da conquista de territórios e ampliação do volume de mão-de-obra a ser explorada. O atual estágio da economia mundial coloca os governos diante de um novo tipo de problema. Não se trata agora de explorar populações inteiras, mas sim de arquitetar uma estratégia silenciosa e eficiente de exclusão. O processo de expansão da economia ocidental pelo planeta, iniciado há séculos, criou, em escala planetária, uma massa de pessoas rejeitadas, que não são mais aproveitáveis no atual ciclo econômico. De acordo com a lógica vigente nesse novo mundo globalizado, há de se excluir aquilo que não pode ser aproveitado.

O sociólogo Zygmunt Bauman aponta o surgimento do temor generalizado: a morte metafórica a assombrar multidões, materializada na possibilidade de que, de um momento para outro, por um movimento econômico qualquer, elas se vejam colocadas de lado pelo dinâmico e naturalmente excludente mercado de trabalho. A proteção outrora oferecida através do Estado, pelo menos nos países mais desenvolvidos, entrou em colapso. Sociedades cada vez mais privatizadas e desregulamentadas deixam os cidadãos desprovidos de fóruns para onde dirigir suas reclamações e exigências. A mensagem depreendida, a orientação dada é a de que cada um confie em suas próprias capacidades e que busque por conta própria meios

para se proteger contra as adversidades. A culpabilidade por tropeços inerentes à vida recai sobre as costas de quem os sofreu, já que é responsabilidade individual o estabelecimento de redes de proteção privadas. Os poderes constituídos retraem-se cada vez mais e as pessoas, sentindo-se abandonadas a seus próprios recursos, tendem a criar refúgios por iniciativa própria.

Um inquietante quadro social delinea-se a partir desse contexto. Bauman percebe um novo perigo a surgir:

E o que é aquilo com que os indivíduos abandonados, dessocializados, fragmentados e solitários provavelmente sonham e, se têm uma chance fazem? Já que os grandes portos foram fechados ou privados dos quebra-mares que costumavam torná-los seguros, os infelizes marinheiros ficarão propensos a construir e cercar os pequenos refúgios onde podem ancorar e depositar as suas destituídas e frágeis identidades. Não confiando mais na rede de navegação pública, eles guardam com desconfiança o acesso a esses refúgios privados contra todo e qualquer intruso. (BAUMAN, 2005, p. 53)

Aqueles que por sorte encontram-se em condições socioeconômicas favoráveis e ainda não foram atingidos pelos reveses inerentes à globalização vêm desenvolvendo, muitas vezes, um desconcertante método de encapsulamento. Preferem negar a existência do outro, protegerem-se dele, já que o diferente ou o excluído encarnam a ameaça a pairar sobre todos.

As personagens de Fernando Cesário, Luiz Ruffato e Ronaldo Cagiano revivem na ficção os conflitos que afligem o mundo real. Cada uma, à sua maneira, faz o leitor refletir sobre as mazelas da sociedade brasileira e os arraigados preconceitos a afetá-la. Os autores concebem espaços ficcionais onde o leitor poderá identificar a origem dos processos de afastamento do diferente e as consequências de tais atitudes.

5.1 As representações do negro

Não se insere dentro dos objetivos deste estudo a tarefa de traçar um histórico da

condição das pessoas de origem africana na sociedade brasileira. Basta apontar alguns dados com o objetivo de reforçar a percepção de uma realidade bastante conhecida: a desigualdade entre brancos e negros no Brasil. O país tem a maior população de origem africana fora da África. Segundo o IBGE os auto-declarados negros representam 6,3% e os pardos 43,2% da população brasileira, ou seja, oitenta milhões de brasileiros. No entanto, não conseguem ter representatividade expressiva nas estatísticas relativas aos estratos mais privilegiados na escala social.

Apesar de decorrido mais de um século desde o fim da escravatura no país, persistem barreiras dificultando a ascensão social e econômica a pessoas de pele mais escura. Segundo dados do IBGE (2000), a proporção de negros abaixo da linha de pobreza no total da população negra no Brasil é de 50%, enquanto que é de 25% a de brancos no conjunto da população branca. A partir do Atlas Racial Brasileiro, publicado pelo PNUD (Programa das Nações Unidas para o desenvolvimento), é possível destacar dois fenômenos em termos das desigualdades raciais no mercado de trabalho, os quais serão discutidos nos próximos parágrafos.

As mulheres negras no mercado de trabalho com 8 a 10 anos de estudo (equivalente ao Ensino Médio Incompleto) e com 11 a 14 anos estudo (Superior Incompleto) apresentam crescimento superior ao das brancas (60% a mais no grupo de 8 a 10 anos e 70% a mais no grupo de 11 a 14 anos). No caso do grupo com 8 a 10 anos de estudo, as proporções em 2000 quase chegam a convergir: as mulheres negras representam 18,48% das mulheres economicamente ativas; e as brancas, 19,21%. Em 1991, essas mesmas proporções eram de 8,48% e 14,02%, respectivamente.

Já a proporção de mulheres negras economicamente ativas com Ensino Superior, ainda que muito baixa, passa de 1,28% em 1980 para 3,06% em 2000. Mas, se compararmos tais cifras com as de mulheres brancas (7,5% em 1980, 11,42% em 2000), a diferença entre os dois grupos continua sendo muito ampla. Isso sinaliza para o fato de que o preconceito ainda

permeia as relações inter-raciais, uma situação que vai de encontro à antiga idéia de o país ser uma democracia racial.

Alma de violino, com uma narrativa a revelar as sensações, sentimentos e conceitos norteadores das ações estruturadoras do percurso do protagonista, desvela a postura hostil de um brasileiro descendente de europeus frente aos elementos relacionados à raça negra.

Desde que o movimento pelos direitos civis dos negros ganhou as ruas e as mentes nos Estados Unidos a partir da segunda metade do século passado, as pessoas foram forçadas a refletir sobre estereótipos de beleza, tradicionalmente avessos a tudo que não era europeu. Os padrões estéticos foram alterados e a frase “*black is beautiful*” foi repetida incansavelmente.

Ao ler-se a narrativa de Fernando Cesário, tem-se a impressão de que a personagem Antônio Cardini transita num espaço ficcional onde as informações acima não parecem fazer parte do contexto. Se o fazem, a personagem as ignora ou rechaça. Tal afirmativa confirma-se pela forma como o homem enxerga as pessoas de raça negra, sempre uma visão desagradável:

Do outro lado, uma mulatinha magricela, de uns quinze anos, cabelo encarapinhado, desgrenhado, que parecia assustada com sua presença, apoiada com as mãos na quina da fórmica, rostinho fino, onde saltitavam olhos abotcados e famintos. Dois olhinhos nervosos, porém tristes. Lá atrás. Era desconfortável, para dizer o mínimo. (CESÁRIO, 2004, p. 84)

A palavra “mulato” aparece sempre ligada a descrições negativas: há uma “mulatinha magricela”, uma “matula de mulatos”, uma “mulata e seus moleques”. Todos esses comentários presentes em citações feitas neste estudo demonstram uma atitude de distanciamento da personagem em relação àquelas de pele escura e de redução da condição humana.

Antônio Cardini em momento algum se questiona sobre seu ponto de vista em relação à questão racial. Ao contrário, mostra-se avesso a qualquer tipo de indagação de fundo social. Uma passagem em especial confirma a suspeita de que, no universo onde o violinista

circulava, os negros eram pessoas cuja subserviência pertencia à categoria dos procedimentos de praxe:

Um casal de negros e quatro crianças espantadas vinham na sua direção, a menorzinha ainda de colo. *Dia!*, o homem cumprimentou, timidamente, tirando o chapéu, num misto de submissão e embaraço. *Bom dia!*, respondeu, dirigindo-lhes uma discreta e desconcertada mirada. Quando se encontravam longe, os miúdos, esquivos e retraídos, viravam-se com insistência, para trás, calados que nem meninos bobos, umbigos estufados, barrigas cheias de vermes, canelas finas de bambu brilhando. (CESÁRIO, 2004, p. 96)

O trecho acima explicita algumas das mazelas a influenciar as relações inter-raciais no Brasil. O primeiro aspecto diz respeito à linguagem, pois evidencia-se uma diferença em seus níveis ao efetuar-se a troca de cumprimentos. Até mesmo numa situação banal como esse encontro ao acaso fica o registro do domínio da norma culta pelo homem branco e a utilização de uma forma coloquial por parte do negro. O outro aspecto a incomodar espíritos mais inconformados são os termos derogatórios usados na descrição das crianças. Apreende-se que o estado de ser calado e desprovido de sagacidade é atributo natural aos pequeninos em questão. Além disso, o fato de eles serem desnutridos e infestados de parasitas não é motivo de nenhum espanto. O sofrimento do outro, quando este é diferente, passa despercebido.

A infância de Cardini é marcada por encontros traumáticos com pessoas de etnias minoritárias. Um deles ocorre numa passagem que, como tantas, exemplifica a intensidade do medo da personagem pelo diferente. Trata-se da chegada de um grupo de Folia de Reis ao sítio da família. Esse tipo de folguedo popular tem origens na Europa católica. Em 6 de janeiro, celebra-se o dia dos Reis Magos, Gaspar, Melchior e Baltazar. De acordo com a tradição cristã, teriam visto a estrela de Belém e partido ao encontro do menino Jesus recém nascido, levando-lhe presentes. No Brasil, principalmente no interior, pessoas se reúnem em grupos e vão de casa em casa cantando e tocando instrumentos musicais, vestindo uniformes e máscaras. Talvez devido ao fato de um dos reis ser negro, esse tipo de manifestação é — em

algumas regiões como a Zona da Mata mineira, espaço onde transcorre a infância da personagem — praticado de forma majoritária por afrodescendentes.

A visita de um grupo de Folia de Reis geralmente é motivo de excitação e curiosidade entre crianças. Para o pequeno Antônio, não. O menino sentiu-se ameaçado pela exótica aparência daquelas pessoas:

Antônio viu-se encurralado. A viagem interior. Ficou de guarda, entendendo, esforçando por decifrar. O que representava aquela visita? Que vicissitudes carregaria? A verdade é que não fazia a menor idéia do que representava aquela chegada, uma vibração estranha, meio socada. Fosse o que fosse, encontrava-se cheio de um imenso pavor. (CESÁRIO, 2004, p. 30)

O transcorrer da cena detalha mais as sensações da criança que a aparência dos visitantes. Acuado pela presença indesejada, o menino chega a conclusões reveladoras, pois acha que “eles, os adultos, claro deveriam estar também assustados, não podia ser diferente, aquele negro dando a sensação de ter tomado a casa” (CESÁRIO, 2004, p. 33). A caracterização da personalidade de Cardini vai se estruturando aos poucos. O autor, sutilmente, fornece elementos a compor uma figura complexa, uma personagem contraditória, de fácil identificação em alguns momentos e de atitudes recrimináveis em outros tantos.

eles eram muitos cavalos tem como personagem principal São Paulo. O que define uma cidade são seus habitantes e, no caso de uma cidade brasileira, estes são de todas as cores, de todas as raças. Pretos, mulatos, pardos, morenos e brancos das mais variadas tonalidades caracterizam essa metrópole multifacetada.

Cada capítulo nessa obra de Luiz Ruffato funciona como uma peça a compor um painel maior, diversificado, mas que, em conjunto, logra atingir uma unidade. Trata-se, como já foi explicado anteriormente, de um dia na maior capital do país. As diversas narrativas são independentes, não havendo continuidade entre elas. Constituem unidades dramáticas. O número de personagens é, em geral, reduzido, a proporcionar a visão de poucas facetas de suas personalidades. Há uma situação conflituosa a transcorrer e o narrador não oferece ao

leitor reflexões sobre essa ação dramática. A impressão que se instala ao final de cada capítulo é o elemento que fornece material para posteriores indagações.

Em “Fraldas”, título do capítulo 26, o leitor depara-se com as características listadas acima, com um diferencial somente: há dois protagonistas. O embate entre essas duas personagens, com seus desejos e necessidades conflitantes, dá o tom da história. Um único fator as liga, são homens negros. O que, à primeira vista, apontaria uma identificação entre eles é justamente o deflagrador da ação dramática: a cor da pele. Trata-se de uma passagem inquietante porque, ao frustrar expectativas, ao fugir do óbvio, esbarra em possibilidades desagradáveis, retratando o preconceito por uma ótica incômoda: um negro discriminando outro negro. Percebe-se um descompromisso com posições ideológicas pré-estabelecidas. O comprometimento do autor é com a criação de personagens capazes de atuar em situações que exponham o contraditório que há no ser humano.

Os traços distintivos das duas personagens são repetidos seguidamente em vários parágrafos — insistência proposital do narrador. A cena passa-se num supermercado. O choque entre os dois se dá logo nas primeiras linhas do texto:

O segurança, negro agigantado, impecável dentro do terno preto, abordou discretamente o negro franzino, ossudo, camisa de malha branca surrada e alça jeans imundo tênis de solado gasto que empurrava um carrinho-de-supermercado havia cerca de meia hora — cinco pacotes de fraldas, uma lada de leite-ninho. (RUFFATO, 2001, p. 54)

A narrativa encerra-se com a humilhação por que passa o homem menos afortunado, esperando para ser levado pela polícia. O crime cometido é possuir a aparência errada e dessa forma ter gerado a suspeita de que poderia tratar-se de um assaltante. O desconcertante nesse caso, é o fato de em nenhum momento o segurança haver levado em consideração que o dado a tê-lo feito identificar o outro como suspeito era a cor da pele. Ao subir na escala social, o negro em situação mais confortável passa a reforçar consciente ou inconscientemente um estado de coisas que poderia modificar-se através de posturas reflexivas e éticas.

Num país multirracial como o Brasil, a pele escura ainda é motivo de desconfiança. A expressão “boa aparência” é eufemismo para encobrir uma rejeição a traços africanos marcantes. Seguindo-se essa lógica perversa, chega-se à conclusão de que, quanto mais negra a pele, maiores os obstáculos a suplantarem e as injustiças a sofrerem. Esse é o drama do personagem “Crânio”, do capítulo 47: “Ele tem dezesseis anos quase um metro e setenta e cinco uns oitenta quilos é preto que nem a água preta que escorre no meio dos barracos” (RUFFATO, 2001, p.98). Tal descrição já faz prever o tipo de problemas que o jovem encontrará morando numa comunidade carente e violenta. Quebrando paradigmas falsos, ele surpreende os detentores de uma visão contaminada por estereótipos e revela-se uma pessoa sensível, interessada por literatura e avessa a qualquer tipo de violência. Isso de nada lhe valeu contra a truculência das instituições. Abaixo segue o trecho a narrar o sucedido ao adolescente:

outro dia o crânio foi barrado na boca da favela
os milicos estavam fazendo um comando
mandaram ele apresentar os documentos
cacete ele não tem carteira de trabalho nem RG nem CIC
a polícia mandou ele deitar no chão sujo
a cara encostada no riozinho de esgoto
colocaram algemas nos punhos e nos calcanhares dele
deixaram ele assim deitado humilhado a comunidade inteira revoltada
depois jogaram ele no camburão e sumiram
por essa são paulo tão comprida
encheram ele de porrada torturaram (RUFFATO, 2001, p. 102-103)

O narrador do episódio identifica-se como irmão da vítima e esboça, ao final do capítulo, os planos de vingança contra os perpetradores dessa covardia. A espiral de violência parece fadada a não ter fim. Os dois relatos criados por Luiz Ruffato não deixam espaço para visões maniqueístas de mundo. O mal não é apanágio exclusivo de um determinado tipo de pessoa, isso seria uma abordagem por demais simplista. Cabe a todos um trabalho de investigação interior e o esforço de identificar percepções de mundo inconscientemente introjetadas.

5.2 A marginalização da homossexualidade

Apesar da intensa luta pela obtenção de direitos à cidadania plena, os homossexuais brasileiros avançaram muito pouco nesse campo. Persiste um preconceito declarado contra essa minoria, mesmo que tenha havido um aumento de sua visibilidade. O ativista João Silvério Trevisan, autor de um importante tratado sobre a questão “gay” no Brasil, aponta que:

No Brasil, modernidade reduz-se facilmente à última moda. A onda de liberacionismo homossexual conheceu um processo semelhante. Se chegou ao Brasil com pelo menos uma década de atraso e tem se imposto — até certo ponto — pelo consumo, isso se deve em grande parte ao conservadorismo, insensibilidade e comodismo da elite cultural, que consome as modas para continuar vampirescamente reciclando-se no trono do saber, construído com esqueletos de tudo quanto são novas idéias abortadas. Essa é a sua maneira de não mudar nada: com barulho. (TREVISAN, 2002, p. 335)

As elites brasileiras apresentaram-se sempre extremamente refratárias a mudanças e, se algum avanço ocorreu em relação à aceitação da homossexualidade, este só existe enquanto o diferente é encarado como exótico e caricatural. Quando há a exigência do respeito à cidadania, ao direito de viver dignamente a diferença, a homofobia manifesta-se através de muralhas de justificações religiosas, biológicas e morais.

A figura do homossexual aparece de forma discreta nas obras analisadas neste estudo. Eles são ora motivo de comentários rápidos e impiedosos, ora aparições veladas, confirmando a impressão de que o medo da exposição é palpável.

O protagonista de *Alma de violino* é representado como um homem assexuado. Em toda a narrativa não há uma única menção a qualquer envolvimento sexual ou mesmo platônico da personagem. A aversão às mulheres poderia levantar a suspeita de uma tendência homossexual, que não é confirmada por nenhum tipo de acontecimento ou sugestão por parte do narrador. A sucessão de impressões e sentimentos transmitidos ao leitor só confirma o fato

de Cardini não considerar relevante esse aspecto em sua vida, ou senti-lo como tão apavorante que preferiu ignorá-lo, talvez recalá-lo sob um manto de rejeição a todo tipo de aproximação física. Uma única passagem da narrativa revela estar a personagem ciente da condição marginal daqueles que nutrem desejo por pessoas do mesmo sexo. Cardini incorpora o discurso recriminador da sociedade sem questioná-lo. Ao caminhar pelas ruas do centro do Rio de Janeiro, não consegue deixar de se incomodar com a presença de uma “assembleia de maricas” na Cinelândia. A visão do grupo provoca nele um sentimento desagradável, toda a região parece ser contaminada pela presença dessas figuras impuras. É um espaço sujo, barulhento, a recender odor desagradável.

A sexualidade do protagonista do romance de Fernando Cesário é um elemento que requereria uma investigação detalhada. Dificilmente poder-se-iam fazer afirmações taxativas sobre sua natureza. O que existe de definitivo é a representação de um homem de comportamento singular, percebido como diferente e estranho pela sociedade, por não enquadrar-se em qualquer tipo de classificação óbvia. Esta mesma figura, olhada com desconfiança por todos aqueles que ferozmente tenta manter à distância, carrega em si os preconceitos que recaem sobre os que não seguem a conduta preconizada pelo sistema vigente.

O escritor e jornalista João Silvério Trevisan, dentre várias denúncias, salienta as dificuldades enfrentadas por uma pessoa ao sentir o apelo da diferença em seu desejo, pois terá de suplantar séculos de repressão para conseguir vivenciar o prazer. Talvez os traumas provenientes de um posicionamento aberto façam com que alguns menos corajosos se escondam. O ativista dos direitos homossexuais defende que:

[...] enrustimento talvez resulte de um terror secular, já fincado em algo parecido com o inconsciente coletivo. Não seria absurdo imaginar que as inúmeras, reiteradas e violentas proibições à sexualidade desviante talvez tenham engastado no desejo homossexual um pânico arquetípico, quase no nível da pulsão. (TREVISAN, 2002, p. 163)

Esse ponto de vista é defensável quando se pensa em personagens como Renan do conto “Juízo final” em *Dezembro indigesto*. Embora, novamente, não haja nenhuma afirmação categórica acerca das preferências do rapaz, Ronaldo Cagiano elabora uma narrativa em que caracteriza Renan através das opiniões do jovem, de seus ressentimentos e sensibilidade. O cenário familiar é composto por pai fazendeiro descrito como ausente, autoritário e insensível. A mãe, superprotetora e invasiva.

Alguns indícios vão dando contorno à condição diferente do jovem, a sentir-se desconfortável no ambiente rural:

O velho Caldeira nunca deixara lhe faltar nada: estudou nos melhores colégios, freqüentou a alta sociedade de Vila Boa, carros para onde quisesse ir. A fazenda, definitivamente, já não era seu mundo, procurava outras fronteiras, pois aprendeu nos livros que além das porteiras da Cachoeirinha havia um mundo de *glamour*. (CAGIANO, 2002, p. 74)

Pouco afeito à rusticidade do campo, Renan sente-se oprimido pelas imposições paternas. Espera-se dele que tome conta de pastagens, gado e plantações. Considera tudo isso “de muito mau-gosto”.

A narrativa retrata um dia fatídico para a família do atormentado rapaz. A ação culmina com o recebimento da notícia da morte violenta do irmão e com Renan recorrendo, o que se presume ser uma atitude habitual, ao auxílio de tranquilizantes. O texto de Cagiano, conforme se depreende do que foi apontado, é sutil e jamais desvela de forma explícita o verdadeiro drama da personagem. Entretanto, os indícios são bastante incisivos, fornecendo pistas ao leitor, que, dessa forma, consegue elaborar um quadro a representar aquela triste situação.

Nesse ponto é interessante retomar o raciocínio de João Silvério Trevisan ao abordar o medo que acomete pessoas quando identificam em si um desejo desviante. Escondem-se atemorizadas ou buscam fugir para lugares onde possam desfrutar de liberdade. É o caso de Renan, que encara a fuga para São Paulo como um passo redentor. A personagem revela uma

estrutura psicológica bastante frágil, deixando, ao final do conto, uma impressão no leitor de ter aceito o papel de vítima numa trama em que se vê incapaz de interferir.

5.3 A ameaça cigana

Possuidores de uma herança cultural milenar e longe de formarem um grupo uniforme, os ciganos aparecem de maneira fortemente estereotipada em alguns dos textos estudados. De fato seria injusto acusar um deslize discriminatório por parte dos autores. Ocorre, ao contrário, uma denúncia de como esse grupo étnico é percebido preconceituosamente por muitas pessoas. As personagens de Cagiano e Cesário simplesmente refletem um sentimento arraigado em nossa população. Elas não se interessam pelas ricas tradições ciganas, costumes exuberantes ou histórias sofridas. Prevalece, sim, uma forte desconfiança em relação a esse povo. Recae sobre as mulheres dúvidas a respeito da conduta sexual e, quanto aos homens, eles passam por desonestos ou, pior, ladrões que devem ser mantidos a distância a todo custo.

Já foi abordado no capítulo anterior o descomunal pavor do protagonista de *Alma de violino* pelas “miradas oblíquas” lançadas pelas ciganas. Resta ser encontrada a explicação para medo tão intenso. Houve, na verdade, um acúmulo de estímulos negativos infundidos no imaginário do então menino, sobretudo através das informações passadas pelos familiares sobre o povo nômade, sem falar na sua natural aversão ao feminino. O trecho abaixo evidencia a visão preconceituosa do pai de Antônio:

Seu pai soberanizava que não se devia dar tudo o que pediam, pois assim prolongavam indefinidamente a estada. Tampouco negar sempre; conhecia histórias em que praticavam saques e pilhagens, para daí azularem-se no horizonte, eles que conheciam todos os horizontes da Terra. E depois tinham força, quando urubuzavam as coisas. Isto sim. Quando não filavam, afanavam. Quando não afanavam, despachavam para outro mundo tudo que tivesse vida, todo tipo de criação. (CESÁRIO, 2004, p. 28)

Credita-se aos ciganos poderes sobrenaturais o que justifica o irracional desejo de afastá-los. A demonização, a tentativa de transformar o outro em monstro, é uma maneira habitual de anular o que há nele de humano, possibilitando assim a prática de atitudes cruéis, sem o perigo de dramas de consciência.

Em *Dezembro indigesto* o estereótipo também predomina. No conto “Protuberâncias da solidão (Ruminações de alcova)”, a prostituta Rosalía é assassinada cruelmente numa noite tempestuosa. A população da cidade pequena — espaço ficcional onde entram em choque as ambições da personagem central e os códigos morais interioranos — sente necessidade de acreditar no passado exótico atribuído a ela; dessa forma, materializa-se um elemento a mais a justificar o distanciamento:

Dizia que seus antepassados tinham nome, posses, mandavam e desmandavam na Andaluzia, mas saíram do meio da grei, porque descumpriram um tal código de honra dos ciganos (e eles tinham isso como lei) e desce que chegou da Espanha, perambulou por Campinas, Maceió, nos arredores da Biquinha em Bom Despacho e Morrinhos. (CAGIANO, 2002, p. 226)

Demasiados estigmas concentrados em uma só figura: origem cigana, mulher e prostituta. Quando o bárbaro crime é cometido, a cidade não se surpreende. É como se a origem e o comportamento de Rosalía fossem motivo justo a explicar a atitude violenta do assassino. Desde a chegada ao lugar se estabelece uma separação entre a personagem central e as demais. A trajetória da cigana neste conto é mais um exemplo da dificuldade em aceitar-se o diferente, de forma mais específica, quando este deflagra um movimento questionador. As atitudes libertárias de Rosalía involuntariamente revelam às outras personagens estarem elas aprisionadas a convenções a impedi-las de realizar seus desejos. Uma presença como essa era por demais inconveniente, não constituindo uma surpresa o destino que lhe foi reservado.

Os contos de Ronaldo Cagiano, povoados por personagens caracterizadas pelo dilaceramento e por estarem em conflito constante, também são ricos em momentos em que se concretizam posturas agressivas face à ameaça do diferente. Os ciganos oferecem uma ótima

oportunidade para representar situações em que esse tipo de reação vem à tona.

Em. “Legião estranha”, texto já abordado em outro momento e repleto de imagens que, de tão misteriosas, chegam a evocar um certo tom de misticismo, um grupo de andrajosos nômades chega a um vilarejo causando desconfiança. Eram na verdade fugitivos, que acabaram levados a abandonar o lugar sob pena de serem capturados por um inimigo implacável. Dentre as queixas murmuradas pelos habitantes da terra, estava a possibilidade de eles serem ciganos. O narrador coloca-se como testemunha do ocorrido e assume o discurso das outras personagens, cujas intervenções deixam explícitas as reservas em relação à presença dos ciganos. Pessoas simples de interior não têm pudores ao revelar opiniões politicamente incorretas. Exemplo bem claro disso é a personagem Galdino, de costumes simples e fala direta:

Galdino pitava um fumo forte, daqueles que só o Candinho da Doda sabia enrolar. Retireiro sempre assustado até com coisa sem valia, ali ele estranhou de vez e segredou qualquer coisa com a patroa, que terminava de embrulhar uns mantimentos na vendinha do Caboré.

— *Esses aí não tão cheirando boa coisa mulher. Parece ciganada sorrateira, que só vem trazer desavença, sumiço de animal, cobiça de moça nova*, disse aquele um depois de uma boa dose de pinga envelhecida. (CAGIANO, 2004, p. 83)

Diversas observações do narrador retratam o mal-estar com a invasão inesperada. É importante frisar que uma das surpresas apresentadas no relato reside no fato de não serem aqueles fugitivos um agrupamento cigano. A percepção de perigo levantada por eles levou os habitantes do vilarejo a fazerem suposição enganosa. No entanto, a suspeita errônea serve como um dado irrefutável para exemplificar a má fama desfrutada pelos ciganos.

Em nenhum dos textos estudados houve reações positivas com a visão dessas pessoas. As roupas coloridas, a música de sonoridade marcante e a maneira particular de encarar a vida não parecem compensar o medo que incutem.

5.4 Loucos, perturbadores e mal compreendidos

Uma sociedade tão ciosa da normalidade, avessa ao diferente, ao estranho e a elementos que representem potencial ameaça à estabilidade do sistema, encara qualquer sinal

de perturbação mental ou comportamento desviante como mal a ser alijado. Algumas das personagens criadas por Ronaldo Cagiano e Fernando Cesário encarnam o drama de tantas pessoas de carne e osso sofrendo com a incompreensão e o esquecimento por parte dos outros e que vão paulatinamente tornando-se invisíveis a olhos que teimam em desviar-se de todo acontecimento causador de incômodo.

A narrativa de *Alma de violino* apresenta de modo passageiro algumas personagens vizinhas às terras onde morava a família Cardini. São retratadas como pessoas simples, desprovidas de cultura ou informações a lhes permitir uma visão mais abrangente de mundo. A ignorância, por vezes, provoca sofrimentos desnecessários. Há uma personagem no romance de Fernando Cesário cuja caracterização de tão incomum chega a remeter o leitor ao realismo fantástico. Acometida de uma moléstia de ordem genética a impedi-la de transpirar, enlouquece por não conseguir quem a auxilie em sua miséria. Começa por passar os dias imersa até os ombros em um poço perto de casa. Ensandecida por uma cefaléia insuportável, bate a cabeça contra uma tora de madeira ante o olhar estarecido dos vizinhos. Salta aos olhos a atitude passiva das outras personagens, que, assustadas, talvez com a possibilidade de que uma aproximação pudesse contaminá-las, observam impassíveis o processo de destruição do homem:

Armava esteira de taboa, no meio da estrada, e ficava estirado nela, durante as noites, e o povo com medo de passar. Até que adveio-lhe desusada dor na moleira, que o compelia, vezes sem conta, a marretar o coco de encontro ao batente rústico de eucalipto, as pessoas abismadas, abismadas, assistindo àquilo, sem terem nem mesmo o que fazer. (CESÁRIO, 2004, p. 98)

O destino de Arcísio, era esse o nome do atormentado homem, é a loucura total. Afastado do convívio humano, a personagem se animaliza perante os olhos do restante das pessoas, adotando uma postura agressiva bastante conveniente para justificar a distância que todos dela mantinham: “Nos derradeiros dias, encorado noite e dia, e no mais completo desatino, barbudo, cabeludo e aceso feito o mais arisco dos roedores, passou a afrontar os que se aproximavam, como se tivesse mesmo se convertido na criatura.” (CESÁRIO, 2004, p.98)

Ronaldo Cagiano também cria personagens que convivem com as mazelas advindas da insanidade mental. Além dessas, surgem outras cujos atos parecem inexplicáveis à primeira vista, e, por isso, são também classificadas como loucas. A uni-las solidão e

desamparo, reflexo, no mundo ficcional, da rotina de exclusão vivida por pessoas afligidas por perturbações mentais.

“O profeta” retrata uma personagem esquizofrênica em avançado estado de demência a perambular pelas ruas de Cataguases, anunciando o fim do mundo:

E em sua lucidez manietada pelas incontáveis drágeas que trazia nos bolsos de uma calça sempre preta — vivia sob o influxo de psicotrópicos que um dia, na infância remota, lhe receitara um psiquiatra de Barbacena —, ele não cansava de repetir que o mundo acabaria no ano dois mil. Fizesse sol ou chuva, ele ia para a Praça Rio Barbosa e ficava ali em frente ao Cine Edgard e despejava sua tempestade apocalíptica, num discurso quase sem fim, quilométrico, apenas uma pausa na ladainha, como uma fermata. (CAGIANO, 2002, p. 197)

A narrativa, rica em detalhes, informa ao leitor o que vai no pensamento de uma pessoa atormentada por alucinações e fantasias. O discurso revela ter o esquizofrênico pontos de contato com a realidade, mas que são quebrados por momentos de delírio, quando penetra então num universo particular. O profeta das ruas dessa Cataguases também distanciada daquela real reúne uma série de sintomas de outras síndromes. Tem memória prodigiosa, capaz de reter o número de todos os telefones da cidade. Além disso, é acometido de estranha fobia a impedi-lo de cruzar certas fronteiras geográficas bastante definidas.

Vários são os sinais da enfermidade que acomete a personagem central do conto, entretanto um outro diagnóstico pode ser feito ao analisarem-se aqueles que circulam no mesmo espaço que o do profeta: a patológica atitude de indivíduos aproveitando-se da fragilidade alheia para impingir maior sofrimento a quem tanto já tem a lamentar. O texto de Ronaldo Cagiano não poupa aquelas pessoas cujo sadismo, atrelado à certeza de impunidade, torna a vida de seres como o profeta um fardo quase insuportável. Uma das maneiras de provocar reações violentas na atormentada criatura era justamente chamá-lo de profeta. Segue-se a narração das consequências da chacota:

era como desferir-lhe o golpe fatal, tornava-se iracundo, nauseava-se, mordida os dedos, e numa seqüência espasmódica e nevrálgica de surtos, repetições e

sincronizada esquizofrenia, *o original nunca se desoriginaliza*, endireitava as meias, cuspiu de lado, bordeava sinais desconexos no ar, rodava em círculos e dava um último galope até o banco que circundava a árvore mais antiga da praça. (CAGIANO, 2002, p. 198-199)

Longos e dolorosos rituais prolongavam-se quando o homem era importunado por pura crueldade. É necessário ressaltar não haver viés didático na narrativa, apenas apreende-se o fato de a insensatez causar menos incômodo que a reação a ela. O conto termina com a personagem, sob o olhar indiferente de muitos, retirando-se do espaço onde permanece durante o dia e tomando um destino qualquer, para no dia seguinte retomar sua trajetória de solidão e insanidade.

Outra personagem de Cagiano que suscita considerações sobre a loucura é a velha Bratislava de “Pavlov”. Criatura atormentada por um sofrido exílio em terras brasileiras, vivia isolada em uma casa, a entabular monólogos misteriosos, intrigando vizinhos que ela fazia questão de manter a distância.

Dados oferecidos pelo narrador permitem ao leitor inferir que a trajetória de sofrimentos da personagem, fugitiva dos horrores do stalinismo e das adversidades vividas tanto em terras europeias quanto brasileiras, afetou-lhe a saúde psíquica. Ao rejeitar qualquer contato humano e isolada em cárcere autoimposto, escolhe o cão Pavlov como interlocutor de seus desvarios. Personagens aparecem de forma breve com o único intuito de fornecer, através de suas experiências, mais informações sobre o comportamento irascível de dona Bratislava. Alguns mais propensos a explicações místicas levantam a hipótese de possessão demoníaca quando a infeliz senhora, por motivos ignorados, passa horas a gritar ensandecidamente com o animal de estimação, cuja resposta são latidos desesperados e desesperadores. Após dias de silêncio a casa da mulher é invadida pela polícia e o cadáver é encontrado junto ao do animal.

Personagens como dona Bratislava trazem à tona indagações sobre os limites da sanidade. Aprisionada por velhos fantasmas, mergulhou em dilaceramento agudo, do qual a única possibilidade de fuga concretizou-se num delírio furioso cujas vítimas foram ela própria

e o animal que criava.

5.5 Convertidos, mas não necessariamente fundamentalistas

O Brasil assistiu, nas últimas décadas, a um espetacular crescimento do número de adeptos de religiões pentecostais. Esse ramo do protestantismo floresceu e espalhou igrejas pelo país afora.

Em 1980, os católicos representavam 89,2% da população. No ano 2000, quando foi realizado o último censo do IBGE, apenas 73,8% dos brasileiros se declararam fiéis ao catolicismo. Já o percentual de evangélicos aumentou de 6,7% da população, em 1980, para 15,4%, em 2000.

Tal parcela da população é vista com reservas por algumas pessoas, pois associam a esses cultos evangélicos uma leitura fundamentalista dos textos bíblicos. Zygmunt Bauman afirma ser a afiliação a denominações religiosas rígidas uma tendência mundial e facilmente explicável:

Para a mente sensata, a atual ascensão espetacular dos fundamentalismos não guarda mistério. Está longe de ser intrigante ou inesperada. Feridos pela experiência do abandono, homens e mulheres desta nossa época suspeita ser peões no jogo de alguém, desprotegidos dos movimentos feitos pelos grandes jogadores e facilmente renegados e destinados à pilha de lixo quando estes acharem que eles não dão mais lucro.(...) Não surpreende que para muitas pessoas a promessa fundamentalista de “Renascer” num novo lar cordial e seguro, do tipo familiar, seja uma tenção à qual é difícil de resistir. (BAUMAN, 2005, p. 53)

Seria insensato e pouco produtivo para os fins aos quais se destina este estudo tentar levar a cabo uma análise sobre as motivações que conduzem as pessoas a novas experiências religiosas. Tampouco cabe aqui entrar na discussão de serem as religiões evangélicas fundamentalistas ou não. É, sim, de interesse literário pesquisar como personagens que seguem essa vertente cristã minoritária são abordadas nas obras dos autores mineiros.

O protagonista de *Alma de violino*, perdido entre lembranças do passado e questões existenciais, pouco se atém àquilo que não o afeta diretamente. Ao recordar os tempos de violinista no Rio de Janeiro a memória, no entanto, registra a incômoda invasão de pastores em seu percurso diário entre a casa e o trabalho.

Dois contos de *Dezembro indigesto* trazem personagens estruturados com base na crença religiosa. Em “Pavlov” encontra-se Joanyr de Oliveira, pastor evangélico, que aparece na narrativa como elemento a auxiliar a caracterização do comportamento da protagonista. É descrito de maneira sucinta e direta:

[...] um homem probo que sabia de exorcismos, de palavras santas, de quebra de maldições, de recuperação de almas, de tudo o mais que o reino de Deus tinha para os homens que queriam se salvar, por isso o pastor de ovelhas não tirava os olhos daquela mulher toda vez que passava em direção à sua igreja, pois sabia em que freguesia o diabo baixava e na oportunidade que o Senhor lhe reservasse o expulsaria sem muito dó, com a autoridade irrevogável dos ungidos. (CAGIANO, 2002, p.116)

Geralmente poucas são as personagens a intervir em um conto. Isso, é óbvio, decorre das características desse tipo de narrativa: as unidades de ação, tempo, lugar e tom. Nos textos de Cagiano há geralmente um único protagonista, ou, em casos menos freqüentes, duas personagens a monopolizar a ação. As outras aparecem somente de passagem, como paisagem humana. Este é o caso do pastor mencionado acima e de outra personagem evangélica do conto “Desencontros, desencantos: exício”. Trata-se da mãe da protagonista, mulher simples, de vida marcada pela pobreza e por grandes tragédias. Oferece-se ao leitor essa faceta de seu caráter. Vendo-se sozinha e desamparada, encontra consolo na fé, como demonstram suas próprias palavras:

[...] pois é minha filha, eu passei muito aperto nesses anos todos depois da morte do seu pai, o dinheiro que você mandava era a conta de pagar o aluguel e comprar o remédio pra pressão, depois as costuras foram diminuindo, a aposentadoria do Funrural não dá pra nada, Deus é que é minha valia, não fosse o Espírito Santo, as irmãs da igreja, suas irmãs não querem saber da gente, você sabe, Deus abençoa as que estão bem casadas, mas cada qual na sua lida, depois que seu irmão se enforcou

lá na mata do Marote, eu não sou mais a mesma, Deus há de perdoar a Solange por ter feito meu filho sofrer tanto pra ter que morrer, mas essa dor não passa nunca, minha filha, eu sei o que são noites sem dormir, a valença é o evangelho que me socorre de tudo... (CAGIANO, 2002, p. 283)

Por terem função subalterna no desenvolvimento das narrativas em que são retratadas, as personagens evangélicas descritas por Cagiano são bastante simplificadas, não se conseguindo enxergar nelas outros traços definidores de suas personalidades. A religiosidade ou os motivos que as levaram a esse caminho são as características mais marcantes.

eles eram muitos cavalos descortina ao leitor uma perspectiva de maior abrangência a respeito da força da religiosidade como determinadora das ações levadas a cabo pelas personagens adeptas de cultos pentecostais. Entretanto, ao acrescentar outras características, o autor enriquece-as forjando uma possível cumplicidade entre elas e o leitor.

O capítulo 27, intitulado “O evangelista” retrata um momento significativo na vida de um pregador principiante. A narrativa inicia-se com a descrição do homem e do espaço para onde se dirige a fim de conquistar novos adeptos:

Pardo, idade indefinida (um marco qualquer entre os vinte e os trinta anos), traja um terno azul-celeste, calça larga paletó comprido, camisa creme, gravata amarela salpicada de minúsculos peixinhos coloridos, o olhar simples dos que carregam nos bolsos, verdades como balas. Na esquina, engraxates da Rua Barão de Paranapiacaba, bateia o local revelado em sonho. A seus olhos, caótica, A Praça da Sé espicha-se, indolente. (RUFFATO, 2001, p. 56)

A história pessoal da personagem é relatada através da pregação. Utiliza o passado repleto de crimes, marcado pelas drogas e devassidão para convencer os transeuntes das benesses de uma vida calcada na obediência aos preceitos cristãos. O texto intercala as palavras da personagem com as observações de um narrador que descreve impiedosamente as reações adversas dos pedestres e detalha todas as sensações de desconforto psíquico e físico sofridas pelo novo pastor. Lançando mão dessa estratégia, Luiz Ruffato cria a já sugerida empatia do leitor para com a personagem. Aquele reconhece nesta não só o homem recém-

convertido, religioso receptáculo de toda uma gama de estereótipos, mas um ser atormentado por questões comuns a todos. No caso do pregador, o sentimento que o dilacera é o medo. Há o temor exacerbado de não ser capaz de levar a cabo a missão autoimposta. Com o passar do tempo as palavras escasseiam e o pânico cobra seu preço. O homem fraqueja e deixa o improvisado púlpito com sensação de fracasso.

Em outro capítulo do livro, a abordagem do tema da religiosidade evangélica é feita de maneira bastante distinta. Retrata-se a vida de uma humilde família da periferia de São Paulo. Aqui, entretanto, não há violência, problemas relacionados ao álcool ou às drogas. O casal e a filha única levam uma existência simples, sem grandes confortos, mas há uma forte ternura a permear suas relações. Os pais consideram-se abençoados, pois superaram problemas para chegar a uma desejada gravidez. Atribuem à religião a graça alcançada. Nesse contexto, a religião tem importância fundamental, e é relevante ressaltar que não há em momento algum crítica à opção das personagens por adotarem tal estilo de vida. O trecho abaixo demonstra isso:

O pai, emenda dias sem vê-lo. Técnico de aparelho de ar-condicionado, não tem hora para largar. A menina sabe, no entanto, que, no negror do quarto, ele aproxima os lábios de seu rosto, ajeita o cobertor, suspira. Aos domingos, fulgurante em seu melhor terno, a mãe enfeitada com seu mais caprichado coque, encaminham-se para o culto da igreja Deus é Amor, onde, junto a outras crianças, a menina especula sobre outras manhãs sepultadas na História Sagrada. (RUFFATO, 2002, p. 78)

Sem dúvida, o fato de seguirem um determinado tipo de religião marca definitivamente a caracterização das três personagens do texto. Novamente, entretanto, outras facetas são apresentadas. A dedicação do pai da menina, o esforço e o desejo do casal em ter filhos e a inocência da criança, que, apesar de ser igual a tantas outras, percebe viver num ambiente feliz.

5.6 Profissão antiga

As prostitutas constituem um grupo a ser analisado em separado nas obras de Cagiano e Ruffato. O tipo de atividade exercida, a presença incômoda, mas nunca dispensada, as agruras comuns ao ofício são elementos a justificar a necessidade de se fazer tal separação entre elas e o restante das mulheres.

No livro de Ronaldo Cagiano algo bastante interessante acontece. Há somente um conto em que a personagem central é uma prostituta. Trata-se de Rosalía, a cigana já descrita neste capítulo. Uma outra aparece em “Legião estranha”, mas de maneira bastante sumária e sem desempenhar nenhum papel significativo na história.

O que chama a atenção em *Dezembro indigesto* é o fato de a sexualidade feminina quando vivida livremente ser associada à prostituição. Esse tipo de relação entre liberdade sexual e venda do corpo é recorrente. Outro dado a ser levado em conta é o espaço onde circulam as personagens femininas consideradas prostitutas simplesmente por terem relações sem serem casadas. As pequenas cidades de interior com regras morais rígidas e opressoras, a colocar o fardo mais pesado sobre ombros femininos, são retratadas com fidelidade e o autor aproveita-se delas para recriar em algumas personagens certas perversidades que poderiam passar despercebidas em outras circunstâncias. A mãe de Fany, em “Quase esboço de um conto inacabado”, ao saber que a filha havia sido deflorada sem possibilidade de o mal ser reparado através de um casamento feito às pressas, como o seu havia sido realizado, enxerga a prostituição como saída e castigo para a ousadia da moça:

Era a filha a excomungada. Pensou até em mandá-la para a Ilha, para a Casa Branca, onde só iam os homens ricos, ou para a Casa Rosa, bordel mais modesto na beirada da rodovia que leva para Itamarati, ou quem sabe, virar um das meninas da Mariana, lá no Quem-me-quer, fazer amor por dinheiro. (CAGIANO, 2002, p. 193)

Se a penalidade imposta a mulheres ousadas é a prostituição, um caminho, acredita-se, de sofrimento e amargura, uma possível felicidade é inconcebível e inaceitável. O preço pago é alto: a perda da própria vida. Este destino teve a cigana Rosalía, prostituta assumida e

que não tinha por hábito deixar-se humilhar. A morte, a grande penalidade, é vista no máximo como um triste destino para o livre exercício da sexualidade feminina. Corrobora essa percepção o desfecho trágico de outra personagem, Ritinha, do conto “Traição”. Não foi fiel ao marido e acabou assassinada por ele.

Numa megalópole, como a São Paulo de *eles eram muitos cavalos*, a prostituição encontra maior campo para proliferar. Nas passagens do romance em que o assunto é abordado, as agruras vividas por aqueles que, conscientemente ou não, trilham esse caminho aparecem esmiuçadas.

O capítulo 29 surpreende o leitor com o rumo inesperado tomado pela narrativa, que se inicia com o desvelar das lembranças recentes de uma criança de rua. As dificuldades enfrentadas são descritas: o frio, a polícia violenta, a ameaça dos marginais de classes privilegiadas a dar vazão à falta de limites morais e éticos em atos covardes contra quem não tem como se defender. A situação em que o menino se encontra no momento do desenrolar da ação é bastante diferente. Não existe o desconforto da rua, a fome não o atormenta, nem o frio. Outra violência, entretanto, está sendo cometida contra ele, sem que a criança se dê conta da real situação. Ele fora acolhido por um pedófilo, que, em troca de sexo, oferecia certas regalias, exceto a liberdade de abandonar o local onde instalara a criança e que funcionava como ponto de encontro para pessoas também envolvidas em orgias com menores de idade. O garoto, cujo nome não é referido, ignora estar sendo explorado. Percebe, sem que isso lhe cause incômodo, o tipo de troca estabelecido entre ele e o adulto: abrigo e alimentação por favores sexuais. Pedofilia e exploração infantil são, certamente, conceitos que desconhece, mas que vive empiricamente.

Um tipo de prostituição mais convencional é recriado no capítulo 58, cujo título é “Malabares”. A personagem principal do quadro narrado é uma prostituta que se encontra num momento bastante delicado, em que, obrigada a se sujeitar aos instintos animais de um grupo de homens, faz um *flashback*, refugiando-se numa recordação agradável para poder

suportar a dor e as ordens degradantes a que deve obedecer sob pena de ser espancada. As memórias da profissional do sexo revelam-lhe os pensamentos mais íntimos. Merece menção o fato de que, em consonância com o ritmo dos eventos, até mesmo os instantes de evasão da prostituta são bastante rápidos. Um leitor com visão preconcebida seria surpreendido pela simplicidade e singeleza dos desejos da mulher. Curiosamente, a virilidade dos inúmeros parceiros ou desempenhos atléticos não deixaram boas lembranças. Um cliente sensível e gentil que a levou a um restaurante sofisticado e pediu-lhe que o tratasse como se ele fosse a pessoa mais importante de sua vida é a imagem que lhe vem à mente nos maus momentos. Apega-se a essa fugaz recordação para reafirmar-se como ser humano, digna do direito de ser respeitada e poder sonhar.

O capítulo, narrado em primeira pessoa, iniciado de maneira bastante suave, com os agradáveis pensamentos suscitados pela memória da prostituta, termina de maneira chocante, explicitando a revolta e impotência da personagem diante da brutalidade:

E sempre que coisas ruins me acontecem, quando me sacaneiam, como agora, por exemplo, que este filho-da-puta me trouxe pra um motel e quer porque quer que eu dê pra ele e pros dois amigos e uma vez só, pinto na boca, pinto na buceta, pinto no cu, pensam que sou, meu deus, o quê?, se eu não fizer o que eles mandam vão me encher de porrada, já estão doidos, cheiraram cocaína e beberam uísque, o sacana me deu um tapa na cara, cortou meu lábio, agora não vai ter mais jeito, vão me currar, e sempre que acontece uma coisa ruim assim eu me lembro daquele dia, o Shopping Iguatemi, o bufê em Moema, aquele restaurante na Rua Oscar Freire, onde provavelmente esses putos nunca entraram, nunca entraram nem nunca vão entrar, nunca vão entrar... (RUFFATO, 2001, p. 123)

Dentro dessa galeria de personagens excluídos, marginalizados, cuja humanidade é diminuída por circunstâncias variadas, a figura da prostituta se sobressai. É a parte mais frágil, talvez por estar na sombra e sentir-se incapaz e também desautorizada a exigir os direitos. Em um mundo regido pela lógica da exclusão, quem não tem voz não tem vez.

6 ESPAÇO URBANO: CENÁRIO E PERSONAGEM

O espaço onde se desenrola a ação nos textos estudados é predominantemente urbano. Alguns dos conflitos imaginados pelos autores mineiros são retratados em ambientes rurais, mas estão em franca minoria, prevalecendo sempre a opção pelas cidades como o cenário mais adequado para representar os dramas do homem pós-moderno.

O filósofo e historiador alemão Georg Simmel (1987) esboçou, na passagem do século XIX para o XX, a essência do que seriam as cidades contemporâneas. Elas criariam as condições a possibilitar a intensificação da vida nervosa e mental de seus habitantes, diferenciando-os das pessoas que moram no campo. As grandes metrópoles seriam o lugar onde as coisas são comercializáveis e tudo pode ser comprado, inclusive o amor. Dessa maneira, entre os cidadãos, materializar-se-ia um forte desinteresse pelo que os circundasse, a distância pessoal tornar-se-ia exacerbada e uma das conquistas mais almejadas passaria a ser o anonimato. Nas multidões da grande cidade todos são estrangeiros, estranhos ou desconhecidos. As outras pessoas perdem a relevância, deixam de interessar. Assim não é de surpreender a invisibilidade dos excluídos a perambular pelas ruas tanto de Nova Iorque quanto de São Paulo. Os centros urbanos reúnem as condições para serem sedes do cosmopolitismo, lugares da mais alta divisão econômica e social do trabalho. Ali reinam despoticamente a competência e a especialização, e quem não se enquadra nessa lógica vê-se ameaçado pela exclusão.

Dentre todas as características apontadas por Simmel, uma merece especial destaque como subsídio para compreensão das idéias expostas neste capítulo. Tendo em vista as opiniões resumidas no parágrafo anterior, o pensador alemão vê as metrópoles como um novo valor na história mundial do espírito, pois transformam-se na manifestação visível, no rosto, no lado explícito da vida mental da sociedade, que confere às cidades feições próprias. Como exemplos podem-se citar os arranha-céus de Nova Iorque ou as avenidas marginais de São

Paulo. O aglomerado urbano tem formação histórica própria e cada um possui sua individualidade.

Nas obras estudadas neste trabalho, três cidades aparecem em destaque: São Paulo, Brasília e Cataguases. É interessante perceber que grande parte daquilo que foi apontado pelo filósofo alemão pode ser identificado nos espaços ficcionais recriados pelos autores mineiros em seus textos aqui discutidos. Cada uma das cidades retratadas, guardando a ressalva de serem apropriações feitas pelos ficcionistas das cidades reais, possui qualidades distintas, e as impõe, definindo e direcionando o rumo dos eventos narrados.

O pensamento de outro alemão, o sociólogo Max Weber (1987), será de grande auxílio no entendimento das características especiais a diferenciar as cidades como aparecem nas obras de Cagliano, Cesário e Ruffato. Weber sistematizou uma tipologia até hoje bastante difundida. Classificou os centros urbanos em quatro tipos: a cidade do príncipe (cuja função principal é ser a sede do governo), a do consumo (cidade consumidora, sem produção expressiva, repleta de aposentados ou estudantes), a produtora (essencialmente industrial, pólo manufatureiro) e a comercial (exportadora ou portuária, abrigando o mercado). É óbvio que há os tipos mistos, a acumular funções, ou que as perdem, ficando assim com sua vocação ameaçada.

As conclusões a que chega o professor Renato Cordeiro Gomes em *Todas as cidades: a cidade* aliam-se às idéias expostas acima para esclarecer de modo mais eficiente o papel desempenhado pelo espaço nos textos estudados. Ele confirma a convicção de as metrópoles capitalistas produzirem um estilo de vida angustiante, a violentar diuturnamente seus habitantes. Tal lugar torna-se estímulo inegável para a modernidade e movimentos vanguardistas que encontram lá o fórum perfeito para criar e confrontar propostas. É nas grandes cidades que o desenvolvimento do sistema capitalista, da Revolução Industrial e suas respectivas consequências são percebidos mais intensamente.

Na metrópole o sujeito fragmenta-se no embate contínuo com a realidade

transformada de modo ininterrupto pelo progresso. A luta do homem moderno para adaptar-se aos desafios impostos pelo ambiente molda sua identidade. O ser humano e o espaço onde circula confundem-se, pois se o traço fundamental do homem urbano define-se em termos de um eu fragmentado, como afirma Georg Simmel, a *polis* pós-moderna, como aponta Renato Cordeiro Gomes, também não pode ser compreendida de forma globalizante ou totalizadora. Ela também sofreu processo de fragmentação tanto em sua realidade histórica quanto em desenho urbano, tornados indecifráveis pelas superposições sucessivas causadas pela irrefreável fúria demolidora do capital.

Ainda fazendo uso do pensamento do autor de *Todas as cidades: a cidade*, não há de causar espécie falar de uma aproximação entre os conceitos de espaço e personagem, ao menos metaforicamente:

A correspondência entre corpo individual e corpo urbano é estabelecida por metáforas que permanecem ao longo da história do urbanismo — sustenta Anne Coquelin. Membros, circulação, artérias, sangue, coração e ventre constituem imagens, correntemente empregadas para qualificar partes ou o todo da cidade. (GOMES, 1994, p. 77)

O espaço urbano adquire em diversas narrativas ficcionais, dimensões humanas; a metrópole passa a ter alma, atribuem-se a ela humores, traços como frieza, perversão, fraternidade ou sensualidade. Em um dos contos de *Romance negro e outras histórias* de Rubem Fonseca, que se passa no Rio de Janeiro, a personagem Augusto tem relação incomum com a capital fluminense. Renato Cordeiro Gomes analisa o modo como o homem percebe a cidade:

Por este viés ele prefere o corpo da cidade ao corpo das prostitutas, que vão sendo substituídas indefinidamente e que o mutilam. A cidade vazia e nua o completa. Ele preenche e completa a cidade, penetra no seu centro; e mais: no centro do centro, metaforicamente simbolizado na gruta da visita noturna ao Campo de Santana. (GOMES, 1994, p. 154)

Tendo como subsídio o raciocínio desenvolvido, pode-se acreditar na hipótese de que, em vários textos ficcionais, o espaço tem um papel que extrapola a função de mero

cenário. Através das obras discutidas neste estudo, vê-se que as cidades podem funcionar como simples pano de fundo, alheias às tramas que nelas se desenrolam, ou participar de forma mais ativa, já que recriadas como tendo alma e personalidade próprias.

6.1 Um violinista que não ouve a música das ruas

Alma de violino, como foi observado, é romance que retrata um homem na velhice, mergulhado em sofridas memórias e desconectado do mundo que o cerca, incapaz de estabelecer laços afetivos com pessoas nem tampouco com a geografia que o circunda. Após abandonar o sítio onde nasceu e foi criado, lugar de onde guarda memórias afetuosas e com o qual mantém, mesmo que a contragosto, profunda ligação, a personagem segue uma trajetória de total desligamento em relação a tudo que não diga respeito à própria existência solitária. Tendo optado pela profissão de músico, passou a viver na cidade do Rio de Janeiro. A exuberante paisagem da cidade não exerce sobre Antônio Cardini grande fascínio. A mística que envolve a antiga capital brasileira, a celebrada alegria de suas ruas, seu povo hospitaleiro, a luminosidade, tudo isso não é suficiente para tirar o músico do isolamento quase absoluto. Embora a vida agitada do grande centro não lhe fosse hostil, não se rendia a ela:

A efervescência da metrópole não lhe desagradava, quando mais moço, conduções abarrotadas até os Arcos da Lapa, madornando no trajeto, entorpecido pelo ramerrão dos rancos dos motores, pesado de moleza cabeceando. Desdenhando a vista da Baía de Guanabara, a enseada de Botafogo — arquipélago de barquinhos azuis e metálicos e de fibras fundeados, escunas e veleiros —, o Pão-de-Açúcar, o Aterro do Flamengo, a Marina da Glória, o mormaço e a vertigem da cidade cheia, as manhãs quentes de verão. (CESÁRIO, 2004, p. 89)

De fato, a Cidade Maravilhosa desempenha simplesmente a função de local destinado à personagem para fazer carreira. Estivesse Cardini em São Paulo, Belo Horizonte ou Tóquio levaria a vida da mesma forma. A paisagem urbana seria simplesmente isto, paisagem.

A narrativa do romance de Fernando Cesário percorre a trajetória do protagonista em três eixos temporais: a infância, passada no campo; a vida adulta, no Rio; e a velhice precoce em Cataguases. Esta última fase coincide com o período de maior angústia de Cardini: o momento presente é dilacerante, e ele devota suas energias a lembrar tempos idos. Nos intervalos, se aborrece ou se distrai com as decorrências do fato de estar em uma cidade de interior.

A maneira de a personagem engendrada por Fernando Cesário relacionar-se com a localidade mineira assemelha-se à sua atitude para com a metrópole dos cariocas. O distanciamento, a recusa a qualquer tipo de integração são pressupostos estabelecidos por Cardini, e jamais questionados. A incomum paisagem cataguasense, cidade industrial de arquitetura modernista requintada, serve no máximo como refrigério salutarmente intercalado entre tantas recordações dolorosas e pensamentos angustiantes. O aposentado vê as pessoas cruzando as pontes sobre o rio lamacento que divide o centro do lugar, passeia pelas ruas arborizadas e observa as praças no silêncio da noite. Entretanto, não se deixa afetar pelo que Cataguases possui de especial. O espaço em que se encontra é um cenário onde ele transita a travar batalhas viscerais contra a solidão, o medo, e incômodas memórias. Vale aqui ressaltar as soberbas descrições da cidadezinha. Vê-se então o talento do autor no trato com as palavras, uma preocupação consciente que perpassa toda sua obra (ver anexo 1).

Quando a narrativa se detém na infância de Antônio Cardini, percebe-se que a paisagem rural exercia maior influência no ânimo da personagem. Depreende-se desses momentos a existência de uma abertura para o mundo, que foi interrompida com a saída indesejada do ambiente familiar. O parágrafo transcrito deixa transparecer a força de certas memórias na caracterização do perfil psicológico de Cardini:

Os dois montes defronte à sede ainda moram nele, os cumes arredondados feito calota, distinto dos picos agulhados da cadeia de montanhas: Monte redondo. Era a sua primeira visão, a primeira reminiscência, que persistia sob a forma de encanto, de ausência, e que lhe surgia ora como uma lucilação, ora como uma

fosforescência, e que muitos e muitos invernos não lhe fizeram desfalcar suas pegadas. (CESÁRIO, 2004, p. 42)

O verbo morar, aparecendo na primeira oração do período inicial do trecho citado, comprova o papel determinante da natureza para o então menino. Pode-se sugerir uma quase personificação dos dois montes, pois eles moram na personagem, provocam encantamento e, mesmo quando ausentes, fazem sentir suas pegadas.

Essa capacidade de interação com a paisagem deixa transparecer algo perdido por Cardini: a habilidade de interação com o mundo. A saída de Monte Redondo coincide com o início de uma viagem sem retorno para os espaços interiores, para uma introspecção e um isolamento dos quais o protagonista não consegue nem aparentemente tenta escapar. O primeiro sinal de afastamento em relação ao mundo exterior e do início da trajetória para uma existência solitária e de sofrida autossuficiência aparece quando é descrita a viagem que levou o menino até Cataguases, primeira parada de uma jornada para longe de tudo que realmente chegou a ter importância para ele. A partir desse instante, a personagem volta-se para dentro, e os lugares vão perdendo importância. Esse momento é mostrado a seguir:

Cataguases, pela primeira vez: os telhados e as lajes das casas tristonhas, de um pé direito muito baixo, enterradas em becos, em vielas, cada vez mais ajuntadas, paredes azuis e janelas verdes, paredes verdes e janelas azuis, paredes brancas, sujas úmidas muitas e muitas paredes que ficaram por pintar, emusgadas na barra, pichadas ou sem reboco. Os quintais, as amuradas, os muros, cercas de bambu, quintais sem muros, os varais e os pregadores de roupa... *Quê que era aquilo, dentro dele? Quê que era aquilo?* Enrodilhado. (CESÁRIO, 2004, p. 40)

A partir daí, a viagem prossegue. O percurso espacial percorrido pela personagem corresponde a outro, realizado internamente. Configura-se a fuga, a ruptura com qualquer tipo de envolvimento emocional. Ele tem um destino a cumprir e lança-se estoicamente a essa tarefa:

No dia seguinte, Juiz de Fora. Dois anos após estava no Rio de Janeiro, que, afinal, era um mundo menos na porta de Vargem Alegre, um abrigo cujos habitantes, tipo de

gente antiga, invocava Santa Bárbara, quando caia raio, se apavorava com eclipse e tinha fé de que trovão seja castigo divino. Fugia dos cafezais, das serras corcovadas de São Sebastião da Vargem Alegre. Foi fazer o que haviam fiado para ele. (CESÁRIO, 2004, p. 41)

Cardini reconhece, no período que ele mesmo considera o “ocaso de uma existência”, que solitário e misantropo passara a zanzar pelos espaços. Em sua varanda, debruçada sobre um Rio Pomba silencioso e negro, nem a lua parecia brilhar para ele.

6.2 A arquitetura da cidade do príncipe e a alma de uma outra.

Dezembro indigesto apresenta contos passados em diversos espaços ficcionais, com a prevalência de dois em especial: Brasília e Cataguases, lugares marcantes na vida do autor (ver anexo 3). As cidades são retratadas de maneira fiel à realidade, percebendo-se claramente as influências de suas características no desenrolar dos eventos concebidos por Cagiano. Embora imponham presença na estruturação das tramas, há diferenças na forma como se configuram suas características, que, recriadas na ficção, desempenham funções distintas.

A capital do país, moderna, de arquitetura surpreendente, erguida no planalto central, fruto dos sonhos de uns, da mente criadora de outros e do trabalho braçal de muitos surge diante do leitor como uma cidade de amplos horizontes e imponentes estruturas. O que Brasília poderia representar, na imaginação de seus criadores, quando o projeto da nova capital foi colocado em prática por Juscelino Kubitschek nos idos dos anos cinquenta do século passado, não reverbera nos contos de Ronaldo Cagiano. Uma cidade dura, fria, de espaços amplos e paradoxalmente sufocantes é retratada pelo ficcionista. O ser humano como que sucumbe diante de um cenário em que prevalecem o aço, o vidro e o metal. As personagens parecem não ter relação afetiva com esse espaço, sentem-no como algo opressivo; uma máquina projetada não para servir, mas sim para fazer cumprir um propósito enigmático, misterioso, ignorado por aqueles que trafegam nas largas avenidas, escondendo-

se nas superquadras.

Cenário inóspito, pouco propenso a inspirar emoções ternas, Brasília é retratada em sua lógica excludente desde a construção. No conto “Retirantes”, apresenta-se a personagem Severino, sua mulher, Mariana, e os filhos. Saídos de Chapadão das Éguas, cruzando o agreste e o sertão do Nordeste, desembarcam espantados numa Brasília envolta na poeira das edificações sendo levantadas. O lugar ainda era um canteiro de obras gigantesco. A cidade que nascia do ventre do cerrado necessitava de gente resistente, acostumada à labuta e que aceitasse sem contestação as condições mais duras de trabalho. O nordestino não se fez de rogado. Cansado da fome na terra natal, trabalhou sem descanso, pois para ele o esforço compensava. O fato de conseguir prover o sustento para a família, recebendo salário certo ao fim do mês, com carteira assinada e direito a uma aposentadoria na velhice, tudo isso representava uma ascensão impensável anteriormente. Cenário pronto, cidade inaugurada, a personagem pressente que sofrerá novo revés. Erguida a capital, o homem percebe não haver mais a necessidade da corrida desenfreada contra o tempo. As construtoras começaram a reduzir seus quadros, já que o número de licitações caíra vertiginosamente. Sem ocupação, vê-se na contingência de retornar ao sertão. A máquina governamental não mais precisava de mão-de-obra barata e sem especialização. Os prédios de arquitetura arrojada destinam-se aos políticos, juízes e funcionários públicos que deveriam dirigir-se ao planalto central no intuito de fazer funcionar a nova capital. Aos excluídos restaram as cidades satélites ou a saída. Essa a escolha da personagem:

Quando o ônibus da Itapemirim saiu da rodoviária em direção ao Crato, repleto de bugigangas e nos pertences os sonhos, era um setembro seco e uma névoa cinzenta cobria a cidade. Quando atravessaram a divisa do Distrito Federal com o Estado de Goiás, a cidade dos sonhos havia sido engolida pelo planalto longínquo e o sol se ponto naquela hora triste avermelhava a paisagem — e decretava uma angústia, uma melancolia, uma sensação de derrota em seus corações. (CAGIANO, 2002, p. 105)

Segundo a tipologia sugerida por Max Weber, as cidades cuja vocação é sediar o

poder são chamadas de cidades do príncipe. Brasília incorpora esse conceito de forma essencial. É o cenário montado para a instalação das estruturas governamentais e, nesses casos, o fator humano é detalhe de menor importância.

O primeiro conto do livro de Ronaldo Cagiano tem como título “A ilha invisível”, e não seria um despropósito supor uma referência à expressão “ilha da fantasia”, maneira como a capital brasileira é chamada por alguns, uma crítica ao fato de os habitantes do lugar viverem uma realidade diferenciada daquela experimentada pelo resto do país. O narrador-personagem, Gusmão, encontra-se num ônibus e ressentido da tentativa do passageiro ao lado de tentar estabelecer comunicação. Investe-se de postura intransponível, rejeitando qualquer contato. Gusmão também é uma ilha. Reflete sobre um suicídio: uma mulher se lançara do alto de um edifício, gesto desesperado de alguém, como ele, perdido na paisagem que a tudo assiste impassivelmente. É assim que percebe mais esse drama urbano:

A derrota, sim, em carne e osso. Estava ali, finda, não esperou a morte chegar, foi ao seu encontro pela via da coragem insensata. (Só as torres gêmeas do Congresso Nacional testemunharam o gesto desesperado de um corpo que cai, com o mesmo silêncio e frialdade de sua arquitetura[...]. (CAGIANO, 2002, p. 25)

As impressões sobre a cidade, transmitidas por esse narrador angustiado, revelam um espaço onde a indiferença prevalece, uma arquitetura para impressionar os olhos, alimentar sonhos, mas impossibilitar contato. As avenidas são “artérias endoidecidas” percorridas por “animais metálicos”, cenário que, ao inibir a interação, ancora o ser humano em isolamento. O parágrafo de abertura descortina uma visão da cidade e mostra o narrador entretido em sua leitura, insensível à paisagem urbana árida e indisponível ao outro:

Depois que o Grande Circular deixava a W-3 e contornava a pista de retorno em frente ao Corpo de Bombeiros para penetrar no amplo sistema viário que leva ao Setor de Embaixadas, ao Aeroporto, à Via L-2, ao Núcleo Bandeirante e à Saída Sul, percebi o sujeito ao meu lado a tentar o diálogo, mas meus olhos detidos numa leitura intensa e sedutora de *A morte Feliz*, de Camus, não haviam me permitido desviar o rosto para aquela criatura que me fitava, com a intermitência de olhares esquivos, desde que eu tomei o coletivo no ponto perto do Brasília Rádio Center.

(CAGIANO, 2002, p. 21)

Em situação oposta à de Gusmão encontra-se Stelamaris, de “O rosto perdido”. Essa personagem busca algo além dela. Pensa ouvir seu nome chamado por um transeunte e parte em busca desenfreada para estabelecer contato. Novamente Brasília é descrita de maneira a dificultar o entrosamento. Na tentativa de encontrar o desconhecido que a chamara, a mulher tem de ir em oposição à cidade, como se enfrentasse uma correnteza contrária, a exercer resistência. O trecho abaixo descreve parte da cena:

Sei que ele se desviava das pessoas, ziguezagueando pelo viaduto cheio de gente, contornando as placas indicativas de obras do metrô, e irrompia naquela passarela apinhada de pessoas que iam e vinham, à hora do almoço, em direção ao Conic, ao Conjunto Nacional, às plataformas sujas da rodoviária do Plano Piloto. E, como mais um na multidão, avançava, sem ser notado, apenas eu o notara e aquele sussurro no meu ouvido já parecia um grito, e eu, curiosa, sem saber quem era, o que queria o rapaz do terno, gravata e pasta 007, saí em seu encalço, furando a multidão. (CAGIANO, 2002, p. 133)

O episódio, narrado pela própria Stelamaris, não deixa transparecer a existência de interação entre a personagem e a cidade onde habita. O trajeto que ela perfaz diariamente representa nada mais que um espaço a ser percorrido entre o trabalho e o lar, percurso a ser vencido e não lugar onde possam florescer relacionamentos.

O cenário de horizontes infinitos, espaços assustadores preenchidos por belos e frios edifícios é alterado em “Contraponto”. Aqui, a cidade convulsiona-se, o povo toma as ruas de maneira abrupta, desafiando a lógica da capital projetada, onde o planejamento racional destinou separar tudo de acordo com sua função, deixando próximo só o que é semelhante. O espaço, alterado por fatores inesperados, modifica, então, o rumo do destino das personagens que nele transitam. Num dia de novembro, quando a parcela mais pobre da população de Brasília, revoltada com os rumos da economia, parte para a violência, tentando de forma desordenada expressar descontentamento político, dois velhos militantes se reencontram:

Pois foi depois do quebra-quebra na rodoviária do Plano Piloto — ainda estão vivas na memória as imagens daquele motim: ônibus incendiados, a ira do povo a se insurgir contra medidas duras e aumento de preços, o cruzado perdendo seu poder de compra, a moeda americana supervalorizada, o desemprego, a miséria, os ingredientes da farsa econômica indispondo os ânimos — sim, foi nesse dia que eu reencontrei. (CAGIANO, 2002, p. 145)

O momento vivido por Tavinho e Letícia assemelha-se a um parêntese aberto pela quebra da rotina urbana. Partem para um bar e revivem instantes decisivos de suas vidas. Repassam as trajetórias individuais, as dores, as derrotas e a acomodação inevitável. Durante as horas em que estiveram juntos, enquanto a cidade agitava-se lá fora, ambos sentiram-se novamente fazendo parte de alguma coisa. Dia clareando, Brasília já recomposta do susto, o parêntese é fechado, cada um parte carregando solidão.

O outro centro urbano retratado de forma recorrente na ficção de Ronaldo Cagiano é Cataguases. Faz-se necessário, no entanto, esclarecer, desde já, o fato de as diferenças no tratamento dado à capital brasileira e à pequena cidade mineira ocorrerem mais na forma pela qual elas participam das tramas do que em aspectos como tamanho, população e importância político-econômica.

Antes de analisar a relevância de Cataguases no desenrolar das tramas criadas por Cagiano em *Dezembro indigesto*, e guardando sempre em mente a lembrança de a cidade retratada nos contos ser fruto da imaginação do autor e não aquela real, seria proveitoso, para melhor desenvolvimento da análise, realizar uma breve apresentação do lugar. Escondida entre as montanhas da Zona da Mata, e sofrendo um doloroso processo de decadência nas últimas décadas, o município não é conhecido de muitos.

Fundada em 7 de setembro de 1877, a pequena localidade desenvolveu-se às custas da cafeicultura. A aristocracia rural da região soube perceber a mudança dos ventos na economia quando o café produzido no Vale do Paraíba e na Mata mineira passou a perder mercado com a chegada dos grãos cultivados no interior paulista. Alguns fazendeiros resolveram, então, lançar-se a uma nova aventura e acreditaram na industrialização, como

aponta Luiz Ruffato:

Com a decadência irremediável do café na Zona da Mata mineira, a aristocracia transmutar-se-ia em burguesia urbana. Em 1905, os coronéis Joaquim Gomes de Araújo e João Duarte Ferreira, o doutor Norberto Custódio Ferreira e o major Maurício Eugênio Murgel fundaram a Fábrica de Fiação e tecelagem Cataguases, adquirida em 1911 pelo português Manuel Ignácio Peixoto. Os referidos doutores Norberto Custódio Ferreira e coronel João Duarte Ferreira, juntos com o doutor José Monteiro Ribeiro Junqueira, lançaram as bases para a fundação da companhia Força e Luz Cataguases-Leopoldina, inaugurada oficialmente em 14 de julho de 1908. Em breve, Cataguases tornou-se um importante centro industrial na região, exportando seus produtos, principalmente têxteis, para o resto do país. (RUFFATO, 2002, p. 28)

O trecho transcrito acima confirma um fenômeno que não se deu em outros municípios mineiros, com exceção de Juiz de Fora, outro pólo industrial pujante no princípio do século XX. Dessa forma, Cataguases diferenciou-se das cidadezinhas vizinhas, cujas economias ainda continuaram atreladas à agropecuária. Como foi apontado no capítulo inicial deste trabalho, importantes foram os frutos advindos desse *boom* econômico: a cinematografia de Humberto Mauro, a revista *Verde* e posteriores manifestações literárias, arquitetônicas e plásticas.

As últimas décadas testemunharam uma reviravolta no perfil econômico da cidade, afetado negativamente pela perda de representatividade da Zona da Mata no contexto mineiro e pelos problemas enfrentados pela indústria de modo geral. Em sua dissertação de mestrado pela Universidade Federal Fluminense, o geógrafo Gérson Romero de Oliveira Filho, aponta as vicissitudes a atingir a parque fabril local:

As revoluções tecnológicas, liberalização comercial e financeira, desregulamentações e abertura de mercados inseriram a economia brasileira num ambiente de competitividade internacional. Segundo Mendes, centenas de fábricas têxteis foram fechadas no Brasil durante a década de 1990. A concorrência internacional afetou diretamente a indústria têxtil de Cataguases, produzindo efeitos negativos como fechamento de fábricas, demissões e férias coletivas. (OLIVEIRA FILHO, 2006, p. 138).

É a cidade atingida pela desaceleração de seu impulso desenvolvimentista inicial que

surge, com maior frequência, retratada na ficção de Cagiano. A estagnação, a pobreza e falta de perspectivas marcam o perfil desse espaço por onde circulam personagens quase sempre melancólicos, angustiados ou atormentados por uma nostalgia indefinida.

Cataguases extrapola a definição de espaço ficcional, visto que a cidade tem personalidade, alma e interage com as personagens, exercendo sobre elas profunda influência. A paisagem física se confunde com a humana, mesclando-se e transformando-se em uma entidade que impele os habitantes a tomar determinadas atitudes e, muitas vezes, a determinar-lhes humores e condições psicológicas.

A personagem Marilena, de “Encontros, desencantos: exício”, tem relação ambígua com sua terra natal. Deixou o lugar ao perceber a inutilidade de continuar ali, onde o futuro já estava traçado: emprego medíocre, tédio e solidão. A vida num grande centro possibilitou-lhe independência financeira, mas também deixou-lhe a certeza de algo perdido. Um dia, finalmente, a mulher retorna, com o pretexto de visitar a velha mãe. Na verdade, trata-se de um reencontro com ela própria e com a cidade que a impelira em busca de novos rumos. Ao chegar, não constata que ambas estão diferentes: ela e a cidade transformaram-se. Estranham-se agora. Apesar de os prédios públicos, as pontes, o cemitério, continuarem todos como quando partiu, sente-os modificados, ao contrário dela, que se pensava a mesma: “o lugar era outro, mas ela não”. Abaixo segue a descrição da chegada:

Hoje não reconhecia mais a cidade de antanho. Antes de atravessar a Ponte Nova, ganhar a Praça Rio Barbosa e chegar à Avenida, lançou os olhos por cima do casario da vila Minalda e divisou, num olhar distante e triste, o túmulo onde estavam o pai e o irmão, e ficava bem perto da amurada que separa o cemitério da rua que margeia o rio Pomba. (CAGIANO, 2002, p.231)

A volta a Cataguases provoca um deslocamento no tempo e a personagem revive uma cidade não mais existente: “Os pensamentos fluíam desconexos e perturbavam seus olhos naquele cenário estranho da mulher de agora. Onde o seu lugar de outrora?” (CAGIANO, 2002, p.234). É determinante na caracterização de Marilena o elo com sua terra.

Ela retorna para dialogar com o lugar, para nesse embate com o passado tentar traçar novos rumos. Não há necessidade de trocar idéias com outras pessoas, de buscar respostas com antigos conhecidos, pois a própria cidade, com sua linguagem sem palavras, será capaz de lhe proporcionar material suficiente para reflexão. Imagens e sons, a reacender tristezas, saudades e questionamentos a perseguem todo o tempo. A Matriz de Santa Rita de Cássia causa-lhe profunda impressão:

[...] os sinos repicando sem parar anunciando mais que o fim do dia, o degedo, a pausa, a solidão, o desencanto, o destino interrompido, os caminhos que se descruzaram num momento de imperceptível transição em cuja vida e Lena parecia ouvir ao longe a voz da ambigüidade em todas as coisas[...] (CAGIANO, 2002, p.239)

Foi bastante proveitosa a viagem da personagem. A possibilidade de diálogo com seu passado, materializado na paisagem física e humana de Cataguases, promovera transformações inesperadas. Ao entrar no ônibus que a levaria a São Paulo, um passo havia sido dado, velhos fantasmas exorcizados e algumas dúvidas resolvidas. Ela estava, finalmente, autorizada a, sem amarras, construir a vida. A cidade, por certo, não era apenas uma foto na parede ou na memória, mas conseguiria prosseguir mesmo longe dela.

Em “Horizontes de Espantos”, Cagiano faz uso de recurso também utilizado em outros textos: rebatiza a cidade, que aqui passa a chamar-se, indicativamente, Desterro. No entanto, de forma proposital, o autor deixa indícios claros que relacionam a cidade da ficção à real. A personagem narradora fala do município espremido entre o rio e a montanha, de Santa Rita, da maria fumaça cortando o centro e levando-a embora. Vários são os pontos de contato entre este e o conto anterior. Duas personagens saem de suas cidades em busca de oportunidades, conseguem progredir, embora não tenham alcançado sucesso na vida pessoal. Por motivos variados, retornam à terra natal. O que chama a atenção em “Horizontes de espantos” é o fato de nessa trama o mais importante conflito ocorrer entre a personagem e o espaço para onde foi forçada a retornar, para o enterro de uma irmã. Desterro (ou Cataguases) exerceu papel preponderante na vida desse ser ficcional, que, de acordo com as próprias

palavras, viveu na insularidade da metrópole, onde teve de exilar-se. Não ficam claros os motivos reais que levaram a personagem a abandonar a cidadezinha. Talvez sejam vários fatores aglutinados numa só entidade que passa a ter vontade própria, mata e expulsa. As linhas abaixo comprovam essa teoria:

Venho aqui não para o choro que me agride e se contorce querendo irromper num turbilhão desenfreado. Vim para ver Madalena pela última vez e voltar às minhas origens, mas longe daqui, desta cidade espremida entre o rio e a montanha que me matou e me levou pra bem distante. (CAGIANO, 2002, p.126)

Aguça a curiosidade do leitor o fato de Cataguases aparecer sempre retratada como um lugar impelindo os cidadãos a abandoná-lo, uma fonte geradora de insatisfação. Seus ares inquietam as personagens, forçam-nas a conflitos psicológicos e a buscar sempre algo além. Este quadro não condiz com a imagem que comumente se tem do local, em geral associado ao cinema de Humberto Mauro, às aventuras modernistas da *Verde* e aos movimentos culturais que continuam a florescer por lá.

“*In extremis*” tem como espaço ficcional a cidade mineira. O protagonista, Germano, é um homem atormentado com a rotina. Insatisfeito, misantropo, percorre as ruas diariamente, em desespero silencioso. Os principais símbolos de Cataguases são descritos: o apito da Fábrica Velha, a Casa de Saúde, a Vila Teresa, a Ponte Nova e outros tantos. Essas referências, que em outros contextos serviriam para enaltecer a originalidade e beleza da terra, provocam-lhe irritação. Como as personagens dos contos anteriores, ele se sente angustiado, insatisfeito, mas não cogita na hipótese de mudança, da busca de horizontes mais largos. O preço pago por isso é enorme. Se aqueles que partiram têm de conviver com a dor da ausência, ao menos algum alento encontram na existência. Germano, não. Ficou e a cidade o enlouquece, leva-o ao limite do sofrimento.

Em alguns casos, a cidade é mais incisiva, não recorre a sutilezas, expulsa. Tal fato se dá principalmente quando personagens femininas vão de encontro a códigos morais

supostamente anacrônicos. Isso ocorre em “Quase esboço de um conto inacabado” e “*Short story*”. Este termina de maneira bastante esclarecedora. Nele se vê a fuga de uma mulher do julgamento coletivo, já que condenada por um relacionamento adúltero.

Um conto difere de modo radical dos acima citados. “Encontros” é, fundamentalmente, um reencontro com a Cataguases mítica do princípio do século XX. Um lugar a atrair as pessoas interessadas em conhecer o local que havia possibilitado o surgimento de produções artísticas tão importantes. Neste texto, Cagiano imagina uma fictícia visita de Franz Kafka ao interior mineiro. A cidade é retratada em seu instante mais fecundo:

Quando Franz Kafka chegou a Cataguases, sem nenhum alarde, naqueles primeiros anos do último século (o cometa Halley havia riscado o céu na sua penúltima passagem neste milênio), viu-se diante de uma cidade pequena ainda, mas avançando em suas rupturas. Era à tarde, uma tarde sem sol e enigmática. (CAGIANO, 2002, p.39)

A passagem do famoso escritor pelo lugar foi rápida, fugaz como as manifestações culturais produzidas por lá. Percebe-se, ao se relacionar este conto com os demais, que a cidade idílica cedeu lugar a uma outra, de personalidade melancólica. Não tendo conseguido realizar seus sonhos, ela produz levas de personagens frustrados, carregando o ônus de não poderem concretizar algo que não sabem exatamente o que seja.

Ismênia, protagonista do conto de “Metamorfose”, desenvolve uma trajetória de ajustamento com o espaço ficcional em que transita e também consigo mesma. No princípio da narrativa, é descrita como uma mulher amarga, presa às convenções impostas por uma sociedade retrógrada. Aceitava o peso da tradição, o ranço de costumes antigos e não conseguia perceber as belezas que a cercavam. Após transformação interna e externa, coloca o espaço numa perspectiva que a favoreça, submete-o a sua força, à vontade de usufruir do que tem direito. Abaixo pode-se ver esse momento:

Ismênia voltou a ser gente, sem caras, sem máscaras. Assovia com os pardais que habitam os oitizeiros da rua. Faz troça com o verdureiro do Largo da Estação. Responde às cantadas dos ferroviários que trabalham no ramal da Leopoldina. Vai ao Cine Machado nas matinês de sábado ver Mazzaropi, mais que às quermesses da igreja da Vila. E já foi vista assistindo à Novilha rebelde, numa matinê dominical do Cine Edgard. E vive agora seu apogeu, sem receio de ficar velha, sem medo de ser feliz. (CAGIANO, 2002, p.55)

A cidade também é redimida com a revolução operada em Ismênia. O fato de uma personagem ser capaz de viver momentos felizes exime o espaço da culpa pela insatisfação de tantas outras. A corajosa mulher consegue impor à paisagem exterior aquilo que vai dentro de si.

6.3 São Paulo: última parada

Como afirmado no capítulo 2 deste trabalho, a cidade de São Paulo é a personagem central do romance *eles eram muitos cavalos*. A imaginação de Ruffato recria na ficção as vidas dos habitantes da pujante megalópole. A pluralidade é a tônica, a multiplicidade prevalece, as mais distintas situações são apresentadas e representantes de todo o espectro social são retratados. O elemento a conectar todas essas experiências é a cidade, suas ruas, prédios, miséria e luxo. A batalha diária pela sobrevivência, pelo direito de almejar algo além da mera subsistência, a possibilidade de ser e ter são fatores que encontram na capital paulista o espaço perfeito para impulsionar as personagens e deflagrar os conflitos. Entretanto, a cidade, que de acordo com a classificação de Max Weber, é um centro produtor, parece ter vontade própria, criando empecilhos, destruindo sonhos e desviando trajetórias. Tudo é transformado e segue rumo diferente daquele imaginado pelas personagens, pois a lógica de São Paulo impõe-se.

A maior cidade da América do Sul de princípio revela uma de suas vocações, a de ser o destino de brasileiros de todas as regiões, que insistentemente buscam uma chance onde se concentra mais riqueza no país. O capítulo 6 tem início ao narrar-se a vinda de uma senhora

nordestina para o Sudeste, ao encontro de um filho há muito longe dela: “A velha, esbugalhada, tenaz grudada na poltrona número 3 da linha Guaranhuns-São Paulo, não dorme, quarenta e oito horas já, suspensa, a velocidade do ônibus, [...]”.(RUFFATO, 2001, p. 16) A história dessa mãe aborda a questão da incerteza de quem abandona um universo conhecido e parte numa aventura cujas consequências são imprevisíveis. Ela padece com o desconforto da viagem, mas aflição maior é o medo diante da insegurança do porvir. O texto termina em aberto, sem que o leitor seja informado se ela será bem recebida: “Na rodoviária, de pé, esfrega as mãos.” (RUFFATO, 2001, p.18)

À cidade das oportunidades dirigem-se também aqueles a alimentar sonhos de grandeza, fama e fortuna. Para Fran, atriz desempregada, não há sucesso na tentativa. Amarga um ostracismo doloroso após fugazes “quinze minutos” de notoriedade. A moça vê São Paulo manifestar-se como um universo hostil. A atmosfera do lugar contrasta com as memórias de uma vida mais tranquila. O apartamento minúsculo, num endereço sem nenhum *glamour*, a deprime tanto quanto a espera por um telefonema, um convite de trabalho que nunca se realiza. A encruzilhada em que se encontra a personagem expõe uma situação corriqueira: aquela dos milhares que, ao optarem por buscar em São Paulo a realização profissional, deixam de levar em conta as possíveis adversidades. A cidade, conhecida por receber a todos sem distinção, é exigente, pouco acolhedora. O pragmatismo e a mentalidade capitalista não permitem que seja diferente. O lugar é para os fortes, que possuem armas necessárias para vencer.

O taxista do capítulo 41 é um desses batalhadores que vencem, caem e levantam-se novamente. Talvez, por isso, São Paulo seja para ele muito mais que uma cidade. A personagem assim descreve sua trajetória:

Saí de casa muito cedo, menino ainda. Desci do norte de pau-de-arara. Se o senhor soubesse o que era aquilo... Um caminhão velho, lonado, umas tábuas atravessadas na carroceria, servindo de assento, a matula no bernal, rapadura e farinha, dias e dias de viagem, meu deus do céu! Mas posso reclamar não. São Paulo, uma mãe

para mim. (RUFFATO, 2001, p. 87)

Se para essa personagem a cidade revela-se maternal, outra faceta aparece mais comumente na ficção de Luiz Ruffato. A São Paulo áspera, sufocante, cujo concreto não favorece o florescer de sensações doces e pensamentos poéticos. As características tantas vezes atribuídas à cidade, ao acumularem-se, transformam-na também em algo mais que mero espaço geográfico, pois a impressionante presença de tão poderosa chega a confundir quem nela se encontra. O capítulo 45 mostra uma personagem no desconforto de um ônibus urbano, refletindo sobre sua relação com a cidade: “são paulo relâmpagos (são paulo é o lá fora? É o aqui dentro)” (RUFFATO, 2001, p. 94). Não há como deixar de sentir o espaço como algo mais que isso, de tão determinante a sensação de opressão causada pela falta de amplitude, paz e horizontes.

A maior capital do país também é recriada na ficção como terreno fértil para aqueles cujos apelos da ética tornam-se inaudíveis diante da possibilidade de ascensão social ou profissional. Personagens corruptos ou corrompidos, que denunciam a falência dos valores no modelo político praticado no país. O capítulo 46 tem por título “O prefeito que não gosta que lhe olhem nos olhos”, e descreve o alcaide a quem se atribui contas no exterior, apartamento *triplex* nos Jardins e a chefia de uma quadrilha responsável por esvaziar sistematicamente os cofres municipais. As atitudes do político não provocam indignação numa outra personagem, de posição bastante subalterna, funcionário assalariado da prefeitura que, através de pedido pessoal, conseguiu emprego nos quadros públicos para um familiar. O favor recebido com grande satisfação e agradecimento apagou da consciência do cidadão toda e qualquer crítica concernente ao comportamento do prefeito. Não há culpados, tampouco inocentes. A sobrevivência, em qualquer quadrante social da metrópole paulistana, parece ir de encontro aos preceitos éticos.

Em “Política”, o capítulo 51, o leitor vê-se diante do relato de um empregado pessoal

de político, que narra com certo orgulho e admiração as aventuras do patrão com prostitutas jovens e caras. As orgias, todas cercadas de muito sigilo, são acompanhadas de álcool e drogas. O final surpreendente do capítulo fica por conta do funcionário ao desvincular os eventos que presencia do cenário político como um todo:

Aí eu saio, tranco a porta, e fico no hall do hotel conversando com o barman, que é meu amigo, e ele sempre especula que merda é aquela lá em cima e eu sempre digo que não sei e nem quero saber, porque não tenho nada com isso e a gente fica então conversando sobre política, que é um assunto que eu gosto e ele também. (RUFFATO, 2001, p.109)

A personagem do capítulo 4, um jovem oriundo de Minas Gerais buscando o sucesso em São Paulo, também capitulou diante da face sombria da cidade. Possui carro do ano, belo apartamento e desfila com um Rolex no pulso. Há quatro anos na cidade, dois deles como bancário, conheceu a bonança ao ingressar em uma corretora por cujo caixa dois é o responsável. Não demonstrando ter escrúpulos, aceita participar do esquema espúrio.

Os três exemplos discutidos acima não são, entretanto, uma norma a ser percebida na trajetória da maioria das personagens. As situações criadas pelo autor simplesmente confirmam a impressão de que a cidade oferece, sim, caminhos tortos para se alcançar o sucesso, e aqueles desprovidos de escrúpulos aproveitam-se de todas as chances para alcançar os objetivos, que nem sempre garantem bem estar emocional e paz interior.

Falência de valores éticos e corrupção não constituem fenômenos exclusivos de grandes centros urbanos como São Paulo. Fazem-se presentes, infelizmente, em todos os lugares onde os interesses pessoais estão em jogo. Mesmo tendo esse dado em mente, não há como deixar de perceber que a cidade cuja economia mais impulsiona o crescimento do país é também um local em que a sensação de impunidade acentua-se de forma proporcional ao aumento da proteção oferecida pelo anonimato. Ela facilita o surgimento de oportunidades para aqueles propensos a atos desonestos e exerce forte magnetismo em pessoas buscando enriquecimento rápido e prazeres inconfessáveis.

eles eram muitos cavalos apresenta outras facetas de São Paulo que não as da riqueza e poder. A miséria insiste em se manifestar, denunciando antigas mazelas brasileiras, como má distribuição de renda e oportunidades desiguais. A capital financeira do país mostra-se repetidas vezes hostil para com substancial parcela da população. A pobreza em diversos níveis aparece na ficção de Luiz Ruffato, sem que com isso a vida da cidade recriada em sua obra deixe de prosseguir ou se altere devido a dramas individuais.

O capítulo 17 inicia-se com um jovem acordando assustado para enfrentar mais um dia de verdadeira maratona à procura de emprego. O estado emocional do rapaz é resultado da consciência dos obstáculos a vencer. O maior deles talvez não seja a escassez de vagas para pessoas pouco qualificadas ou o ambiente sufocante das salas de espera das empresas contratadoras. A cidade pouco amistosa, o trânsito caótico, o barulho, a faina incessante de seus habitantes, tudo isso é para ele um fardo. O trecho a seguir exemplifica como a metrópole se apresenta ameaçadora e inóspita:

Toma o ônibus até a estação Saúde do metrô, baldeia na Sé para a estação República. Da escada-rolante emerge, o Edifício Itália funda-se nos seus ombros, a fumaça de carros e caminhões tuchos de acarajés coxinhas quibes pastéis, vozes atropelam-se, amalgamam-se, aniquilam-se, em bancas revistas, jornais, livros usados, pulseiras brincos colares gargantilhas anéis, lã em gorros ponches blusas mantas xales, pontos de ônibus lotados, trombadinhas, engraxates, carrinhos de pipoca, doces caseiros, vagabundos, espalhados caídos arrastando-se bêbados mendigos meninos drogados aleijados. (RUFFATO, 2001, p.39)

Ao sair dos túneis do metrô o peso da paisagem recai sobre o rapaz. O caos é tamanho que as imagens se fundem formando um quadro confuso e sem nexos. Como num filme de terror, o cenário parece se encher de figuras decrepitas que se avolumam ameaçadoramente, deixando a impressão de que a personagem pode ser engolida pela turba a qualquer instante.

Passada a vertigem, a realidade impõe-se sem oferecer reconforto. Diante da cidade só lhe resta avançar, como quem nada contra forte correnteza, mesmo prevendo a inutilidade

do esforço:

Rua Conselheiro Crispiniano, Rua Xavier de Toledo, Rua Bráulio Gomes, Praça Dom José Gaspar. Avenida São Luís, Avenida Ipiranga. Estacado na calçada oposta, fuma vagorosamente, observa a entrada do prédio, um restaurante-a-quilo em baixo, três degraus, mármore amarelado, quinas quebradas. Lá em cima, sétimo andar, deve haver, numa sala pequena e sóbria, divisórias de madeira, sentado e enigmático atrás de uma mesa abarrotada de pastas coloridas, uma estante de metal cinza às costas, impenetráveis livros contábeis, um terno-gravata, décima entrevista em dois meses, *Décima entrevista!* (RUFFATO, 2001, p. 40)

Famosa pela sofisticação e riqueza, a capital dos paulistas surge agressiva e impiedosa na ficção de Luiz Ruffato. Para muitas das personagens que nela depositam esperanças, a cidade se mostra, e o relato acima exemplifica isso, como junção de componentes perversos a dificultar a vida de alguns dos habitantes.

São Paulo, sobreposição de diversas facetas, revela-se também como a personificação da violência, sem dúvida seu momento mais cruel. Muitos estudos vêm buscando encontrar explicações e apontar rumos para que esse problema, comum aos grandes centros do país, mas até o presente instante assiste-se a uma monótona sucessão de episódios a indignar o público, caindo logo a seguir em esquecimento. A rotina ininterrupta de crimes bárbaros e outros menos escandalosos parece ter afetado de tal forma a população, que se tem, por vezes, a triste certeza da perda de esperança da sociedade, a incorporar a violência como um fardo indissociável da vida moderna.

Luiz Ruffato deixa essa realidade transbordar em sua obra. A violência urbana é a tônica de grande parte dos conflitos retratados pelo autor em *eles eram muitos cavalos*. Ela irrompe nas mais diferentes formas; da mais abjeta, como em chacinas ou assassinatos por motivos torpes, àquelas menos impressionantes: assaltos ou brigas, por exemplo. Prevalece sempre, entretanto, a noção equivocada de ser algo a se tolerar, não obstante o imenso sofrimento que, via de regra, é imposto às vítimas.

A cidade, portanto, não protege, agride. Já que a impunidade grassa no país, e

raramente os malfeitores são presos e punidos, ganha corpo a idéia de que a violência é uma entidade sem rosto, ou a materialização de uma perversidade inerente à metrópole.

No capítulo 13, a agressão estúpida e gratuita é retratada através de um evento triste na trajetória de uma simpática personagem, uma professora de escola de periferia. Representante de um grupo de pessoas que se esforça por transformar para melhor a realidade, a profissional da educação fica desolada ao encontrar o local de trabalho completamente destruído. Ao leitor não são fornecidas explicações para o fato; tampouco fica sabendo quem são os culpados. A informação talvez seja dispensável, já que não é difícil fazer suposições pertinentes. Fica somente a impressão do sentimento da personagem:

Puxada, empurrada, vozes choramingas, “A hortinha, a hortinha...”, conduziram a tia ao quintal: à sua frente, fuçadas as leiras, legumes e verduras repisados, arrancados, enterrados, brotos de cenouras, beterrabas, alfaces, couves, tomates, tanto carinho desperdiçado, nunca mais vingariam, as crianças caminhando, com cuidado, por entre os pequenos cadáveres verdes, olhos baços, e ela, até onde a vista alcança, observa as escandalosas casas de tijolos à mostra, esqueletos de colunas, lajes por acabar, pipas singrando o céu cinza, fedor de esgoto, um comichão na pálpebra superior esquerda e a solidão e o desespero. (RUFFATO, 2001, p.30)

A disseminação do medo, da insegurança, intensifica-se quando a sociedade se dá conta da inoperância dos órgãos oficiais responsáveis por garantir o direito à vida, ao ir e vir com tranquilidade. Nesse contexto desvirtuado, em que poucas vezes fica-se sabendo de penalidades aplicadas a delitos, uma mão incorpórea parece agir, atingindo aleatoriamente representantes de todos os extratos sociais. No discurso cotidiano, aponta-se, então, a violência da cidade, como se fosse ela o cérebro a comandar o movimento da invisível mão.

Uma personagem de *eles eram muitos cavalos* derruba os argumentos de quem defende o ponto de vista exposto anteriormente. As armas causadoras de ferimentos e mortes não se materializam espontaneamente provenientes do vácuo. Maciço derrame desses artefatos realiza-se clandestinamente por intermédio da ação de abastados contrabandistas. Um instante na vida de um desses homens que fazem fortuna com a venda de armas é recriado

no capítulo 28. Em um carro blindado, protegido dos perigos que ele próprio contribui para aumentarem, a personagem dedica-se a uma ação a contrastar com seu cotidiano de comercialização ilícita de armamentos. Ao buscar o filho na escola, enquanto a criança come inocente um sanduíche, o homem refaz sua trajetória. Assim termina a narrativa:

Tanto sacrifício, no final não desse uma guinada, teria encarnado mais um, como seus pais, que Deus os tenha, e como provavelmente seus filhos: zes-ninguém. Em portas de cadeias, “pessoas, contatos”. Pequenos serviços, favores, quase - um revólver numeração raspada para um cliente – galgaram intermediação de armas contrabandeadas, Miami. Visionário, agora, nas linhas da palma macia de suas mãos, unhas bem tratadas, lêem-se
Portos, aeroportos, pistas de pouso clandestinas, pontes, rios,
Estradas
Por onde borbulham
Pistolas Glock austríaca e Jericó israelense
Submetralhadoras Uzi israelense e FM argentina
Fuzis russos AK-47, austríacos Rugger 223, suíços Sig Sauer
Rifles AR-15, M-16
Senta-se frente ao filho, nugget no molho barbecue, “E aí, está gostando?”
(RUFFATO, 2001, p. 62)

A atividade criminosa do homem de negócios escusos permite a chegada de todo o tipo de armamento à periferia. A combinação de pobreza e armas de fogo é letal. Assim um rastro de tragédias é traçado. A imaginação do autor cria dois quadros que ilustram a galeria de dramas de verossimilhança indiscutível apresentada no romance. Em um deles um sarmento e esquelético cão de rua testemunha uma chacina, em que três pessoas são aniquiladas. A morte banaliza-se num ambiente degradado onde animal e ser humano se confundem. O cachorro e os três corpos são meros incômodos a perturbar a rotina do lugar. Os três homens assassinados são ignorados e o vira-latas, por ainda se mexer, é expulso com requintes de maldade. Outro exemplo de brutalidade, com consequências fatais, é retratado no capítulo 38. Uma funcionária de loja de roupas, a entreter-se com seus pensamentos, é abruptamente interrompida quando um assaltante adentra o espaço, arma em punho, exigindo dinheiro. Por nervosismo ou indiferença, a arma, colada na testa da moça, dispara. A obra de Ruffato encerra-se com dois personagens, marido e mulher, acordados no meio da noite pelos gemidos de alguém na porta da casa. A solidariedade, característica definidora do ser humano,

sucumbe diante do medo e da violência. A lei da selva impera na maior cidade do país. O diálogo que fecha o romance diz tudo, abaixo segue o trecho final:

— Parou...

— O quê?

— Parece que parou...

— O quê?

— A gemeção...

(Pausa)

— É... Parou mesmo... Vamos lá agora?

— Não!

— Por quê?

— Porque...porque ainda pode ter alguém lá... E aí? Melhor dormir...Vai...vira pro canto...vira pro canto e dorme...Amanhã...amanhã a gente vê...Amanhã a gente fica sabendo...Dorme...vai... (RUFFATO, 2001, p. 150)

Das três obras analisadas nesse estudo, *eles eram muitos cavalos* é aquela em que o espaço adquire dimensão mais destacada. São Paulo é a personagem central, a verdadeira protagonista pairando acima e por detrás de todos os protagonistas. O romance inicia-se como um diário, com direito a data, características meteorológicas e santo do dia. A partir daí a cidade revela as entranhas de concreto, metal, fumaça, carne e osso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As obras abordadas neste estudo apresentam, sem dúvida, características bastante distintas. Fernando Cesário, Ronaldo Cagiano e Luiz Ruffato, com estilos próprios, produzem obras esteticamente diferenciadas. Isso não impede que se perceba, claramente, a opção pela criação de tramas povoadas por personagens a sofrer com a condição de estarem de alguma forma à margem. É o outro, o marginal, o discriminado, o estranho, que povoa as histórias dos três autores mineiros. Ainda que usando de estratégias específicas, cada um, a seu modo, é impelido a escrever abordando a temática da alteridade.

Fernando Cesário constrói um romance psicológico. O narrador mergulha no universo interior da personagem central. Faz um painel detalhado dos dilaceramentos a que pode se lançar um ser humano resistente a qualquer contato que alivie a solidão. A velhice sombria, atormentada pela decrepitude e proximidade da morte, a atmosfera sufocante da casa em que o homem se encerra, as águas turvas do rio que corre silencioso e soturno, chamando-o a afogar-se em suas profundezas, as ruas escuras percorridas por ele nas madrugadas solitárias, todos esses elementos conferem ao livro uma atmosfera única. Aliado a isso, sobressai-se, também, o cuidado do autor com as palavras, que conferem tom original às vivências da personagem, cujas características não provocam empatia inicial. Inegável, entretanto, e espera-se que isso isto tenha ficado evidente, é o fato de o eixo principal da narrativa girar em torno da temática da recusa ao outro. Esse é o grande drama de Antônio Cardini. Presos à herança cultural européia, os membros da família não conseguem romper as barreiras que os separam dos demais habitantes da localidade para onde se dirigiram. A personagem carrega esse fardo. Ao rechaçar as diferenças, decreta a si a sentença de viver alijado de relacionamentos de qualquer espécie. Acumulam-se as situações em que conflitos eclodem silenciosos, alimentados por preconceitos e medos que definem a própria essência deste ser ficcional. Ressente-se da presença feminina e rejeita o ritmo e sabor da terra

brasileira. Questionamentos à luz da teoria freudiana sugerem uma sexualidade reprimida, muito embora afirmações categóricas soem infundadas. O que se pode apontar é uma ligação profunda de Cardini com a figura materna, na infância, em contraposição a um estranhamento em relação a todas as mulheres, ao tornar-se adulto. Absolutamente só no exílio cataguasense, restam-lhe memórias saudosas e o embate diário com a presença cada vez mais próxima da morte.

O autor de *Alma de violino*, além do cuidado com as palavras, agrega ao texto outros aspectos. Quando desvia o foco da sequência óbvia dos fatos e realça os dramas psicológicos, logra imprimir à narrativa a capacidade de provocar profunda agitação psíquica. O texto de Fernando Cesário não é de leitura fácil, mas transborda de significados semiocultos e impressões duradouras.

eles eram muitos cavalos não poderia ter ritmo mais antagônico. Luiz Ruffato propõe-se a traçar um painel da maior cidade do Brasil. Nele estão retratados velocidade, violência, descontinuidade, esperança, enfim, o material de que se constitui a vida das pessoas. A batalha diária dos habitantes da metrópole é transposta para a ficção de forma bastante fiel. Essa parece ser a intenção do autor. A fantasia se veste do real levando ao leitor dramas banalizados pela azáfama diária, mas que, através da literatura, ganham dimensão assustadora e impossível de ser ignorada.

Há a opção de se dar voz àqueles que raramente são ouvidos. Miseráveis, marginalizados, oprimidos, desgraçados de toda sorte saltam das páginas dessa obra surpreendente. Ao deixá-los ganhar vida através de sua ficção, o autor revela-se um grande contador de histórias. Essa imaginação fértil e a capacidade de capturar a alma de tais seres ficcionais e materializá-las na página escrita possibilitam uma empatia do leitor para com tipos humanos que, na vida real, seriam possivelmente desqualificados por ele.

As mulheres também ganham destaque nesta obra. Não formam um grupo uniforme, embora todas enfrentem dificuldades provocadas pela mentalidade androcêntrica ainda

prevalente na sociedade. Vê-se a dona-de-casa sem perspectivas, a profissional com jornada dupla — fora e dentro do lar—, e a miserável a levar uma vida subumana. O autor consegue apreender o sofrimento diferenciado daquelas que, por almejarem um futuro melhor, abandonam suas raízes e rumam à cidade, sem prever os obstáculos que as esperam.

Desenraizamento e desterritorialização são conceitos que se devem ter em mente para compreender a trajetória das personagens criadas em *eles eram muitos cavalos*. Ruffato concebe criaturas sem ligação com o espaço que habitam. Muitos são migrantes, que, ao abandonar as regiões onde nasceram, passam a levar existências desprovidas dos referenciais familiares, culturais e religiosos. Lançados num universo em constante mobilidade, não conseguem ancorar-se, sentem-se perdidos, à mercê de forças sobre as quais não têm qualquer controle. Não é de se surpreender que a violência seja um dado tão palpável em um contexto como esse. Desaparecidas as estruturas afetivas a cercear impulsos repreensíveis, e vendo-se em posição desconfortável numa sociedade regida pela lógica do consumo, muitos partem para a criminalidade. Como na vida real, os atos ilícitos, muitas vezes, parecem compensar. A cidade transforma-se num cenário, onde impera o vale-tudo pela sobrevivência. Num universo onde valores como solidariedade e retidão perdem terreno, a sensação de desalento e incredulidade ganha espaço. Passam todos a ser competidores desumanizados numa corrida sem sentido.

Dezembro indigesto desenrola-se em outros cenários e, muito embora os dramas na obra representados sejam, também, em grande parte, decorrentes das mesmas mazelas a afligir os “cavalos” de Ruffato, há no livro de Cagiano um ritmo mais cadenciado, um olhar que se demora com cuidado nas angústias existenciais.

Estão presentes na coletânea de contos as personagens obrigadas a abandonar o local onde nasceram para buscar melhores condições alhures. Há a família de nordestinos que, após terminada a construção de Brasília, vê-se impedida de continuar na Capital. Depara-se, em outro instante, com um casal de retirantes a vagar desoladamente pela árida paisagem

nordestina, na esperança de um milagre improvável. Num outro espaço ficcional, um grupo de forasteiros chega a uma cidade levantando suspeitas e provocando estranheza. A todo instante as criaturas estão se movimentando, sem conseguir fixar raízes, criar laços duradouros.

A sensibilidade do autor está sintonizada com a questão da opressão às mulheres, principalmente nas pequenas cidades brasileiras. Através de narrativas que buscam reproduzir ambientes cuja atmosfera é definida pela repressão sexual e códigos morais hipócritas, o autor apresenta o sofrimento de personagens femininas que ousaram quebrar regras injustas. A represália é tão insuportável, que a saída é o abandono do lugar, na tentativa de uma nova oportunidade onde não tenham de se submeter a todo tipo de humilhação.

O texto de Ronaldo Cagiano tem como característica o equilíbrio entre ação e reflexão. A sequência dos eventos envolve o leitor como nos melhores folhetins, mas, paralelamente, depara-se com o grande fluxo de idéias e pensamentos das personagens, a levar o leitor a instâncias inesperadas. O ficcionista conclama a uma análise de mazelas brasileiras e de questões existenciais, produzindo uma literatura que entretém o leitor, instigando-o a um processo de investigação das questões que afligem o ser humano.

As personagens concebidas nas três obras originam-se de processos criativos próprios de cada autor. São caracterizadas de acordo com as tendências de seus criadores. Ruffato possui uma escrita nervosa, imaginação fértil e estilo conciso. É capaz de, em poucas linhas, estruturar um ser ficcional, expondo-o num momento significativo. Todos os elementos importantes na história da personagem condensam-se no curto período de tempo em que a trama se desenrola. O escritor consegue deixar forte impressão a cada episódio, lançando mão de um estilo elegantemente conciso. Por outro lado, a personagem central do romance de Fernando Cesário vai surgindo lentamente diante do leitor. Não há necessidade de impor pressa à caracterização. Em consonância com a personalidade arredia do protagonista de *Alma de violino*, a narrativa não se propõe a expô-lo, a entregá-lo ao primeiro olhar. Há que se observá-lo pausadamente em seus fóbicos e silenciosos embates frente a possíveis

contatos sociais e, também, quando rememora o passado. Só assim é dado a conhecer a criatura que provoca tantos sentimentos contraditórios.

Ronaldo Cagiano domina a arte da composição de quadros habitados por seres que se formam à medida que deixam fluir sentimentos e emoções com facilidade. Apresentam-se de peito aberto, são generosos para com o leitor; não o poupam de detalhes, mesmo os mais dolorosos ou insólitos. Nos contos em terceira pessoa percebe-se a necessidade do narrador de desvendar o que está velado. Os contos de *Dezembro indigesto* deixam em evidência a postura do ficcionista ao abrir mão do pudor, ao abdicar do silêncio, das meias palavras e lançar-se inteiro, expondo-se através das criaturas forjadas por sua imaginação.

A leitura das obras dos três autores de Cataguases descortina visões de um Brasil cujo passado rural foi abandonado abruptamente. As cidades transformadas por esse fenômeno são agora espaços por onde circulam pessoas em busca de uma nova identidade. Se o interior oprime, dificulta o crescimento pessoal, os grandes centros não fornecem respostas satisfatórias às necessidades de pertencimento, proteção, aconchego e justiça. Nesses cenários conflagrados circula o homem contemporâneo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GERAL

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

AGUIAR, Neuma. *Gênero e ciências humanas*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

ANGERAMI-CAMON, Valdemar Augusto. *Solidão: a ausência do outro*. São Paulo: Pioneira, 1990.

ARENDT, Hannah. *Sobre a violência*. Trad. André Duarte. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

BANDITER, Elisabeth. *Um é o outro: relações entre homens e mulheres*. Trad. Carlota Gomes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

BAUMAN, Zygmunt, *Medo líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. *Identidade: entrevista a Benedito Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1985.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

_____. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BRAIT, Beth. *A personagem*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2006.

CALVINO, Ítalo. *Cidades Invisíveis*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

CANDIDO, Antonio et. al. *A personagem de ficção*. 11. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981

CARRANO, Márcia. *Conveniência*. Disponível em: < www.palavreiros.org/festivalmundial/brasil/minasgerais/.html >. Acesso em: 25 jun. 2008.

_____. Sem acalanto. In: *Marginais do Pomba*. Cataguases: Fundação Cultural Francisco Inácio Peixoto, 1985.

_____. *Porção de Tintas*. Juiz de Fora: Funalfa, 2003.

_____. Belo Horizonte. In: *Mais trinta mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira*. Luiz Ruffato (org.) Rio de Janeiro: Record, 2005.

CEVASCO, Maria Elisa. *Dez lições sobre estudos culturais*. São Paulo: Boitempo, 2003.

COHEN, Jeffrey Jerome. A cultura dos monstros: sete teses. In: SILVA Tomaz Tadeu da. (org.). *Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

COSTA, Levy Simões da. *Cataguases centenária*. Cataguses: Edição do Autor, 1977.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio.

_____. *Introdução à literatura no Brasil*. 17. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CULLER, Jonathan. *Teoria literária: uma introdução*. São Paulo: Beca, 1999.

CUNHA, Helena Parente (org.). *Desafiando o cânone: aspectos da literatura de autoria feminina na prosa e na poesia (anos 70/80)*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.

DERRIDA, Jacques. *O animal que logo sou*. São Paulo: UNESP, 2002.

DUARTE, Constança Lima. O cânone literário e a autoria feminina. In: AGUIAR, Neuma. (org) *Gênero e Ciências humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

EAGLETON, Terry. *Teoria literária: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ELIADE, Mircea. *Mitos, sonhos e mistérios*. Trad. Samuel Soares. Lisboa: 70, 1989.

FONSECA, Rubem. *Romance negro e outras histórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FREITAG, Bárbara. *Teorias da cidade*. Campinas: Papyrus, 2006

FREUD, Sigmund. O estranho. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. XVII p.275-317.

GARCIA-ROSA, Luiz Alfredo. *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

GENOVESE, Eugene. *A terra prometida: o mundo que os escravos criaram*. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1988.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HEIDEGGER, Martin. A questão da técnica. In: _____. *Ensaio e conferências*. Petrópolis:

Voices; Bragança Paulista: Universitária São Francisco, 2002.

_____. A coisa. In: _____. *Ensaio e conferências*. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Universitária São Francisco, 2002.

_____. *A origem da obra de arte*. Trad. Idalina Azevedo da Silva e Manuel Antônio de Castro. Mimeo, 2006.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Cultura e desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

ICFTU (Confederação Internacional dos Sindicatos). <http://economia.uol.com.br/ultnot/efe/2009/03/04/ult1767u141428.jhtm> Acessado em 15/09/2009.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/populacao/pop_Censo2000.pdf. Acessado em 18/09/2009.

KAUFMAN, Pierre. *O dicionário enciclopédico de psicanálise – o legado de Freud e Lacan*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

LÉVINAS, Emmanuel. *Entre nós: ensaios sobre alteridade*. Petrópolis: Vozes, 2004.

LIMA, Tereza Marques de Oliveira, MONTEIRO, Conceição. (org.). *Representações culturais do outro nas literaturas de língua inglesa*. Niterói: Vício de Leitura, 2001.

LIPOVETSKY, Gilles. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarola, 2004.

MAFFESOLI, Michel. *Notas sobre a pós-modernidade: o lugar faz o elo*. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.

MASSAUD, Moisés. *A criação literária*. 4 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

MEIRELES, Cecília. *Romanceiro da Inconfidência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1979.

_____. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1999.

NICÁCIO, Astolfo Dutra. *Biografia de Astolfo Dutra: Um líder mineiro na república velha*. Rio de Janeiro: Renovar, 2000.

NOVAES, Adauto (org.) *Civilização e barbárie*. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

OLIVEIRA FILHO, Gérson Romero de. *Análise dos impactos sócio-ambientais da organização do espaço industrial de Cataguases*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal Fluminense, 2006.

ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento). Atlas Racial Brasileiro. http://www.pnud.org.br/publicacoes/atlas_racial/ARB-Trabalho_Infantil_e_Feminino.doc. Acessado em 18/09/2009.

POUND, Ezra. *ABC da literatura*. São Paulo: Cultrix, 1991.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 72. ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1997.

REIS, Paulo. (org.). *República das etnias*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2000.

RESENDE, Enrique de. *Pequena história sentimental de Cataguases*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1969.

RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como um outro*. Campinas: Papyrus, 1991.

RÜDIGER, Francisco. *Martin Heidegger e a questão da técnica*. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *O canibalismo amoroso*. 4. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

SANTIAGO, Silviano. *O cosmopolitismo do pobre*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

SANTOS, José Ferreira dos. *O que é pós-moderno*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Epistemology of the Closet*. Berkeley/Los Angeles: University of California, 1990.

SILVA Tomaz Tadeu da. (org.). *Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SIMMEL, George. A Metrópole e a Vida Mental. In: VELHO, Otávio G. (org.). *O Fenômeno Urbano*. Ed. Guanabara, Rio de Janeiro, 1987.

SODRÉ, Néelson Werneck. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

SORMAN, Guy. *À espera dos bárbaros*. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1993.

TODOROV, Tzvetan. *Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

_____. *O homem desenraizado*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia Pa atualidade*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

VELHO, Otávio G. (org.). *O Fenômeno urbano*. Ed. Guanabara, Rio de Janeiro, 1987.

WEBER, Max. Conceito e categorias de cidade. In: VELHO, Otávio G. (org.). *O Fenômeno Urbano*. Ed. Guanabara, Rio de Janeiro, 1987.

XAVIER, Elódia. *Declínio do patriarcado: a família no imaginário feminino*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos ventos, 1998.

DOS AUTORES

CAGIANO, Ronaldo. *Dicionário de pequenas solidões*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2006.

_____. *Concerto para arranha-céus*. Brasília: LGE, 2004.

_____. *Dezembro indigesto*. Brasília: Secretaria da Cultura do Distrito Federal, 2002.

CAGIANO, Ronaldo; GUERRA, Jacinto. *O prazer da leitura*. Brasília: Thesaurus, 1997.

_____. *Alma de violino*. Rio de Janeiro: Fundação Escola de Serviço Público, 2004.

CESÁRIO, Fernando. *Os algozes do sono*. Juiz de Fora: d'lira, 2000.

RUFFATO, Luiz. *estive em Lisboa e lembrei de você*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *Os ases de Cataguases*. Cataguases: Instituto Francisca de Souza Peixoto, 2002.

_____. *eles eram muitos cavalos*. São Paulo: Boitempo, 2001.

_____. *Histórias de remorsos e rancores*. São Paulo: Boitempo, 1998.

ANEXOS

ANEXO 1

ENTREVISTA COM FERNANDO CESÁRIO

Esta entrevista foi realizada através de *e-mails* trocados entre o escritor e o autor deste trabalho no dia 16 de setembro de 2009.

- 1- Existe alguma relação entre sua obra e os trabalhos de Luiz Ruffato e Ronaldo Cagiano?

Penso que, se existe, é tão somente pelo fato dos personagens transitarem pelo mesmo solo, pelo mesmo cenário, e até mesmo por alguns deles procederem de uma mesma classe socioeconômica, com suas problemáticas, suas realidades de “vida”. No mais, cada um de nós tem seu estilo próprio, o que é óbvio, cada um tem enfoque diferente e, penso eu, cada um sofre influências bastante diversas.

- 2- Poderia comentar sobre seu singular trabalho com as palavras? O quanto essa riqueza estética é fruto de um esforço consciente do autor?

A minha concepção de literatura vem do conceito de que, do mesmo modo que artistas plásticos lidam com as cores, que cineastas, com as imagens, que compositores, com as notas musicais, a literatura lida com palavras, com o som e, obviamente, o significado das palavras. É a matéria-prima, o barro a ser moldado, a madeira a lapidar.

Por essa razão, invejo a capacidade de concisão existente, por exemplo, num Mário Quintana. Este o meu modelo de perfeição. Até porque todas as histórias já foram escritas, desde os gregos da antiguidade, passando por Shakespeare e etc. Então, fazer uso do termo exato é o desafio; aquele que transmita sonoridade e seja capaz de provocar o encantamento da alma humana, a magia, o êxtase.

- 3- O protagonista de *Alma de violino*, Antônio Cardini, é atormentado por todo tipo de temor. Dentre eles, encontra-se o medo e a rejeição da figura feminina. Gostaria de que falasse um pouco sobre essa questão.

Na verdade, o dito personagem apresenta várias formas de medo e, acredite, não havia me dado conta desse componente de rejeição da figura feminina (coisa só detectada por leitura arguta e cuidadosa). Bom, penso que talvez a personalidade de Antônio Cardini, um misantropo descomedido, contribua para compreendermos essa sua característica. É um indivíduo arredio e que não se adapta em lugar algum. Como esperar de tal personalidade um perfeito relacionamento com a mulher? Acho que isso compõe a sua fragilidade, o seu comportamento enfermiço.

- 4- Concorda que o fato de pertencer a uma família de imigrantes colaborou para a misantropia de Cardini?

Não sei se o fato de ser imigrante em si justificaria tal comportamento. Penso que talvez as características psicológicas dos seres humanos, sim, sofrem influências do meio em que vivem, é bastante óbvio, porém imagino que muito resta ainda muito para conhecermos acerca dos determinantes biológicos, daquilo que vai marcado dentro da psiquê e que são governados por reações químicas, por moléculas, enzimas, essas coisas.

Talvez, numa visão psicanalítica, a resposta a esta pergunta seria um categórico “sim”.

- 5- Você percebe uma rejeição da personagem a certos aspectos da sociedade brasileira?

Não só à sociedade, mas também existem, na personagem, fortes componentes

ideológicos e até mesmo políticos e sociais, presentes, aliás, em todos os seres humanos. Não estou defendendo arte engajada, nem muito menos a condenando. O que digo é que o artista, queira ou não, tendo consciência disso ou não, jamais se desprende por inteiro de todo um conjunto de regras e de sentimentos e até mesmo de desejos íntimos que, inevitavelmente, interferirão no caminhar de suas criações.

- 6- Fale um pouco da Cataguases que aparece no romance e da influência da herança cultural da cidade real em sua obra.

O de que estou convencido é que a cidade, com sua herança cultural, exerce e exercerá sempre alguma forma de entusiasmo sobre alguns. Acredito que certas pessoas têm, dentro de si, duas características, as quais considero essenciais para o seu direcionamento para alguma(s) forma(s) de expressão(ões) artística(s): a sensibilidade e a energia criativa.

A primeira nos transforma em seres receptores, em indivíduos capazes de se excitar diante de um objeto de arte qualquer. A segunda é a que impulsiona no sentido, por exemplo, de se pintar algo nas paredes de uma caverna, há 40.000 anos atrás.

Para alguns — e não poucos —, que por aqui passaram, é quase inevitável se "deixarem picar pela mosca azul" e acaba que as gerações se sucedem há oitenta anos, como se se tratasse de uma corrida de revezamento.

Quanto à Cataguases que aparece no romance, como, de regra, a que surgirá em tudo aquilo que vier a produzir, é aquela que emana de meus sonhos, que irrompe das brumas da memória, dos nevoeiros dos meus vagueios.

ANEXO 2

ENTREVISTA COM LUIZ RUFFATO

Esta entrevista foi realizada através de *e-mails* trocados entre o escritor e o autor deste trabalho no dia 14 de setembro de 2009.

- 1- Você consegue perceber pontos em comum entre sua obra e os trabalhos de Fernando Cesário e Ronaldo Cagiano?

Em termos temáticos, naqueles livros em que nós três temos como espaço ficcional a cidade de Cataguases, há evidentes pontos em comum. Somos mais ou menos da mesma geração, da mesma camada social (a classe média baixa) e partilhamos os mesmos eventos. No que tange à apropriação desta realidade, há divergências, até porque o propósito da nossa escrita difere. Meus personagens certamente conheceram de nome os personagens do Cesário ou do Cagiano, mas dificilmente conviveram com eles. Também, do ponto de vista formal, creio que cada um tomou um caminho bastante diferente.

- 2- As mulheres em *elas eram muitos cavalos* são, em sua maioria, personagens bastante sofridas. Isso é inconsciente ou algo proposital?

A literatura é uma representação da realidade. A realidade das mulheres brasileiras, particularmente aquelas pertencentes ao meu universo ficcional, vivem o clima de opressão da sociedade machista, tendo de se desdobrar entre o trabalho doméstico e o ganha-pão, e ainda assim relegadas ao plano secundário. Restam para elas o devaneio ou o tranquilizante. Ou ambos.

- 3- Na São Paulo transportada para a ficção em *eles eram muitos cavalos*, há a prevalência de personagens marginalizados, oprimidos ou desajustados de alguma forma. Enxerga isso como mero reflexo da realidade, ou uma opção temática?

Em *eles eram muitos cavalos* tentei representar a cidade de São Paulo em sua inapreensível dinâmica. Há personagens pertencentes à burguesia, às classes média e alta, mas, como na vida real, a grande maioria da população é constituída por pobres e marginalizados. Portanto, se quisesse ser minimamente verossímil, o livro tinha que ter uma prevalência de personagens oprimidos ou desajustados.

- 4- A cidade emerge na obra como protagonista. Concorda com essa afirmativa? Acha que conseguiu captar a essência da metrópole em seu livro?

A idéia era esta, de ter São Paulo como protagonista do livro, numa forma desconstruída, que evidenciasse a incapacidade de narrar a dinâmica da cidade. Se conseguiu? Não sei...

- 5- A violência irrompe dolorosamente em alguns episódios do romance. A que atribui esse fenômeno, comum a São Paulo e a quase todas as cidades brasileiras?

A violência, na minha opinião, é um fenômeno complexo, com origem em vários planos diferentes e complementares. Sem dúvida, o primeiro e mais importante deles está ligado à questão social, ou seja, ao indecente abismo existente entre ricos e pobres no Brasil. Uma maior distribuição das riquezas produzidas no país aliviaria bastante a pressão sobre os mais pobres. Mas não resolveria o problema, porque há ainda outros fatores a considerar. Um deles, a onipresença do tráfico de drogas, uma ameaça ao poder público a

nível mundial, que, sem dúvida, alimenta-se da pobreza e da falta de perspectivas da população pobre, mas não se esgota apenas nisso, já que vive da demanda por drogas, espalhada por todo o globo. E, finalmente, um fator importantíssimo, nunca ou quase nunca lembrado, ligado ao fenômeno da desterritorialização, ou seja, da perda de identidade dos imensos núcleos imigrantes, deslocados de um lado para outro para servir aos interesses imediatos do poder econômico, sem planejamento e sem perspectiva futura. Quem se desloca perde não apenas os parâmetros afetivos imediatos, amizades, gastronomia, vocabulário, etc., mas principalmente sofre uma secção em sua história, ou seja, deixa de ser alguém sucessivo para ter que se reinaugurar enquanto sujeito. Ora, num mundo onde o sujeito se dissolve no anonimato, como se inventar como sujeito? Aquele que não tem visibilidade social tudo pode. Se ele não é visto por ninguém, também não vê. Se ninguém o respeita, também não respeita ninguém. Se ele não é para o outro, o outro também nada é para ele.

- 6- Poderia comentar sobre as influências, se existem, da herança cultural de Cataguases na sua obra.

Sinceramente, por ter nascido de uma família de imigrantes pobres, por ter estudado em escolas de periferia da cidade, por ter começado a trabalhar muito cedo, e por ter deixado a cidade ainda adolescente, não vejo absolutamente nada de herança da história cultural da cidade em minha obra.

ANEXO 3

ENTREVISTA COM RONALDO CAGIANO

Esta entrevista foi realizada através de *e-mails* trocados entre o escritor e o autor deste trabalho no dia 21 de setembro de 2009.

- 1- Consegue perceber pontos em comum entre sua obra e os trabalhos de Fernando Cesário e Luiz Ruffato?

Embora distintos no plano da realização formal, acredito numa interface dos nossos trabalhos com a realidade subjacente de Cataguases. Ela permeia toda nossa obra, na medida em que nos alimenta com cenários, personagens, ambientação geográfica e psicológica para a criação de contos, romances, novelas ou poemas. Não tenho dúvida de que nossa experiência existencial em Cataguases se comunica na nossa ficção, porque fornece referenciais humanos, sociais e históricos, que vão compor o mosaico de situações, dramas e tramas (re)construídos pelos autores. Por maior que seja a invenção, não há como escapar das influências da memória e da carga semântica e simbólica que nossas vidas (e a vida dos outros) oferecem. A literatura se nutre do real, já o disse Cyro dos Anjos.

- 2- Muitas de suas personagens são pessoas atormentadas, afastadas do convívio social, com dificuldades de interação. Isso é uma opção temática consciente?

Eu sempre me preocupei em entender a condição humana. Literatura para mim é essa tentativa de expressar o meu olhar (e ele tem que ter uma inclinação cirúrgica) sobre o mundo. È por essa mirada que eu procuro captar o que me incomoda, o que para mim é essencial e profundo na vida e nas re(la)ções pessoais e sociais. E hoje, por vivemos num mundo de

cosificação e etiqueta, onde o utilitarismo, o “ter” em lugar do “ser” e os fetiches do deus-mercado e da globalização colocam o homem para escanteio, a sua solidão contemporânea, a sua insularidade, a sua sensação de exilado na própria terra, de deslocado do mundo, que tanto dificultam sua comunicação e alteridade, acabam por povoar meu imaginário e deságuam na minha criação. Há, sim, uma consciência pessoal na recorrência desses temas no meu trabalho. Vejo a literatura não como uma tentativa de dourar a pílula, mas de dar o soco no estômago, provocar um salto dialético. Na linha do que disse Paul Auster, “um escritor só pode ser bom se tiver a honestidade de ir ao fundo, ao céu, ao inferno, doa o que doer”.

- 3- As personagens femininas, especialmente as que vivem em Cataguases, ou em localidades similares, são oprimidas sexualmente e sofrem quando optam por ter comportamento mais livre. Poderia falar um pouco sobre isso?

Ao mesmo tempo em que os dramas existenciais, as dores, delícias, pecados e frustrações e solidões humanas, também a transitoriedade da vida e a implacabilidade da morte incitam-me a escrever sobre suas esfinges e mistérios, a questão da opressão e da submissão da mulher não escaparam à minha expressão literária. Dessa forma, quis dar vez e voz aos seus pequenos dramas ou às suas expansões oníricas, não como libelo, denúncia, apologia, engajamento ou panfletarismo, porque disso a literatura está farta,. Procuo esboçar uma realidade sem dar-lhe contornos caricatos, mas revelando uma mulher que, apesar dos muros, não foge ao esforço de romper com suas amarras e desatar algemas históricas, ainda que vivendo numa sociedade que ainda guarda tantos sintomas escravocratas, em que a hipocrisia e o machismo ainda predominam.

- 4- Brasília é descrita como um lugar pouco hospitaleiro, um cenário que não favorece o contato humano. Concorda com a afirmação?

Em termos. Até o final dos anos 80, Brasília experimentou o estigma da transitoriedade, porque seu processo de consolidação como Capital e como centro urbano e humano ainda não havia se concluído. Desde os primeiros dias da Capital, o movimento migratório foi intenso, criando uma cidade artificial, heterogênea, culturalmente híbrida, sem rosto, sem afetividade. Foi um período muito difícil para que a cidade que lutava para se firmar tanto como centro de poder como domicílio definitivo para as famílias, pois muitos funcionários públicos chegavam à Capital e depois retornavam aos seus estados de origem, incapazes de se adaptar a um lugar ainda sem laços, como se estivessem presos a uma eterna maquete. Isso criou a sensação de que havia uma população flutuante e não criava vínculos, o que não favorecia os encontros, culminando na falta de solidariedade, a desertificação da convivência numa geografia naturalmente agreste, como é a do cerrado do Centro-oeste. Outro fator, é a estrutura da cidade, dividida em setores (habitacional, comercial, hospitalar, bancário, autarquias etc.). Essa segmentação acabou por criar ambientes estanques, o que favoreceu o isolamento e prejudicou o contato. O relacionamento, restrito às superquadras com seus imensos blocos de concreto semelhante a pombais, não havendo, portanto, interação e circulação entre bairros, como acontece no resto do país. Só depois de duas décadas, quando já havia uma população radicada em Brasília, constituída de funcionários públicos e privados adaptados à cidade, da qual nasceram filhos e netos, é que Brasília passou a ter sua identidade, gente com a cara, o sotaque e o sangue brasilienses, criando uma nova atmosfera de convivência. A literatura que se fazia até então, refletia, com muita intensidade e fidelidade, esse espectro, revelando a cidade sem esquinas, sem calor humano, sem passado, portanto sem história e sem hospitalidade. Já chegando aos 50 anos, Brasília hoje uma cidade como outra qualquer, tem corpo e alma e também os mesmos problemas dos grande centros do País, com vida e economia próprias. A geração nascida, e que vive em Brasília, já consegue expressar uma outra realidade, uma cidade diferente da que nasceu da prancheta, hoje forjada

em valores mais gregários. A literatura que se fizer a partir desses novos olhares, já vai apreender essa nova realidade, esses novos cenários, contando histórias a partir de uma vida que em tudo se parece com a vida de qualquer ser humano em qualquer lugar do mundo. Brasília não está mais adstrita aos quadriláteros político-administrativos dos cartões postais. É uma cidade que pulsa, vive e sofre.

- 5- Com raras exceções, Cataguases surge como um lugar castrador das possibilidades de crescimento humano e profissional. Você percebe essa denúncia em seus contos? Se a resposta for afirmativa, faz isso de forma proposital?

Como toda cidade do interior, onde são escassas as possibilidades de ascensão profissional, econômica e intelectual, Cataguases também tem seus gargalos no que diz respeito à oferta de oportunidades para aqueles que sonham em mudar de vida. Mas há os que preferem a vida sem ênfase, sem a angústia diante da necessidade ou exigência de atingir prosperidade ou da ascensão social. Para esses, não há busca de um a outro patamar de vida, portanto, não há estresse, pois não há ambição. Para muitos, “ser feliz/ é ser outro/ em outro lugar”, como diz um poema de Abgar Renault. É também sobre esses que me debruço, quando escrevo, porque o seu desejo de romper com os limites, que é o motor existencial, como a busca da liberdade, e com isso tento fazer uma reflexão sobre o comodismo, a passividade, o provincianismo e a alienação, que tanto me apavoram. Concordo com Borges, pois como ele, também entendo que “a literatura é revanche de ordem mental contra o caos do mundo.” Sem a literatura, que me permite denunciar tudo isso, seja do meu quintal ou fora dele, eu não sobreviveria. Para mim, literatura é pulmão, chão, teto, evangelho e libertação.

- 6- Como a herança cultural de Cataguases afeta sua literatura?

Ela tem um peso relevante em minha formação pessoal e intelectual. A percepção, desde muito cedo, da ilha cultural representada pelos diversos movimentos culturais e artísticos da cidade – do cinema, da literatura e da arquitetura – foram muito instigantes para mim. Ao lado da tendência natural para a leitura e a escrita, manifestada desde cedo nos bancos escolares, viver numa cidade com seus pruridos vanguardistas e o peso dessa tradição cultural, constituiu-se num estímulo decisivo e poderoso, uma alavanca permanente na minha busca pela expressão literária. Entendo que ela me afeta, sim, e também, por despertar-me um certo senso de responsabilidade estética, no sentido de corresponde às expectativas dos leitores, pois não é fácil ser de Cataguases, ninguém nasce, vive ou morre impunemente nesta cidade.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)